RESGATANDO A SUA FÉ DE UM CRISTIANISMO IMPOTENTE



DAVID PLATT

LAN
EDITORA

RESGATANDO A SUA FÉ DE
UM CRISTIANISMO IMPOTENTE



DAVID PLATT

LAN

Rio de Janeiro, 2015
www.edilan.com.br

COMENTÁRIOS SOBRE *RADICAL*

Em seu novo livro inspirador *Radical*, David Platt fornece um retrato poderoso da igreja na América hoje que, em pontos chaves, apresenta forte contraste ao que a Bíblia nos mostra sobre a pessoa e o propósito de Jesus Cristo. David desafia os cristãos a despertarem, trocarem os falsos valores, e agarrarem a noção de que cada um de nós é abençoado por Deus para um propósito global — tornar a glória de Cristo conhecida a todas as nações! Esta é uma leitura obrigatória para todo crente!

— WESS STAFFORD, presidente e CEO, Compassion Intl.

Nós temos entrado numa geração de jovens líderes que têm uma paixão por renunciar a valores amplamente aceitos, se necessário, a fim de abraçar completamente, compassivamente, e de todo o coração um sonho maior — a Grande Comissão. Eu nunca fui desafiado por um autor mais do que fui desafiado por David Platt. Leia *Radical*, seja abençoado, e seja transformado.

— JOHNNY HUNT, presidente, Convenção Batista do Sul, e pastor, Primeira Igreja Batista de Woodstock

Radical fará você alternar entre duas palavras: *ai* e *amém*. É isso o que duras verdades fazem. Elas nos desafiam a examinar a nossa vida e depois escolher o eterno ao invés do temporário. Leia *Radical* se você estiver pronto para viver diferentemente.

— GREGG MATTE, pastor sênior, Primeira Igreja Batista de Houston

O livro de David Platt deixará insatisfeito todo aquele que se comprometer com seu desafio — e diante de uma decisão: *Como será a fé autêntica na minha vida?* Este livro tem o potencial de revitalizar igrejas hoje para praticarem um estilo de vida radical e bíblico que pode transformar a sociedade e alcançar um mundo perdido.

— JERRY RANKIN, presidente, Comissão de Missões Internacionais, Convenção Batista do Sul

A Igreja do Senhor Jesus Cristo tem sido seduzida pelos ideais ocidentais do individualismo, do materialismo, e do universalismo. David Platt os expõe como inimigos do cristianismo autêntico e fornece um escape através de uma fé radical que leva a uma obediência radical. Eu não sou o mesmo após ler este livro. Eu creio que o mesmo acontecerá com você.

— DANIEL L. AKIN, presidente,
Seminário Teológico Batista do Sul

É quase impossível impedir que os ídolos da nossa própria cultura nos influenciem, queiramos que isso aconteça ou não. Nós precisamos que os nossos olhos estejam abertos! Precisamos ser desafiados. Neste livro desafiador e reflexivo David Platt nos mostra o caminho para viver para Alguém e algo maior.

— DARRIN PATRICK, pastor fundador,
The Journey, St. Louis

Às vezes as pessoas recomendam um livro dizendo: "Você não irá querer fechá-lo". Eu não posso dizer isso sobre este livro. Você irá querer fechá-lo sim, muitas vezes. Se você é como eu, ao ler as palavras de David Platt, se encontrará desconfortavelmente como alvo do Espírito Santo. Você verá até que ponto está acomodado com os ideais seculares. Porém, você encontrará aqui outro Caminho, um que você sabe que é verdadeiro, pois já ouviu sobre ele antes nas palavras do Senhor Jesus, talvez com mais força através do simples convite 'Siga-Me'.

— RUSSELL D. MOORE, reitor,
Seminário Teológico Batista do Sul

Através de uma análise profunda das Escrituras e testemunhos inspiradores de crentes que enfrentam perseguição, o meu amigo David Platt revela perigos sutis que enfraquecem a igreja na nossa cultura ocidental. *Radical* é o chamado urgente de que precisamos nos importar mais com as pessoas espiritualmente perdidas e fisicamente pobres do mundo.

— ED STETZER, presidente, LifeWay Research

RADICAL
Resgatando a sua fé de um cristianismo impotente
por DAVID PLATT
© 2015 Editora Luz às Nações

Coordenação Editorial | *Equipe Edilan*
Tradução e revisão | *Equipe Edilan*

Copyright © 2010, 2011 por David Platt. Originalmente publicado sob o título Radical em inglês por Multnomah Books, um selo de The Crown Publishing Group, uma divisão de Random House LLC, 12265 Oracle Boulevard, Suite 200, Colorado Springs, Colorado 80921 EUA. Publicada em associação com Yates & Yates, LLP, Attorneys and Counselors, Orange, California - www.yates2.com. Direitos internacionais contratados através de Gospel Literature International, P.O. Box 4060, Ontario, California 91761-1003 EUA.

Tradução publicada por acordo com Multnomah Books, um selo de The Crown Publishing Group, uma divisão de Random House LLC.

Publicado no Brasil pela Editora Luz às Nações, Rua Rancharia, 62, parte — Itanhangá — Rio de Janeiro, Brasil CEP: 22753-070. Tel. (21) 2490-2551. 1ª edição brasileira: maio de 2015. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação de dados ou transmitida por qualquer forma ou meio — seja eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro — sem a autorização prévia da editora.

Salvo indicação em contrário, todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional (NVI), Editora Vida. As outras versões utilizadas foram: Almeida Corrigida e Revisada Fiel (ACF), SBB; Almeida Atualizada (AA), SBB; Almeida Revista e Atualizada (ARA), SBB e NTLH (Nova Tradução da Linguagem de Hoje), SBB.

Por favor, note que o estilo editorial da Edilan inicia com letra maiúscula alguns pronomes na Bíblia que se referem ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, e pode diferir do estilo editorial de outras editoras. Observe que o nome “satanás” e outros relacionados não iniciam com letra maiúscula. Escolhemos não reconhecê-lo, inclusive a ponto de violar as regras gramaticais.

LAN
EDITORA
www.edilan.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P778r

Platt, David, 1979-

Radical : resgatando a sua fé de um cristianismo impotente / David Platt. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Luz às Nações, 2015.

2740Kb ; ePUB

Tradução de: radical
ISBN 978-85-99858-87-5

1. Deus. 2. Cristianismo. 3. Vida cristã. I. Título.

15-22755

CDD: 220.6
CDU: 27-276

15/05/2015 22/05/2015

Para Heather,
minha linda esposa e melhor amiga

sumário

1. Alguém por Quem Vale a Pena Perder Tudo
2. Sedentos Demais pela Palavra
3. Começando no Fim de Nós Mesmos
4. O Grande Porquê de Deus
5. A Comunidade Multiplicadora
6. O Quanto é Suficiente?
7. Não Há Nenhum Plano B
8. Viver Quando Morrer é Ganho
9. O Experimento Radical
Agradecimentos
Notas

CAPÍTULO 1



ALGUÉM POR QUEM VALE A PENA PERDER TUDO

O Que uma Entrega Radical a Jesus Realmente Significa

"O pastor de mega igreja mais jovem da História."

Apesar de eu contestar essa afirmação, foi o rótulo dado a mim quando fui pastorear uma grande igreja que estava prosperando no sudoeste dos Estados Unidos – a Igreja de Brook Hills em Birmingham, no Alabama. Desde o primeiro dia eu estava imerso em estratégias para tornar a igreja maior e melhor. Autores que eu respeito grandemente faziam declarações como: "Decida quão grande você quer que a sua igreja seja, e corra atrás disso, sejam cinco, dez, ou vinte mil membros". Em pouco tempo, o meu nome estava perto do topo da lista de pastores das igrejas que crescem mais rápido nos Estados Unidos.

Entretanto, eu me sentia um pouco apreensivo. Por um motivo: o meu modelo no ministério é um homem que passou a maior parte de seu tempo de ministério com doze homens. Um homem que, quando deixou esta Terra, tinha apenas 120 seguidores que de fato estavam por perto e fazendo o que Ele lhes havia dito para fazer. Realmente mais parecido com uma mini igreja. Jesus Cristo – o pastor de mini igreja mais jovem da História.

Então como eu iria conciliar o fato de que eu agora estava pastoreando milhares de pessoas com o fato de que o meu maior exemplo no ministério era famoso por fazer milhares de pessoas se retirarem? Sempre que a multidão se tornava grande, Ele dizia algo como: *"Se vocês não comerem a carne do Filho do homem e não beberem o Seu sangue, não terão vida em si mesmos"*.[1] Não era exatamente a tática mais inteligente

de crescimento de igreja. Eu posso quase imaginar a expressão no rosto dos discípulos: "Não, o discurso de beber o Seu sangue não! Nunca entraremos para lista dos movimentos que crescem mais rápido se Você continuar pedindo que eles Te comam".

Ao final daquele discurso, toda a multidão havia ido embora e apenas doze homens permaneceram.[2] Aparentemente, Jesus não estava interessado em fazer marketing pessoal para as massas. Seus convites para potenciais seguidores eram claramente mais exigentes do que as multidões estavam prontas para aceitar, e Ele parecia lidar bem com isso. Tanto assim que Ele focava nos poucos que criam Nele quando dizia coisas radicais. E através da obediência radical deles, Jesus mudou o curso da História para uma nova direção.

Eu logo percebi que estava na contramão da cultura da igreja ocidental em que o sucesso é definido por multidões maiores, orçamentos maiores, e prédios maiores. Eu estava agora sendo confrontado por uma realidade chocante: Jesus de fato rejeitava as coisas que a cultura da minha igreja dizia que eram mais importantes. Então o que eu deveria fazer? Eu me encontrava diante de duas grandes questões.

A primeira era simples. *Eu iria acreditar em Jesus?* Eu iria abraçar Jesus apesar de Ele ter dito coisas radicais que afastava as multidões?

A segunda questão era mais desafiadora. E*u iria obedecer a Jesus?* O meu maior medo, mesmo agora, é de ouvir as palavras de Jesus e sair andando, me contentando com menos do que uma obediência radical a Ele. Em outras palavras, o meu maior medo é fazer exatamente o que a maioria das pessoas fazia quando encontraram Jesus no século I.

É por isso que eu escrevi este livro. Estou numa jornada. Porém, estou convencido de que não é apenas uma jornada para pastores. Estou convencido de que essas questões são críticas para toda a Igreja. Estou convencido de que nós, como seguidores de Cristo, temos abraçado valores e ideias que não são apenas antibíblicas, mas que de fato contradizem o Evangelho no qual afirmamos crer. E eu estou convencido de que nós temos uma escolha.

Você e eu podemos escolher continuar vivendo de maneira comum na vida cristã e na igreja como um todo, desfrutando de sucesso baseado nos padrões definidos pelo mundo à nossa volta. Ou podemos dar uma olhada sincera no Jesus da Bíblia e ousar a

perguntar quais seriam as consequências se realmente acreditássemos Nele e realmente O obedecêssemos.

Eu convido você a se juntar a mim nessa jornada. Eu não afirmo ter todas as respostas. Ao contrário, tenho mais perguntas do que respostas. No entanto, se Jesus é quem Ele diz ser, e se Suas promessas são tão recompensadoras como a Bíblia diz serem, então podemos descobrir que a satisfação nas nossas vidas e o sucesso na igreja não são encontrados no que o mundo julga mais importante, mas na entrega radical a Jesus.

Poças de Lágrimas

Imagine uma sala mal iluminada com todas as persianas das janelas fechadas. Vinte líderes de diferentes igrejas locais sentados em círculo no chão com suas Bíblias abertas. Alguns deles com suor na testa depois de caminharem quilômetros para chegar ali. Outros sujos da poeira dos vilarejos de onde vieram de bicicleta de manhã cedo.

Eles haviam se reunido em segredo. Haviam intencionalmente chegado àquele lugar em horários diferentes ao longo da manhã a fim de não chamarem atenção para a reunião que estava acontecendo. Eles viviam num país na Ásia em que é ilegal se reunir dessa forma. Se fossem pegos, poderiam perder suas terras, seus empregos, suas famílias, ou suas vidas.

Eu escutava enquanto eles começavam a compartilhar histórias do que Deus estava fazendo em suas igrejas. Um homem estava sentado no canto. Ele era bem forte, e de certo modo exercia o papel de segurança. Toda vez que se ouvia uma batida na porta ou um barulho do lado de fora da janela, todos dentro da sala congelavam de tensão enquanto aquele irmão ia se certificar de que tudo estava bem. À medida que ele falava, sua aparência de durão logo revelou um coração tenro.

— Algumas pessoas na minha igreja têm sido afastadas por uma seita — ele disse.

Essa seita específica é conhecida por sequestrar crentes, levá-los para locais isolados, e torturá-los. Cortar a língua de irmãos e irmãs não é algo incomum.

À medida que ele compartilhava sobre os perigos que os membros de sua igreja estavam enfrentando, lágrimas brotavam em seus olhos.

— Estou sofrendo — ele disse — e preciso da graça de Deus para liderar a minha igreja em meio a esses ataques.

Uma mulher do outro lado da sala falou em seguida.

— Alguns membros da minha igreja foram recentemente confrontados pelos oficiais do governo.

Ela continuou:

— Os oficiais ameaçaram suas famílias dizendo que se eles não parassem de se reunir para estudar a Bíblia, iriam perder tudo que tinham.

Ela pediu oração dizendo:

— Eu preciso saber como levar a minha igreja a seguir Cristo, mesmo quando isso lhes custar tudo.

Eu olhei ao redor da sala, e vi que todos agora estavam em lágrimas. As lutas expressadas por aquele irmão e aquela irmã não eram isoladas. Todos olharam uns para os outros e disseram: "Nós precisamos orar". Eles imediatamente se colocaram de joelhos e, com o rosto no chão, começaram a clamar a Deus. Suas orações eram marcadas menos por linguagem teológica pomposa e mais por louvor e súplica sinceros.

— Ó, Deus, obrigado por nos amar.

— Ó, Deus, precisamos de Ti.

— Jesus, nós entregamos as nossas vidas a Ti e por Ti.

— Jesus, nós confiamos em Ti.

Eles choravam audivelmente diante de Deus à medida que um líder após outro orava. Após cerca de uma hora, a sala chegou a um silêncio, e eles se levantaram do chão. Abatido por aquilo do qual eu havia acabado de fazer parte, eu vi poças de lágrimas num círculo ao redor da sala.

Desde então, Deus tem me dado muitas outras oportunidades de me reunir com líderes em igrejas domiciliares secretas na Ásia. Homens e mulheres estão arriscando tudo para seguir a Cristo no continente asiático.

Homens como Jian, um médico asiático que deixou sua clínica bem-sucedida e agora arrisca sua vida e a de sua esposa e seus filhos a fim de fornecer cuidados médicos para vilarejos pobres enquanto treina secretamente toda uma rede de líderes de igrejas domiciliares.

Mulheres como Lin, que ensina no campus de uma universidade em que é ilegal pregar o Evangelho. Ela se encontra secretamente com universitários para falar sobre as declarações de Cristo, apesar de poder perder seu sustento por fazer isso.

Adolescentes como Shan e Ling, que têm sido enviados por suas igrejas domiciliares em seus vilarejos para passarem por preparação e estudo intensos a fim de levar o Evangelho às partes da Ásia em que não há nenhuma igreja.

Ling me disse:

— Eu disse à minha família que é provável que eu nunca volte para casa. Irei a lugares difíceis para tornar o Evangelho conhecido, e é possível que eu perca a minha vida durante o processo.

Shan continuou:

— Mas as nossas famílias entendem. As nossas mães e os nossos pais já estiveram na prisão por causa da fé deles, e nos ensinaram que Jesus é digno de toda a nossa devoção.

Um Cenário Diferente

Três semanas após a minha terceira viagem para as igrejas domiciliares secretas na Ásia, eu comecei o meu primeiro domingo como pastor de uma igreja nos Estados Unidos. O cenário era muito diferente. As salas mal iluminadas agora foram substituídas por um auditório com iluminação de teatro. Ao invés de viajarmos quilômetros a pé ou de bicicleta a fim de nos reunirmos para adorar, nós havíamos chegado em veículos que valiam milhões de dólares. Vestidos com nossas roupas finas, nós nos sentamos em nossos assentos acolchoados.

Para ser sincero, não havia muito em jogo. Muitos estavam presentes porque fazia parte da sua rotina normal. Alguns haviam vindo simplesmente para ver quem era o novo pastor. Porém, ninguém havia vindo arriscando sua vida.

Naquela tarde, multidões encheram o estacionamento do enorme campus da nossa igreja que custou milhões de dólares. Mães, pais, e seus filhos pulavam nos brinquedos infláveis. Discutia-se planos de usar o terreno vazio ao lado para construir campos e prédios de recreação ultramodernos para amparar mais eventos como aquele.

Por favor não mal interprete esse cenário. Estava cheio de cristãos maravilhosos, bem-intencionados, que creem na Bíblia e queriam me dar boas-vindas e desfrutar da

companhia uns dos outros. Pessoas como você e pessoas como eu, que simplesmente desejam estar em comunidade, que querem estar envolvidas numa igreja, e que creem que Deus é importante em suas vidas. Entretanto, como um novo pastor comparando as imagens à minha volta naquele dia com as memórias ainda frescas na minha mente de irmãos e irmãs no outro lado do mundo, eu não pude evitar de pensar que havíamos perdido em algum lugar no meio do caminho o que é radical acerca da nossa fé e substituído isso pelo que é confortável. Estávamos nos conformando com um cristianismo que gira em torno de atender a nós mesmos enquanto a mensagem central do cristianismo na verdade tem a ver com nos entregarmos.

Convencendo as Pessoas a Não Seguirem a Cristo

No final de Lucas 9, encontramos uma história sobre três homens que se aproximaram de Jesus, ansiosos para segui-lo. Porém, de forma surpreendente, Jesus parece ter tentado convencê-los a não fazer aquilo.

O primeiro homem disse: "Eu Te seguirei por onde quer que fores".

Jesus respondeu: *"As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça"*.[3] Em outras palavras, Jesus disse àquele homem que deveria esperar ficar sem teto ao longo da jornada adiante. Seguidores de Cristo não têm a garantia de que nem mesmo sua necessidade básica de abrigo será suprida.

O segundo homem disse a Jesus que seu pai havia acabado de morrer. O homem queria voltar, enterrar seu pai, e depois seguir Jesus.

Jesus respondeu: *"Deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos; você, porém, vá e proclame o Reino de Deus"*.[4]

Eu me lembro claramente do momento quando o meu próprio pai morreu inesperadamente de um ataque cardíaco. Em meio ao peso imenso dos dias seguintes e do profundo desejo do meu coração de honrar o meu pai em seu funeral, eu não consigo imaginar ouvir essas palavras de Jesus: *"Nem vá ao funeral do seu pai. Há coisas mais importantes para fazer"*.

Um terceiro homem se aproximou de Jesus e Lhe disse que queria segui-Lo, mas antes de fazê-lo, ele queria se despedir de sua família.

Jesus não permitiu. Ele disse ao homem: *"Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus"*.[5] Falando de forma simples, um relacionamento com Jesus requer devoção total, superior, e exclusiva.

Torne-se sem teto.

Deixe que outra pessoa sepulte o seu pai.

Nem sequer se despeça da sua família.

É de surpreender que, a partir de tudo que podemos ver em Lucas 9, Jesus obteve sucesso em persuadir aqueles homens a não segui-Lo?

A primeira vez em que ouvi uma pregação sobre esse texto, foi através dos lábios do Dr. Jim Shaddix. Ele era o meu professor de pregação, e eu havia me mudado para Nova Orleans especificamente para estudar com ele. Logo depois que cheguei lá, o Dr. Shaddix me convidou para viajar com ele para um evento em que ele estaria falando. Eu me sentei na fileira da frente numa multidão de centenas de pessoas, e escutei seu sermão começar.

"Hoje à noite o meu objetivo é convencer vocês a não seguirem a Jesus."

As minhas sobrancelhas se levantaram de surpresa e confusão. O que ele estava pensando? O que *eu* estava pensando? Eu tinha acabado de mudar a minha vida para Nova Orleans para estudar com um homem que persuade as pessoas a não seguirem a Jesus.

O Dr. Shaddix pregou o sermão exatamente como descrito em Lucas 9, dando avisos a potenciais discípulos sobre o que está envolvido em seguir a Jesus. No final, ele convidou as pessoas que queriam seguir a Jesus a irem à frente. Para a minha surpresa, muitos da multidão se levantaram de seus assentos e foram até lá. Eu fiquei sentando ali estupefato e comecei a pensar: *Então isso é apenas uma tática de pregação, tipo uma psicologia reversa santificada. E funciona. Fale para as pessoas que você irá convencê-las a não seguir a Jesus, e elas responderão em massa*.

Eu decidi que iria tentar aquilo.

Na semana seguinte, eu estava pregando para um grupo de jovens. Pegando uma deixa do Dr. Shaddix, eu me coloquei de pé orgulhosamente diante dos estudantes reunidos naquela noite e anunciei: "Hoje à noite o meu objetivo é convencer vocês a

não seguirem a Jesus". Eu pude ver os líderes do evento levantarem a sobrancelha de preocupação, mas eu sabia o que estava fazendo. Afinal de contas, eu estava no seminário há algumas semanas, e havia visto aquilo ser feito antes. Então eu preguei a mensagem e depois convidei os estudantes que queriam seguir a Cristo para virem à frente.

Aparentemente, eu obtive mais sucesso em pregar aquela mensagem do que o Dr. Shaddix havia obtido. Vamos simplesmente dizer que eu fiquei de pé ali na frente sozinho por um momento até que finalmente o líder que organizou o evento decidiu que era hora de eu encerrar a noite. Por alguma razão, nunca fui convidado de novo.

Ao contrário do que eu talvez tenha pensado sobre Lucas 9, Jesus não estava usando um artifício para alcançar mais seguidores. Ele estava simplesmente e ousadamente deixando claro desde o início que se O seguirmos, entregaremos tudo — as nossas necessidades, os nossos desejos, e até mesmo a nossa família.

Entrega Radical

Os eventos de Lucas 9 também não foram eventos isolados na vida de Jesus. Em outra ocasião, quando estava cercado de uma multidão de seguidores ansiosos, Jesus voltou-se para eles e fez uma observação: *"Se alguém vem a Mim e ama o seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até sua própria vida mais do que a Mim, não pode ser Meu discípulo"*.[6] Imagine ouvir essas palavras de um mestre judeu obscuro no século I. Ele já teria espantado a maioria de nós só com aquele *oi*.

Porém, depois Ele continuou: *"E aquele que não carrega sua cruz e não Me segue não pode ser Meu discípulo"*.[7] Agora Ele está levando isso a outro nível. *Pegue um instrumento de tortura e Me siga.* Isso está ficando muito esquisito... e um pouco assustador.

Como se não fosse o bastante, Jesus terminou Seu apelo a potenciais seguidores com uma conclusão que toca lá no fundo do coração: *"qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser Meu discípulo"*.[8] Renuncie a tudo que você tiver, carregue uma cruz, e odeie a sua família. Isso soa muito diferente de "Admita, creia, confesse, e repita essa oração comigo".

E isso não é tudo. Considere Marcos 10, outra ocasião em que um potencial seguidor apareceu. Ali estava um rapaz que era jovem, rico, inteligente, e influente. Ele era um

candidato primordial, para dizer o mínimo. Não apenas isso, mas também estava animado e pronto para segui-Lo. Ele foi correndo até Jesus, curvou-se a Seus pés, e disse: "*Que farei para herdar a vida eterna?"*[9]

Se estivéssemos no lugar de Jesus, provavelmente estaríamos pensando que aquela era a nossa chance. Basta dizer: "Faça essa oração, assine este cartão, abaixe a cabeça, e repita comigo", e esse rapaz já está dentro. Pense no que um rapaz como esse com toda a influência e prestígio que tem pode fazer. Podemos colocá-lo no circuito. Ele pode começar compartilhando seu testemunho, assinando livros, arrecadando dinheiro para a causa. Esse aqui é isca fácil — nós temos que pegá-lo.

Infelizmente, Jesus não tinha os livros de evangelismo pessoal que temos hoje, que nos dizem como puxar a rede e fechar o negócio. Em vez disso, Jesus disse a ele uma coisa: *"Vá, venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no Céu. Depois, venha e siga-Me"*.[10]

O que Ele tinha na cabeça? Jesus havia cometido o erro clássico de deixar o peixe grande escapar. O custo foi alto demais.

Entretanto, o tipo de entrega que Jesus pediu do rapaz rico está no coração do convite de Jesus ao longo dos Evangelhos. Até mesmo Seu simples convite a Seus discípulos em Mateus 4 — *"Sigam-Me"* — continha implicações radicais para a vida deles. Jesus os estava chamando para abandonarem os confortos de suas vidas, tudo que era familiar e natural para eles.

Ele os estava convidando para abandonar suas carreiras. Eles estavam redirecionando suas vidas inteiras para serem discípulos de Jesus. Seus planos e sonhos agora estavam sendo engolidos pelos Dele.

Jesus os estava convidando para abandonar seus bens. *"Deixem suas redes e os seus negócios como pescadores bem-sucedidos"* era o que Ele estava dizendo na realidade.

Jesus os estava convidando para abandonar suas famílias e seus amigos. Quando Tiago e João deixaram seu pai, vemos as palavras de Jesus em Lucas 14 ganharem vida.

Por fim, Jesus os estava convidando para abandonar a si mesmos. Eles estavam trocando a certeza pela incerteza, a segurança pelo perigo, a autopreservação pela auto-renúncia. Num mundo que preza o marketing pessoal, eles estavam seguindo um mestre que lhes disse para crucificarem a si mesmos. E a História nos conta o resultado. Quase todos eles perderiam suas vidas porque aceitaram ao convite de Jesus.

E Quanto a Nós?

Vamos nos colocar no lugar daqueles ávidos seguidores de Jesus no século I. E se eu fosse o potencial discípulo a quem Jesus disse para deixar suas redes? E se você fosse o homem a quem Jesus disse para nem sequer se despedir de sua família? E se Jesus nos dissesse para odiar a nossa família e desistir de tudo que temos a fim de segui-Lo?

É aqui onde chegamos face a face com uma perigosa realidade. Nós temos *mesmo* que desistir de tudo que temos para seguir Jesus. Nós temos *mesmo* que amá-Lo de uma forma que faz parecer que odiamos os nossos relacionamentos mais íntimos aqui neste mundo. E *sim*, é completamente possível que Ele nos diga para vendermos tudo que temos e doar aos pobres.

No entanto, nós não queremos crer nisso. Temos medo do que isso possa significar para as nossas vidas. Então inventamos justificativas para não considerar essas passagens. "Jesus não diria mesmo para não sepultarmos o nosso pai ou não nos despedirmos da nossa família. Jesus não quis dizer literalmente que deveríamos vender tudo que temos e doar aos pobres. O que Ele quis dizer era…"

E é aí que temos que pausar, pois estamos começando a redefinir o cristianismo. Estamos cedendo à perigosa tentação de pegar o Jesus da Bíblia e transformá-Lo numa versão retorcida do Jesus com o qual estamos mais acostumados.

Um Jesus legal e confortável. Um Jesus que não se importa com o materialismo e que nunca nos convidaria a abandonar tudo que temos. Um Jesus que não esperaria que deixássemos os nossos relacionamentos mais íntimos para que Ele receba todo o nosso amor. Um Jesus que aceita uma devoção da boca para fora que não infringe o nosso conforto, pois, afinal de contas, Ele nos ama do jeito que somos. Um Jesus que quer que sejamos equilibrados, que quer que evitemos extremos perigosos e que, aliás, quer que evitemos todo e qualquer perigo. Um Jesus que nos traz conforto e prosperidade à medida que colocamos um verniz cristão em nossos desejos mundanos.

Porém, será que você e eu nos damos conta do que estamos fazendo a este ponto? Estamos moldando Jesus à nossa imagem. Ele está começando a se parecer muito conosco porque, afinal, é com quem ficamos mais confortáveis. O perigo agora é que

quando nos reunirmos nas nossas igrejas para levantar as mãos em adoração, talvez não estejamos de fato adorando ao Jesus da Bíblia. Ao contrário, talvez estejamos adorando a nós mesmos.

O Custo da Falta de Discipulado

Dietrich Bonhoeffer, um teólogo alemão que lutava para seguir a Cristo no meio do domínio nazista, escreveu um dos melhores livros cristãos do século vinte. Nele, escreveu que o primeiro chamado que todo cristão experimenta é "o chamado para abandonar as ligações com este mundo." O tema do livro é resumido numa poderosa frase: "Quando Cristo chama um homem, Ele propõe que ele venha e morra."[11] Bonhoeffer intitulou seu livro apropriadamente de *O Custo do Discipulado*.

Baseado no que temos ouvido de Jesus nos Evangelhos, teríamos que concordar que o custo do discipulado é grande. Porém, eu penso se o custo da falta de discipulado não é ainda maior.

O preço é certamente alto para as pessoas que não conhecem a Cristo e que vivem num mundo em que os cristãos recuam de uma fé abnegada e se contentam com uma fé de gratificação própria. Enquanto os cristãos escolhem viver suas vidas realizando desejos mundanos ao invés de doarem suas vidas para proclamar o Reino de Deus, literalmente bilhões que necessitam do Evangelho permanecem nas trevas.

Apenas alguns meses antes de me tornar pastor, eu estava no topo de uma montanha no centro de Hyderabad, na Índia. Aquele ponto alto na cidade alojava um templo para deuses hindus. Eu sentia o cheiro das ofertas que haviam sido dadas aos deuses de madeira atrás de mim. Eu via multidões diante de mim. Para cada direção que olhava, eu vislumbrava um centro urbano cheio de milhões e milhões de pessoas.

E então algo veio à minha mente. A maioria esmagadora daquelas pessoas nunca havia ouvido o Evangelho. Elas oferecem sacrifícios religiosos faça sol ou faça chuva porque ninguém nunca lhes disse que, em Cristo, o sacrifício final já foi feito em favor delas. Como consequência, elas vivem sem Cristo e, se nada mudar, irão morrer sem Ele também.

Enquanto eu estava de pé naquela montanha, Deus agarrou o meu coração e inundou a minha mente com uma palavra retumbante: *"Acorde"*. Acorde e perceba que existem coisas infinitamente mais importantes na sua vida do que esportes e guardar dinheiro.

Acorde e perceba que existem batalhas reais para lutar, muito diferentes das "batalhas" superficiais e sem sentido em que você foca. Acorde para as inúmeras multidões que atualmente estão destinadas a uma eternidade sem Cristo.

O preço da falta de discipulado é alto para aqueles sem Cristo. Também é alto para os pobres deste mundo.

Considere o custo de quando cristãos ignoram as ordens de Jesus para que vendam seus bens e deem aos pobres e, ao invés, escolhem gastar seus recursos com confortos melhores, casas maiores, carros mais bacanas, e mais coisas. Considere o custo de quando esses cristãos se reúnem em igrejas e escolhem gastar milhões de dólares em prédios bonitos para os quais dirigem seus carros, cadeiras acolchoadas nas quais se sentam, e infinitos programas para desfrutarem sozinhos. Considere o custo para as multidões famintas que estão do lado de fora do portão da riqueza cristã contemporânea.

Lembro-me de quando eu estava me preparando para fazer a minha primeira viagem para o Sudão em 2004. O país ainda estava em guerra, e a região de Darfur no oeste do Sudão havia começado a aparecer nas manchetes. Dois meses antes de partirmos, eu recebi uma publicação cristã de notícias por correio. A capa da frente tinha duas manchetes uma ao lado da outra. Não tenho certeza se o editor planejou que aquelas manchetes estivessem lado a lado ou se simplesmente lhe passou despercebido.

No lado esquerdo, uma manchete dizia: "Primeira Igreja Batista Celebra Novo Prédio de $23 Milhões". Um longo artigo seguia, celebrando o novo santuário caro da igreja. O mármore requintado, o design complexo, e os belos vitrais eram todos descritos em detalhes vívidos.

À direita havia um artigo bem menor. O título dele era: "Doação Batista Ajuda Refugiados Sudaneses". Sabendo que eu estava prestes a ir para o Sudão, aquilo atraiu a minha atenção. O artigo descrevia como 350 mil refugiados no oeste do Sudão estavam morrendo de desnutrição e talvez não sobrevivessem até o fim do ano. Explicava brevemente as condições e os sofrimentos deles. A última frase dizia que os batistas haviam enviado dinheiro para ajudar a aliviar o sofrimento dos sudaneses. Eu fiquei animado até ler qual havia sido a quantia.

Agora, lembre-se do que havia à esquerda: "Primeira Igreja Batista Celebra Novo Prédio de $23 Milhões". À direita do artigo dizia: "Batistas arrecadam $5 mil para enviar para refugiados no oeste do Sudão".

Cinco mil dólares.

Isso não é suficiente para pegar um avião para o Sudão, muito menos para uma gota de água para cada pessoa que precisa.

Vinte e três milhões de dólares por um santuário de primeira e cinco mil dólares para centenas de milhares de homens, mulheres e crianças famintos, cuja maioria estava morrendo longe da fé em Cristo.

Onde foi que erramos?

Como chegamos a um lugar em que isso é de fato tolerável?

Realmente, o custo da falta de discipulado é alto. O custo de os crentes não levarem Jesus a sério é vasto para aqueles que não conhecem a Cristo e devastador para aqueles que estão morrendo de fome e sofrendo ao redor do mundo. Porém, o custo da falta de discipulado não é pago exclusivamente por eles. É pago por nós também.

Um Chamado para o Tesouro

Você entendeu o que Jesus falou quando disse ao homem rico que abandonasse seus bens e desse aos pobres? Leia novamente, especialmente a segunda metade do convite de Jesus: *"Vá, venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no Céu"*.[12] Se não tivermos cuidado, podemos mal interpretar essas declarações radicais de Jesus nos evangelhos e começar a pensar que Ele não quer o melhor para nós. Porém, Ele quer. Jesus não estava tentando despojar aquele homem de todos os seus prazeres. Ao invés, Ele estava lhe oferecendo a satisfação do tesouro eterno. Jesus estava dizendo: *"Quando você abandonar as coisas que você está segurando, será melhor não somente para os pobres, mas para você também"*.

Nós vemos a mesma coisa novamente em Mateus 13. Ali, Jesus diz a Seus discípulos: *"O Reino dos Céus é como um tesouro escondido num campo. Certo homem, tendo-o encontrado, escondeu-o de novo e, então, cheio de alegria, foi, vendeu tudo o que tinha e comprou aquele campo"*.[13]

Eu amo essa ilustração. Imagine caminhar num campo e tropeçar num tesouro que é mais valioso do que qualquer outra coisa que você pudesse encontrar ou trabalhar para

conseguir nessa vida. É mais valioso do que tudo que você tem agora ou terá no futuro.

Você olha em volta e percebe que ninguém mais notou que o tesouro está ali, então você o cobre rapidamente e vai embora, fingindo que não viu nada. Você chega à cidade e começa a vender todos os seus bens para ter dinheiro suficiente para comprar aquele campo. O mundo pensa que você é louco. "O que você tem na cabeça?" é o que os seus amigos e a sua família lhe perguntam.

Você diz a eles:

— Eu irei comprar aquele campo ali.

Eles olham para você com descrença.

— É um investimento absurdo — eles dizem. — Por que você está doando tudo que tem?

Você responde:

— Eu tenho uma intuição — e depois sorri consigo mesmo enquanto sai andando.

Você sorri porque sabe. Você sabe que no fim você não está na verdade doando nada. Ao contrário, você está ganhando. Sim, você está abandonando tudo que tem, mas está também ganhando mais do que poderia ter ganhado de outra forma. Então, com alegria — com alegria! — você vende tudo, abandona tudo. Por quê? Porque você encontrou algo pelo qual vale a pena perder tudo.

Essa é a ilustração de Jesus no Evangelho. Ele é algo — alguém — pelo qual vale a pena perder tudo. E se nos afastarmos do Jesus do Evangelho, nós nos afastamos das riquezas eternas. O custo da falta de discipulado é profundamente maior para nós do que o custo do discipulado, pois quando abandonamos as bugigangas deste mundo e aceitamos o convite radical de Jesus, descobrimos o tesouro infinito de conhecê-Lo e de experimentá-Lo.

Ele Vale a Pena?

Isso nos leva à questão crucial para todo seguidor praticante ou potencial de Jesus: Será que realmente acreditamos que Ele é digno de que abandonemos tudo por Ele? Você e eu realmente cremos que Jesus é tão bom, tão gratificante e tão recompensador a ponto de deixarmos tudo que temos, tudo que possuímos, e tudo que somos a fim de

encontrarmos a nossa plenitude Nele? Você e eu cremos Nele o bastante para obedecê-Lo e segui-Lo para onde Ele nos guiar, mesmo quando as multidões na nossa cultura — e talvez nas nossas igrejas — seguirem na direção oposta?

Neste livro, eu quero lhe mostrar que, com as melhores das intenções, nós temos na verdade nos afastado de Jesus. Em muitas áreas, temos abraçado cegamente e involuntariamente valores e ideias que são comuns na nossa cultura, mas antiéticas para o Evangelho que Ele ensinou. Aqui estamos nós num mundo dominado pelo autoavanço, pela autoestima, e pela autossuficiência, e em meio às culturas cada vez mais caracterizadas pelo individualismo, materialismo, e universalismo. No entanto, eu quero lhe mostrar a nossa necessidade desesperada de lembrar as palavras de Jesus, de ouvi-las, de crer nelas, e de obedecê-las. Nós precisamos retornar com urgência ao Evangelho bíblico, pois o custo de não fazer isso é grande para as nossas vidas, para as nossas famílias, para as nossas igrejas, e para o mundo à nossa volta.

Como mencionei anteriormente, eu tenho mais perguntas do que respostas. E todos os dias eu vejo mais desconexões entre o Cristo da Bíblia e o cristianismo que caracteriza a minha vida e a igreja que Deus confiou a mim para liderar. Eu ainda tenho muito pela frente. Nós ainda temos muito pela frente.

Porém, eu quero conhecê-Lo. Eu quero experimentá-Lo. Eu quero ser parte de um povo que tem prazer Nele como os irmãos e as irmãs da Ásia secreta que não possuem nada além Dele. E eu quero ser parte de um povo que arrisca tudo por Ele.

Pelo bem de mais de um bilhão de pessoas hoje que sequer ouviram o Evangelho ainda, eu quero arriscar tudo. Pelo bem das vinte e seis mil crianças que morrerão hoje de fome ou de uma doença evitável, eu quero arriscar tudo. Pelo bem de uma igreja cada vez mais marginalizada e relativamente ineficaz em algumas partes do mundo, eu quero arriscar tudo. Pelo bem da minha vida, da minha família, e das pessoas que me cercam, eu quero arriscar tudo.

E eu não estou só. Na família da fé que eu tenho o privilégio de liderar, estou acompanhado por médicos ricos que estão vendendo suas casas e doando aos pobres ou se mudando para o exterior; por empresários de sucesso que estão mobilizando suas empresas a ajudarem os feridos; por jovens casais que têm se mudado para áreas

perigosas e de baixa-renda da nossa cidade para praticar o Evangelho; e idosos, donas de casa, universitários, e adolescentes que estão redirecionando suas vidas para uma entrega radical a Jesus. Eu irei lhe apresentar a muitos deles ao longo deste livro.

Não há nada de especial em nós, mas somos provas de que pessoas comuns que são naturalmente atraídas para o conforto podem se converter a uma fé radical num Salvador radical. Por que não juntar-se a nós?

Entretanto, se você quer levar essa jornada a sério, eu acredito que existem algumas pré-condições. Isso retorna às duas grandes perguntas que eu comecei a fazer a mim mesmo quando percebi que eu era o líder de uma mega igreja tentando seguir o líder de uma mini igreja.

Primeiro, desde o princípio, você precisa *se comprometer a crer* em tudo que Jesus diz. Como cristão, seria um erro grave ir até Jesus e dizer: "Deixe-me ouvir o que o Senhor tem a dizer, e então irei decidir se gosto ou não". Se você abordar Jesus dessa forma, você nunca ouvirá verdadeiramente o que Ele tem a dizer. Você tem que dizer sim às palavras de Jesus antes mesmo de escutá-las.

Segundo, você precisa *se comprometer a obedecer* ao que você ouviu. O Evangelho não nos induz a uma mera reflexão; o Evangelho requer uma resposta. No processo de ouvir Jesus, somos compelidos a analisar sinceramente a nossa vida, a nossa família, e a nossa igreja e não perguntar somente: "O que Ele está dizendo?", mas também perguntar: "O que eu devo fazer?".

Nas páginas a seguir, iremos explorar juntos o Evangelho bíblico juntamente com as nossas suposições culturais com o objetivo de abraçar a Jesus por quem Ele realmente é, e não por quem nós O temos criado para ser. Nós iremos olhar para a verdade essencial de um Evangelho centrado em Deus e ver como o temos manipulado para ser uma mensagem centrada no homem (e que não nos satisfaz no fim das contas). Enxergaremos um propósito para as nossas vidas que transcende países e culturas, e veremos a nossa necessidade desesperada pela presença Dele para cumprir esse propósito em nós. Descobriremos que o nosso significado é encontrado em comunidade e que a nossa vida é encontrada em nos entregarmos pelo bem dos outros na igreja, dentre os perdidos, e entre os pobres. Avaliaremos onde a verdadeira segurança é

encontrada neste mundo, e no final determinaremos que não iremos gastar a nossa vida com nada além da entrega inflexível e incondicional a um Salvador gracioso e amoroso que nos convida a assumir um risco radical e nos promete uma recompensa radical.

CAPÍTULO 2



SEM PALAVRAS PARA EXPRESSAR TANTA SEDE

Descobrindo a Verdade e a Beleza do Evangelho

Volte comigo para a cena da igreja domiciliar secreta que eu descrevi no capítulo um. No meu primeiro dia com aqueles crentes, eles simplesmente me pediram para liderar um estudo bíblico. “Por favor nos encontre amanhã às duas da tarde.”

Então eu organizei alguns pensamentos para um curto estudo bíblico e fui ao local designado, onde cerca de vinte líderes de igrejas domiciliares estavam me esperando. Eu não me lembro de quando começamos, mas lembro que oito horas depois ainda estávamos indo firmes e fortes. Estudávamos uma passagem, e depois eles perguntavam sobre outra. Isso nos levava a um assunto, depois a outro, e no fim do dia as nossas conversas haviam variado desde sonhos e visões a línguas e a Trindade.

Já era tarde da noite, e eles queriam continuar estudando, mas precisavam voltar para suas casas. Então eles perguntaram aos dois principais líderes de igreja e a mim:

— Podemos nos reunir amanhã novamente?

—Eu adoraria — eu respondi. — Nos reunimos no mesmo horário?

Eles responderam:

—Não, nós queremos começar de manhã cedo.

Eu disse:

—Tudo bem. Por quanto tempo vocês gostariam de estudar?

Eles responderam:

— O dia todo.

Daí se iniciou um processo em que, pelos dez dias seguintes, de oito a doze horas por dia, nós nos reuníamos para estudar a Palavra de Deus. Eles estavam sedentos.

No segundo dia, eu apresentei àqueles crentes relativamente novos à história de Neemias. Eu lhes apresentei o histórico e a história desse livro da Bíblia e lhes mostrei a importância da Palavra de Deus em Neemias 8. Depois nós tivemos um pequeno intervalo, e eu vi os líderes conversando seriamente sobre algo em pequenos grupos. Alguns minutos depois, um deles se aproximou de mim.

— Nós nunca havíamos aprendido nada dessa verdade antes, e queremos aprender mais — ela disse. Então jogou a bomba: — Você estaria disposto a nos ensinar sobre todos os livros do Antigo Testamento enquanto estiver aqui?

Eu ri. Sorrindo, eu disse: —Do Antigo Testamento inteiro? Isso levaria um longo tempo.

Àquela altura os outros estavam participando da conversa, e eles disseram:

— Faremos o que for preciso. A maioria de nós somos agricultores, e trabalhamos o dia todo, mas deixaremos os nossos campos sozinhos pelas próximas duas semanas se pudermos aprender sobre o Antigo Testamento.

Então foi o que fizemos. No dia seguinte, eu os guiei por uma visão geral da história do Antigo Testamento. Em seguida, começamos em Gênesis e, nos dias seguintes, estudamos os destaques e os principais temas de cada livro do Antigo Testamento. Imagine ensinar Cantares de Salomão para um grupo de crentes asiáticos, muitos dos quais nunca haviam lido o livro antes, e simplesmente orando para que eles não fizessem nenhuma pergunta!

No penúltimo dia, nós terminamos em Malaquias. Eu tinha ainda doze horas para ensinar, e não fazia ideia sobre o que falar. Depois que você já ensinou Habacuque, o que há mais para cobrir?

Então, no último dia, eu comecei a ensinar sobre um assunto aleatório. Porém, dentro de uma hora fui interrompido por um dos líderes.

— Nós temos um problema — ele disse.

Preocupado de ter dito algo errado, eu respondi: —Qual é o problema?

Ele respondeu: — Você nos ensinou o Antigo Testamento, mas não nos ensinou o Novo.

Eu sorri, mas ele estava falando sério.

— Nós gostaríamos de aprender o Novo Testamento hoje — ele disse.

Como os outros líderes na sala balançavam a cabeça em confirmação, eu não tive escolha. Durante as onze horas seguintes, nós caminhamos em passos largos de Mateus a Apocalipse.

Simplesmente imagine ir à uma reunião de adoração em uma daquelas igrejas domiciliares. Não um dia inteiro de treinamento na Palavra. Apenas um culto de adoração normal de três horas de duração tarde da noite. O crente asiático que está levando você lhe dá as instruções: "Vista uma calça escura e uma jaqueta com capuz. Nós colocaremos você na parte de trás do nosso carro e o levaremos para o vilarejo. Mantenha o capuz na cabeça e rosto abaixado, por favor".

Quando você chega ao vilarejo sob a escuridão da noite, outro crente asiático o encontra na porta do carro. "Siga-me", ele diz.

Com o capuz na cabeça, você se arrasta para fora do carro, mantendo o rosto voltado para o chão. Você começa a caminhar com os olhos fixos nos pés do homem à sua frente enquanto ele o guia por um caminho longo e sinuoso com uma pequena lanterna. Você ouve cada vez mais passos à sua volta à medida que avança na trilha. Então, você finalmente contorna a esquina e entra numa pequena sala.

Apesar do tamanho, sessenta crentes se apertam naquela sala. São pessoas de todas as idades, desde lindas garotinhas até senhores de setenta anos de idade. Eles se sentam no chão ou em banquinhos, alinhados ombro a ombro, amontoados com suas Bíblias no colo. O telhado é baixo, e uma lâmpada pendurada no meio do teto como a única fonte de iluminação.

Nenhum sistema de som.

Nenhuma banda.

Nenhum violão.

Nenhum entretenimento.

Nenhuma cadeira acolchoada.

Nenhum prédio com aquecedor ou ar-condicionado.

Nada além do povo de Deus e da Palavra de Deus.

E, estranhamente, isso é suficiente.

A Palavra de Deus é o bastante para milhões de crentes que se reúnem em igrejas domiciliares como essa. A Palavra Dele é o suficiente para milhões de outros crentes que se amontoam nas selvas africanas, nas florestas tropicais da América do Sul, e nas

cidades do Oriente Médio.

Mas a Palavra Dele é o bastante para nós?

Igreja Secreta

Essa é questão que muitas vezes me acompanha quando fico de pé diante de uma multidão de milhares de pessoas na igreja que pastoreio. E se retirássemos a música legal e os assentos acolchoados? E se os telões não estivessem mais lá e o palco não estivesse mais decorado? E se o ar-condicionado estivesse desligado e todos os confortos fossem retirados? A Palavra Dele ainda seria suficiente para que Seu povo se reunisse?

Em Brook Hills, nós decidimos tentar responder essa questão. De fato, nós eliminamos todo tipo de entretenimento e convidamos as pessoas a se reunirem simplesmente para estudar a Palavra de Deus por horas de uma só vez. Nós chamamos isso de Igreja Secreta.

Nós estabelecemos uma data – uma sexta-feira à noite – em que nos reuniríamos de seis da tarde até meia-noite, e por seis horas não faríamos nada além de estudar a Palavra e orar. Nós interromperíamos o estudo bíblico de seis horas periodicamente para orar pelos nossos irmãos ao redor do mundo que são forçados a se reunir secretamente. Também oraríamos por nós mesmos, para que aprendêssemos a amar a Palavra da forma que eles amam.

Não tínhamos certeza de quantos apareceriam na primeira noite, mas até o fim da noite cerca de mil pessoas haviam se reunido. O tema do nosso estudo foi o Antigo Testamento. Após a nossa primeira tentativa, decidimos fazer isso de novo, e depois de novo, e agora temos que fazer reservas porque não podemos acomodar todas as pessoas que querem vir.

Uma das minhas vistas favoritas é olhar ao redor e ver um salão cheio de pessoas com suas Bíblias no colo, estudando sobre quem Deus é e o que Deus diz — *após meia-noite* (nós nunca terminamos na hora). Admito, ainda temos as cadeiras acolchoadas — mas já debatemos sobre a possibilidade de removê-las! E ainda temos o conforto de um lindo prédio com banheiros do lado de dentro. No entanto, estamos caminhando, assim espero, em direção à descoberta do que significa ser um povo sedento pela revelação de Deus.

O que a Palavra de Deus tem que cria uma sede de ouvir mais? E não só de ouvir a Palavra, mas de ansiar por ela, estudá-la, memorizá-la, e segui-la? O que faz com que os seguidores de Cristo ao redor do mundo literalmente arrisquem suas vidas a fim de conhecê-la?

Essas perguntas nos fazem voltar e olhar para as bases do Evangelho. Fundamentalmente, o Evangelho é a revelação de quem Deus é, de quem nós somos, e de como podemos nos reconciliar com Ele. Porém, num mundo em que o ego reina como rei (ou rainha), nós possuímos uma perigosa tendência de mal interpretar, minimizar, e até manipular o Evangelho a fim de acomodar as nossas suposições e os nossos desejos. Como consequência, nós precisamos desesperadamente explorar quanto do nosso entendimento do Evangelho é cultural e quanto é bíblico. E, no processo, precisamos examinar se temos interpretado mal uma resposta adequada ao Evangelho e talvez até perdido a principal recompensa do Evangelho, que é o próprio Deus.

Quem Ele Realmente É

O Evangelho revela a glória de Deus. De acordo com a Palavra de Deus, Ele é o soberano Criador de todas as coisas. Ele sabe todas as coisas, sustenta todas as coisas, e é o dono de todas as coisas. Ele é santo acima de tudo. Ele é reto em todos Seus caminhos, justo em toda Sua ira, e amoroso com tudo que criou.[1]

Entretanto, às vezes eu fico pensando se nós intencionalmente ou simplesmente sem saber camuflamos a beleza de Deus no Evangelho ao minimizar Seus vários atributos. Examine o mercado cristão, e você encontrará grande quantidade de livros, músicas e pinturas que descrevem Deus como um Pai amoroso. E Ele é. Porém, Ele não é *apenas* um Pai amoroso, e limitar o nosso entendimento de Deus a essa imagem acaba destorcendo a figura de Deus que temos na nossa cultura.

Sim, Deus é um Pai amoroso, mas Ele também é um Juiz irado. Em Sua ira, Ele odeia o pecado. Habacuque orou a Deus: *"Teus olhos são tão puros que não suportam ver o mal; não podes tolerar a maldade"*.[2] E, em certo sentido, Deus também odeia pecadores. Talvez você pergunte: "O que aconteceu com o 'Deus que odeia o pecado e ama o pecador'?" Bem, leia a sua Bíblia. Um salmista disse a Deus: *"Os arrogantes não são aceitos na Tua presença; odeias todos os que praticam o mal"*.[3] Nos primeiros cinquenta salmos, nós vemos catorze descrições similares do ódio de Deus

aos pecadores, de Sua ira aos mentirosos, entre outros. No capítulo do evangelho de João em que encontramos um dos versículos mais famosos a respeito do amor de Deus, também encontramos um dos versículos mais negligenciados a respeito da ira de Deus.[4]

O Evangelho revela realidades eternas sobre Deus que às vezes preferimos não encarar. Preferimos sentar, desfrutar dos nossos clichês, e enxergar Deus como um Pai que pode nos ajudar, o tempo todo ignorando Deus como um Juiz que pode nos condenar. Talvez essa seja a razão pela qual enchemos as nossas vidas com as baboseiras constantes do entretenimento na nossa cultura — e na igreja. Temos medo de que se pararmos e realmente enxergarmos Deus em Sua Palavra, talvez descobriremos que Ele invoca maior admiração e requer uma adoração mais profunda do que estamos dispostos a Lhe oferecer.

Entretanto, essa é exatamente a questão. Nós não estamos prontos para dar a Deus o que Ele pede porque os nossos corações estão voltados contra Ele. A revelação de Deus no Evangelho não só revela quem Ele é, mas também revela quem nós somos.

Quem Nós Realmente Somos

Um antigo professor e pregador costumava levar seus alunos a um cemitério todo semestre. De pé sobre o perímetro diante de dezenas de lápides, ele pedia a seus alunos com toda sinceridade para declararem sobre os túmulos e chamarem as pessoas debaixo do solo para ressuscitarem e viverem. Com um pouco de constrangimento e uma ou duas risadas envergonhadas, eles cumpriam a tentativa. É claro, um por um falhava. O professor então olhava para seus alunos e lhes lembrava da verdade principal do Evangelho: as pessoas estão espiritualmente mortas assim como aqueles corpos no cemitério estavam fisicamente mortos, e somente as palavras de Deus podem trazê-las para a vida espiritual.

Essa é a realidade da humanidade. Cada um de nós nasceu com um coração mau, que odeia a Deus. Gênesis 8:21 diz que o coração do homem é inteiramente inclinado para o mal desde a infância, e as palavras de Jesus em Lucas 11:13 supõem que sabemos que somos maus. Muitas pessoas dizem: “Bem, eu sempre amei a Deus”, mas a realidade é que ninguém nunca o fez. Talvez tenhamos amado a um Deus que criamos na nossa cabeça, mas o Deus da Bíblia nós odiamos.

Na nossa maldade, nós nos rebelamos contra Deus. Pegamos a lei de Deus, escrita

em Sua Palavra e nos nossos corações, e a desobedecemos. Essa é a ilustração do primeiro pecado em Gênesis 3. Mesmo que Deus tenha dito para não comermos da árvore do conhecimento do bem e do mal, nós iremos comer de qualquer jeito.

Nós desprezamos a autoridade do nosso Criador sobre nós. Deus chama nuvens de tempestades, e elas vêm. Ele ordena que o vento sopre e que a chuva caia, e eles obedecem imediatamente. Ele diz às montanhas: *"Mova-se para lá"*, e diz ao mar: *"Pare aqui"*, e eles o fazem. Tudo em toda a criação responde em obediência ao Criador… até chegarmos a você e eu. Nós temos a audácia de olhar Deus no rosto e dizer: "Não".

Jesus nos disse que todos os que pecam são escravos do pecado, e Paulo foi ainda mais longe dizendo que nós somos prisioneiros do próprio diabo.[5] E como somos escravos do pecado, ficamos cegos para a verdade de Deus. Efésios 4:18 diz que somos obscurecidos em nosso entendimento e que o nosso coração é endurecido. De acordo com 2 Coríntios 4:4, não podemos ver a Cristo por causa da profundidade da nossa cegueira espiritual.

A Bíblia nos descreve como inimigos de Deus e objetos de Sua ira. Nós estamos espiritualmente mortos e eternamente separados de Deus.[6] O pior é que não podemos fazer nada para mudar o nosso status diante de Deus. Ninguém que é moralmente mau pode escolher o que é bom, nenhum homem que é escravo pode libertar a si mesmo, nenhuma mulher que é cega pode restaurar sua própria visão, ninguém que é um objeto de ira pode abrandar essa ira, e nenhuma pessoa que está morta pode fazer com que ela mesma volte à vida.

O Evangelho nos confronta com a falta de esperança da nossa condição pecaminosa. Porém, não gostamos do que vemos sobre nós mesmos no Evangelho, então recuamos dele. Vivemos em uma época de auto-melhora. Certamente existem medidas que podemos tomar para nos tornarmos melhores. Então modificamos o que o Evangelho diz sobre nós.

Nós não somos maus, pensamos, e certamente não estamos mortos espiritualmente. Você nunca ouviu sobre o poder do pensamento positivo? Eu posso me tornar alguém melhor e experimentar o melhor da vida agora. É por isso que Deus está aqui — para

fazer isso acontecer. A minha vida não está seguindo corretamente, mas Deus me ama e tem um plano para consertá-la. Eu simplesmente preciso seguir alguns passos, pensar em certas coisas, marcar algumas alternativas, e então ficará tudo bem.

Ambos nossos diagnósticos da situação e a nossa conclusão a respeito da solução cabem muito bem numa cultura que exalta a autossuficiência, a autoestima e a autoconfiança. Nós já temos uma visão bem elevada da nossa moralidade, então quando adicionamos uma oração supersticiosa, uma dose subsequente de frequência à igreja, e obediência a algumas partes da Bíblia, temos certeza de que ficará tudo bem no final.

Note o contraste, entretanto, quando diagnosticamos o problema biblicamente. O Evangelho dos dias modernos diz: *"Deus ama você e tem um plano maravilhoso para a sua vida. Portanto, siga esses passos e você será salvo"*. Enquanto isso, o Evangelho bíblico diz: *"Você é inimigo de Deus, morto em seu pecado e, no seu presente estado de rebelião, você sequer pode ver que precisa de vida, e muito menos voltar à vida sozinho. Portanto você é radicalmente dependente de Deus para fazer algo na sua vida que você nunca poderia fazer"*.

O primeiro vende livros e atrai multidões. O segundo salva almas. Qual é mais importante?

No Evangelho, Deus revela a profundidade da necessidade que temos Dele. Ele nos mostra que não existe absolutamente nada que possamos fazer para chegar até Ele. Não podemos fabricar a salvação. Não podemos programá-la. Não podemos produzi-la. Não podemos nem mesmo iniciá-la. Deus tem que abrir os nossos olhos, nos libertar, vencer o nosso mal, e acalmar Sua ira. Ele tem que vir até nós.

Agora sim estamos chegando à beleza do Evangelho.

O Que (ou Quem) Realmente Precisamos

Eu me lembro de sentar do lado de fora de um templo budista na Indonésia. Homens e mulheres enchiam os jardins opulentos e coloridos do templo, onde diariamente exerciam seus rituais religiosos. Enquanto isso, eu estava envolvido numa conversa com um líder budista e um líder muçulmano naquela comunidade específica. Eles estavam debatendo sobre como todas as religiões são fundamentalmente iguais e apenas

superficialmente diferentes. “Nós podemos ter visões diferentes sobre algumas questões pequenas”, um deles disse, “mas quando tem a ver com questões essenciais, cada uma das nossas religiões é igual”.

Eu fiquei escutando por um tempo, e depois eles me perguntaram o que eu pensava. Eu disse:

— Parece que vocês dois veem Deus (ou que chamam de Deus) no topo de uma montanha. É como se vocês acreditassem que todos nós estamos no pé da montanha, e eu posso pegar uma rota para subir a montanha, vocês podem pegar outra, e no final todos nós acabaremos no mesmo lugar.

Eles sorriam enquanto eu falava. Eles responderam felizes:

— Exatamente! Você entendeu!

Então eu me inclinei a eles e disse:

— Agora deixe-me fazer uma pergunta. O que vocês pensariam se eu lhes disse que o Deus do topo da montanha na verdade viesse aonde nós estamos? O que vocês pensariam se eu lhes dissesse que Deus não espera que as pessoas encontrem seu caminho até Ele, mas, ao contrário, Ele vem até nós?

Eles pensaram por um instante e depois responderam:

— Isso seria ótimo.

Eu respondi: — Deixe-me apresentar vocês a Jesus.

Isso é o Evangelho. Enquanto eu e você entendermos a salvação como uma lista de requerimentos para chegar a Deus, nós nos encontraremos no mar sem sentido das religiões do mundo que na verdade condenam a raça humana exaltando a nossa suposta habilidade de chegarmos a Deus. Por outro lado, quando você e eu nos damos conta de que somos moralmente maus, mortos em pecado, e merecedores da ira de Deus sem possibilidade de saída por nós mesmos, começamos a descobrir a nossa necessidade desesperada por Cristo.

O nosso entendimento de quem Deus é e de quem nós somos afeta drasticamente o nosso entendimento de quem Cristo é e por que precisamos Dele. Por exemplo, se Deus é apenas um Pai amoroso que quer ajudar Seu povo, então veremos Cristo como um mero exemplo desse amor. Veremos a Cruz como uma simples demonstração do amor de Deus em que Ele permitiu que os soldados romanos crucificassem Seu Filho para que o homem pecaminoso soubesse o quanto Ele o ama.

No entanto, essa imagem de Cristo e da Cruz está deploravelmente inadequada, perdendo por completo o objetivo do Evangelho. Nós não somos salvos do nosso pecado porque Jesus foi falsamente julgado pelos judeus e pelos oficiais romanos, e sentenciado à morte por Pilatos. Também não somos salvos porque os perseguidores romanos pregaram as mãos e os pés de Jesus e O penduraram numa Cruz.

Nós realmente achamos que o falso julgamento dos homens sobre Cristo pagaria o débito pelo pecado de toda a humanidade? Realmente achamos que uma coroa de espinhos, chicotadas, pregos, uma cruz de madeira, e todas as outras facetas da crucificação que exaltamos são poderosas o bastante para nos salvar?

Imagine Cristo no Jardim do Getsêmani. Enquanto Ele se ajoelha diante do Pai, gotas de suor e sangue escorrem de sua cabeça. Por que Ele está com tanta agonia e dor? A resposta não é porque Ele tem medo da crucificação. Ele não está tremendo por causa do que os soldados romanos estão prestes a fazer com Ele.

Desde aquele dia, inúmeros homens e mulheres na história do cristianismo morreram por sua fé. Alguns deles não foram somente pendurados numa cruz; também foram queimados ali. Muitos deles foram cantando até sua cruz.

Um cristão na Índia, enquanto era esfolado vivo, olhou para os seus perseguidores e disse: “Eu agradeço a vocês por isso. Rasguem as minhas antigas vestes, pois em breve eu vestirei as vestes de justiça de Cristo”.

Enquanto se preparava para enfrentar sua execução, Christopher Love escreveu um bilhete para sua esposa dizendo: “Hoje eles irão cortar a minha cabeça física, mas não podem cortar a minha cabeça espiritual, que é Cristo”. À medida que ele caminhava em direção à morte, sua esposa aplaudia enquanto ele cantava um cântico de glória.

Esses homens e mulheres na história cristã têm mais coragem do que o próprio Cristo? Por que Ele estava tremendo naquele jardim, chorando e cheio de angústia? Podemos ter certeza de que Ele não era um covarde prestes a encarar soldados romanos. Ao invés, Ele era um Salvador prestes a enfrentar a ira divina.

Ouça as Suas palavras: *“Pai, se for possível, afasta de Mim esse cálice”*. O “*cálice*” não é uma referência a uma cruz de madeira; é uma referência ao julgamento divino. É o copo da ira de Deus.[7]

É disso que Jesus está recuando no jardim. Toda a ira e todo ódio de Deus ao pecado e aos pecadores, acumulados desde o início do mundo, estão prestes a serem derramados sobre Ele, e Ele está suando sangue ao pensar nisso.

O que aconteceu na Cruz não tem principalmente a ver com pregos sendo pregados nas mãos e nos pés de Jesus, mas com a ira devido ao seu e ao meu pecado sendo pregado na alma Dele. Naquele momento santo, toda justiça e ira justa de Deus que merecemos desceu como uma torrente sobre o próprio Cristo. Alguns dizem: "Deus olhou para baixo e não suportou ver o sofrimento que os soldados estavam infligindo em Jesus, então Ele virou as costas". Porém, isso não é verdade. Deus virou as costas porque não pôde suportar ver o seu e o meu pecado sobre o filho Dele.

Um pregador descreveu isso como se eu e você estivéssemos de pé a cem metros de uma represa de água de dez mil milhas de altura e dez mil milhas de largura. De repente, a represa rompe e uma inundação torrencial de água vem batendo na nossa direção. Pouco antes de a água tocar os nossos pés, o solo diante de nós se abre e engole toda a água. Na Cruz, Cristo bebeu o copo cheio da ira de Deus, e quando engoliu a última gota, ele virou o copo e gritou: "*Está consumado*".

Isso é o Evangelho. O justo e amoroso Criador do universo olhou para pessoas irremediavelmente pecaminosas e enviou Seu Filho, Deus feito carne, para suportar Sua ira contra o pecado na Cruz e para mostrar Seu poder sobre o pecado na Ressurreição a fim de que todos os que confiam Nele sejam reconciliados com Deus para sempre.

Revelação Radical para Ser Radicalmente Recebido

Então como respondemos a esse Evangelho? De repente, os argumentos de venda do cristianismo contemporâneo não parecem mais adequados. Peça para Jesus morar no seu coração. Convide Jesus para habitar na sua vida. Faça essa oração, assine esse cartão, ande por esse corredor, e aceite Jesus como seu Salvador pessoal. A nossa tentativa de reduzir esse Evangelho a uma apresentação pré-elaborada que persuade alguém a dizer ou orar as coisas certas de volta para nós não parece mais apropriada.

É por isso que nenhuma dessas frases de efeito criadas pelo homem estão na Bíblia. Você não encontrará um versículo nas Escrituras em que é dito às pessoas "abaixe a cabeça, feche os olhos, e repita comigo". Você não encontrará um lugar em que uma oração supersticiosa do pecador sequer é mencionada. E não encontrará uma ênfase em aceitar Jesus.[8] Nós pegamos o infinitamente glorioso Filho de Deus, que suportou a infinitamente terrível ira de Deus e que agora reina como o infinitamente digno Senhor de tudo, e O reduzimos a um Salvador pobre e fraco que está simplesmente implorando que nós O aceitemos.

Aceitá-lo? Realmente achamos que Jesus precisa da nossa aceitação? Será que *nós* não precisamos *Dele*?

Eu convido você a pensar comigo numa resposta apropriada a esse Evangelho. Certamente, envolve mais do que fazer uma oração. Certamente, requer mais do que frequência religiosa. Certamente, esse Evangelho evoca entrega incondicional de tudo que nós somos e de tudo que temos a tudo que Ele é.

Eu e você precisamos desesperadamente pensar se alguma vez já confiamos verdadeiramente e autenticamente em Cristo para a nossa salvação. À luz disso, as palavras de Jesus no final do Sermão da Montanha são algumas das mais impactantes de toda a Escritura.

> *Nem todo aquele que Me diz: "Senhor, Senhor", entrará no Reino dos Céus, mas apenas aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos Céus. Muitos Me dirão naquele dia: "Senhor, Senhor, não profetizamos em Teu nome? Em Teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?" Então Eu lhes direi claramente: "Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!"*[9]

Jesus não estava falando aqui com pessoas não religiosas, ateus, ou agnósticos. Ele não estava falando com pagãos ou hereges. Ele estava falando com religiosos devotos que estavam iludidos pensando que caminhavam pela estrada estreita que leva ao Céu quando na verdade caminhavam pela estrada larga que leva ao inferno. De acordo com Jesus, um dia não poucos, mas muitos, ficarão chocados — eternamente chocados — ao perceberem que afinal não estavam no Reino de Deus.

O perigo do engano espiritual é real. Como pastor, eu me arrepio ao pensar e fico acordado à noite considerando a possibilidade de haver dezenas de pessoas sentadas diante de mim nas manhãs de domingo que pensam que são salvas quando na verdade não são. Dezenas de pessoas que têm posicionado suas vidas numa estrada religiosa que faz promessas grandiosas com base em um custo mínimo. Temos escutado que tudo que é preciso é uma só decisão, talvez até um mero consentimento intelectual a Jesus, mas depois disso não precisamos nos preocupar com Seus mandamentos, Seus padrões, nem Sua glória. Nós temos um ingresso para o Céu, e podemos viver da maneira que quisermos na Terra. O nosso pecado será tolerado ao longo do caminho. Muito do evangelismo moderno hoje é construído sobre guiar pessoas por essa estrada, e multidões migram para ela, mas no final é uma estrada construída sobre areia movediça, que arrisca desiludir milhões de almas.

A proclamação bíblica do Evangelho nos leva a uma resposta muito diferente e nos guia por uma estrada muito distinta. Aqui o Evangelho exige e nos capacita a deixar o pecado, levar a nossa cruz, morrer para nós mesmos, e seguir a Jesus. Esses são os termos e as frases que vemos na Bíblia. E a salvação agora consiste de uma luta profunda na nossa alma com a pecaminosidade do nosso coração, a profundidade da nossa depravação, e o desespero da nossa necessidade de Sua graça. Jesus não é mais Aquele que deve ser aceito ou convidado, mas Aquele que é infinitamente digno da nossa entrega imediata e total.

Você pode achar que isso soa como se tivéssemos que conquistar o nosso caminho até Jesus através de obediência radical, mas esse não é o caso de forma alguma. De fato: *"Vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie."*[10] Nós somos salvos dos nossos pecados por um dom gratuito da graça, algo que somente Deus pode fazer em nós e que não podemos produzir sozinhos.

Entretanto, esse dom da graça envolve o dom de um novo coração. Novos desejos. Novos anseios. Pela primeira vez, nós queremos Deus. Enxergamos a nossa necessidade Dele, e O amamos. Nós O buscamos, e O encontramos, e descobrimos que Ele é de fato a grande recompensa da nossa salvação. Nós percebemos que somos salvos não só para sermos perdoados pelos nossos pecados ou para termos a nossa

eternidade no Céu garantida, mas somos salvos para conhecer a Deus. Então ansiamos por Ele. Nós O queremos tanto que abandonamos todo o restante para experimentá-Lo. Essa é a única resposta apropriada à revelação de Deus no Evangelho.

É por isso que homens e mulheres ao redor do mundo arriscam suas vidas para conhecer mais sobre Ele. É por isso que temos que evitar caricaturas baratas do cristianismo que não exaltam a revelação de Deus em Sua Palavra. É por isso que eu e você não podemos nos satisfazer com nada menos que um Evangelho de autonegação, centrado em Deus, e que exalta a Cristo.

Dê-nos uma Sede

Eu oro constantemente por esse tipo de sede na igreja que Deus me deu para liderar e nas igrejas ao redor do mundo. Eu oro para que sejamos um povo que se recusa a deixar o nosso estômago devorar os prazeres agradáveis deste mundo, pois escolhemos encontrar a nossa satisfação no tesouro eterno de Sua Palavra. Eu oro para que Deus desperte no seu e no meu coração uma paixão profunda e duradoura pelo Evangelho como a grande revelação de Deus.

Ao verificar os meus emails hoje, eu sorri. Um deles é de uma mulher de Las Vegas que eu não conheço. Ontem ela sentou num avião ao lado de um membro da nossa família da fé em Birmingham. Esse membro é vendedor numa empresa farmacêutica. Ela me contou que ao longo do voo, ele estava lendo sua Bíblia atentamente. Ela descreveu a intensidade que era evidente no rosto dele. Ela iniciou uma conversa com ele, e pelas palavras dela "os olhos dele se enchiam de lágrimas" à medida que ele falava sobre sua paixão por Cristo e seu desejo de conhecê-Lo mais. Ela perguntou de que igreja ele fazia parte, e ela me enviou esse email para me encorajar.

Outro email é de uma universitária que recentemente foi a um evento lotado de uma igreja. Ela escreveu com mansidão sobre sua decepção quando o pregador da reunião praticamente ignorou a Palavra de Deus. Apesar de uma grande multidão estar presente e tudo parecer bem-sucedido, ela notou um vazio evidente. Ela concluiu: "Cheguei a um ponto agora em que se os pregadores não conseguem fazer mais do que discursos inspiradores, então eles talvez devessem simplesmente fazer da leitura da Palavra seu sermão. O Espírito é bom o bastante para trabalhar apenas com isso". Eu certamente

não sou o melhor pregador, e definitivamente não quero levar pessoas a serem críticas de outros pregadores, mas de fato me alegro ao ouvir uma universitária dizer que ela realmente quer a revelação de Deus.

O terceiro email é de um membro da nossa família da fé que participou da Igreja Secreta há pouco tempo. O tema naquela noite foi "Quem é Deus?" e nós exploramos a glória dos atributos de Deus. O homem decidiu que aquela palavra sobre Deus era boa demais para guardar para si mesmo. Então, ele escreveu para mim da Uganda, onde ele está ensinando a doutrina de Deus para membros e líderes das igrejas de lá. Ele não é um funcionário, nem um ministro assalariado; ele é simplesmente um homem apaixonado pela Palavra de Deus. Ele escreveu: "Pastor, durante dez horas por dia, eu prego do fundo do meu coração pela graça Dele! Nós nos sentamos por horas conversando a partir da Palavra, e Deus tem falado com tamanha verdade que eu sequer consigo começar a lhe contar sobre tudo agora! Louvado seja o glorioso nome de Cristo — Ele está sendo exaltado a um continente de distância!"

A revelação de Deus no Evangelho é boa. Eu convido você a recebê-la. Talvez a confiar no Cristo do Evangelho pela primeira vez e pela primeira vez receber um novo coração, um coração que não é apenas purificado do pecado, mas que agora anseia por Ele. Ou talvez a simplesmente recuperar uma paixão pela Palavra de Deus – Sua revelação radical de Si mesmo – e descobrir mais uma vez a recompensa encontrada em simplesmente conhecê-Lo e experimentá-Lo.

CAPÍTULO 3



COMEÇANDO NO FIM DE NÓS MESMOS

A Importância de Confiar no Poder de Deus

Eu estive na Indonésia, o país com a maior população muçulmana no mundo, dando aula num seminário indonésio. Antes de se formarem, os alunos daquele seminário têm que plantar uma igreja, com pelo menos trinta crentes novos – convertidos e batizados, numa comunidade muçulmana. Eu falei na cerimônia de formatura deles, e à medida que os formandos cruzavam o palco, eu fiquei cativado pelo olhar humilde, mas confiante, em seus rostos. Cada um deles havia cumprido a exigência de plantar uma igreja. A parte mais solene do dia foi o momento de silêncio por dois alunos que haviam sido mortos pelas mãos de perseguidores muçulmanos.

Foi um privilégio conhecer aqueles alunos e ouvir suas histórias. Um irmão, Raden, compartilhou seu testemunho. Com um olhar ardente em seus olhos e um tom intenso de voz, ele disse: “Antes de me tornar cristão, eu era lutador. Aprendi ninja, jiu-jitsu, e várias outras técnicas para derrubar as pessoas”.

Eu acenei com a cabeça. Eu estava fazendo uma observação mental: *Não mexam com o Raden*.

Ele continuou: “Certo dia, eu estava compartilhando o Evangelho num vilarejo não alcançado com pessoas que nunca haviam ouvido sobre Jesus. Eu estava numa casa falando de Jesus para a família, e o feiticeiro do vilarejo entrou na casa”. Feiticeiros e mágicos são comuns em vilarejos como esse. Eles dominam comunidades inteiras com suas maldições e seus encantamentos.

“O feiticeiro me chamou para fora”, Raden disse. “Ele queria que eu lutasse com ele”. Raden sorriu ao confessar: “O meu primeiro pensamento foi ir lá fora e derrubar aquele feiticeiro. Porém, quando eu me virei para sair, o Senhor me disse que eu não precisava mais lutar. Deus iria lutar por mim”.

Então Raden foi para o lado de fora, pegou uma cadeira, e sentou na frente do feiticeiro. Ele disse a seu desafiante: “Eu não luto. O meu Deus luta por mim”.

Raden contou o que aconteceu em seguida. “Quando o feiticeiro tentou falar, ele começou a ficar sem ar. Ele estava sufocando e não conseguia respirar. As pessoas vieram correndo para ver o que havia de errado, e dentro alguns minutos o feiticeiro estava caído morto”.

Até aquele momento, o vilarejo inteiro já havia se reunido ao redor do cenário. Raden disse: “Eu nunca havia visto nada como aquilo, e não sabia o que fazer. Mas então pensei: *Acho que essa é uma boa hora pra pregar o Evangelho*”. Raden sorriu e disse: “Então foi isso que eu fiz, e muitas pessoas naquele vilarejo confiaram em Cristo pela primeira vez naquele dia”.

No entanto, eu não estou recomendando isso como uma nova metodologia para crescimento de igreja. Fazer pronunciamentos sobre as pessoas que levam à morte delas simplesmente não parece ser a melhor forma de lidar com as coisas. Porém, essa história é um lembrete claro para mim de que dois mil anos atrás, quando os crentes proclamavam o nome de Jesus, os cegos viam, os paralíticos andavam, e os mortos ressuscitavam. O nome de Jesus tinha o poder de expulsar espíritos malignos e trazer os corações mais duros a Deus. E a realidade é que, dois mil anos depois, o poder do nome de Jesus ainda é imenso.

Perigos Sutis

Até aqui, nós temos visto como os caminhos do mundo diferem radicalmente do chamado de Jesus e da essência do Evangelho. Dando base a esses caminhos está uma *suposição perigosa* que, se não formos cautelosos, iremos aceitar involuntariamente e um *objetivo mortal* que, se não tivermos cuidado, iremos acabar alcançando.

A suposição perigosa que aceitamos involuntariamente neste mundo é que o nosso maior bem é a nossa própria capacidade. Culturas contemporâneas e egocêntricas prezam o que as pessoas podem conquistar quando acreditam e confiam em si mesmas,

e nós somos atraídos a esse modo de pensar. Porém, o Evangelho tem prioridades diferentes. O Evangelho nos leva a morrer para nós mesmos, a crer em Deus, e a confiar em Seu poder. No Evangelho, Deus nos confronta com a nossa total incapacidade de conquistar qualquer coisa de valor separados Dele. Foi isso que Jesus quis dizer quando disse: *"Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em Mim e Eu nele, esse dará muito fruto; pois sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma"*.[1]

Ainda mais importante é o objetivo sutilmente fatal que iremos alcançar quando buscamos as metas promovidas no mundo. Desde que alcancemos os nossos desejos com o nosso próprio poder, sempre atribuiremos isso à nossa própria glória. Pensaremos muito de nós mesmos. No entanto, o Evangelho e os valores mundanos aqui são, por fim, claramente e essencialmente antiéticos um para o outro. Enquanto o mundo nos persuade a pensar muito de nós mesmos, o Evangelho nos compele a pensar muito de Deus.

Exaltando a Nossa Incapacidade

Em contradição direta aos caminhos do mundo, Deus tem verdadeiro prazer em exaltar a nossa incapacidade. Ele coloca Seu povo intencionalmente em situações em que eles se deparam face a face com a necessidade que têm Dele. No processo, Ele demonstra poderosamente Sua capacidade de prover tudo que Seu povo precisa de formas que eles nunca teriam desconfiado nem imaginado. E, no final, Ele exalta mais ainda Seu próprio nome.[2]

Pense na história de Josué fora de Jericó, uma cidade forte com muros maciços que a cercavam. Certamente, Josué estava ansioso para liderar o povo de Deus em sua primeira batalha como comandante. Eu só posso imaginar o sentimento de incapacidade que ele sentiu quando contemplou a tarefa diante dele.

É por isso que, no final de Josué 5, nós o vemos sozinho, pensando no combate adiante. Porém, de repente Deus aparece. Naquele momento, Deus promete a Josué que o lado dele irá vencer a batalha, e dá os planos a Josué.

Podemos quase imaginar Josué ao ouvir aquilo pensando: *O que será? Um ataque frontal? Algum tipo de truque? Ou simplesmente estabelecer um cerco e deixá-los morrer de fome?*

Coloque-se no lugar de Josué à medida que você ouve esses planos de batalha:

> *Marche uma vez ao redor da cidade, com todos os homens armados. Faça isso durante seis dias. Sete sacerdotes levarão cada um uma trombeta de chifre de carneiro à frente da arca. No sétimo dia, marchem todos sete vezes ao redor da cidade, e os sacerdotes toquem as trombetas. Quando as trombetas soarem um longo toque, todo o povo dará um forte grito; o muro da cidade cairá e o povo atacará, cada um do lugar onde estiver.*[3]

Vamos ser sinceros. Isso é esquisito. Se você fosse Josué, iria querer uma segunda opinião sobre aquilo.

Por que Deus criou esse plano de batalha para conquistar a primeira cidade da Terra Prometida? Não perca o que Deus estava fazendo. Ele estava orquestrando divinamente os eventos de Seu povo para que no fim somente Ele pudesse receber a glória do que iria acontecer. Leia o restante de Josué 6, e você os verá conquistando a cidade de Jericó assim como Deus havia descrito. Porém, note cuidadosamente o que você *não* vê. Você não vê todos os israelitas indo até os que tocaram as trombetas e lhes parabenizando pelo trabalho incrível que haviam feito naquele dia. Eu praticamente posso ouvi-los agora: "Abishai, nunca ouvi você tocar tão bem". "Nimrod, quando você atingiu C maior foi lindo, cara." Não. Ao invés, vemos o povo de Israel se dar conta de que apenas Deus poderia ter feito aquilo.

É assim que Deus trabalha. Ele coloca as pessoas em posições em que elas ficam desesperadas por Seu poder, e então Ele mostra Sua provisão de formas que mostram Sua grandeza.

Dependentes de Nós Mesmos ou Desesperados por Seu Espírito?

É aqui que me sinto mais culpado como pastor nos Estados Unidos da América. Sou parte de um sistema que tem criado uma série completa de meios e métodos, e planos e estratégias para igrejas que requer pouco, senão nenhum, poder de Deus. E não são só

pastores que estão envolvidos nessa charada. Fico preocupado de todos nós – pastores e membros da igreja – estarmos abraçando cegamente uma mentalidade que enfatiza as nossas habilidades e exalta os nossos nomes nas formas como praticamos igreja.

Considere o que é preciso para que homens e mulheres de negócio bem-sucedidos, empreendedores eficazes, sócios trabalhadores, aposentados perspicazes, e estudantes idealistas combinem forças com um pastor criativo para fazer crescer uma "igreja de sucesso", como muitas vezes é chamado hoje. Claramente, não é preciso o poder de Deus para atrair uma multidão na sociedade americana ou em muitas outras partes do mundo. Alguns elementos chaves que podemos produzir serão suficientes.

Primeiro, nós precisamos de um bom espetáculo. Em culturas orientadas pelo entretenimento, precisamos de alguém que possa cativar as multidões. Se não tivermos um comunicador carismático, somos condenados. Então mesmo se tivermos que mostrá-lo numa tela de vídeo, temos que ter um bom pregador. É ainda melhor se ele tiver um líder de louvor talentoso com uma banda forte ao seu lado.

Em seguida, nós precisamos de um lugar para receber as multidões que virão, então juntamos todos os nossos recursos para construir instalações grandes e caras para abrigar o espetáculo. Temos que garantir que todas as facetas do prédio sejam excelentes e atrativas. Afinal de contas, é isso que a cultura espera. Sinceramente, é isso que *nós* esperamos.

Por fim, uma vez que as multidões chegam, nós temos que fazer algo para mantê-las vindo. Então precisamos começar programas – programas de primeira classe, top de linha – para crianças, jovens, famílias, para todas as idades e fases de vida. A fim de ter esses programas, precisamos de profissionais para coordená-los. Dessa forma, por exemplo, os pais podem simplesmente deixar seus filhos na porta, e os profissionais podem lidar com o ministério para eles. Não queremos que as pessoas tentem fazer isso em casa.

Eu sei que isso pode soar simplificado e exagerado demais, mas não são esses os elementos em que pensamos quando consideramos criar igrejas dinâmicas e bem-sucedidas nos dias de hoje? Eu recebo informações todos os dias anunciando conferências inteiras desenvolvidas a partir de comunicação criativa, instalações de primeira linha, programas inovadores, e liderança empreendedora na igreja. Nós

cristãos temos nos convencido de que se pudermos posicionar os nossos recursos e organizar as nossas estratégias, então na igreja assim como em qualquer outra esfera da vida, podemos conquistar qualquer coisa que colocarmos na cabeça.

Entretanto, o que está estranhamente faltando nesse quadro de espetáculos, personalidades, programas, e profissionais é o desespero pelo poder de Deus. O poder de Deus é na melhor das hipóteses um adicional às nossas estratégias. Fico aterrorizado com a realidade de que a igreja que eu lidero possa realizar a maior parte das nossas atividades tranquilamente, eficientemente, e até com sucesso, sem nunca perceber que o Espírito Santo de Deus está praticamente ausente do quadro. Conseguimos nos enganar tão facilmente, confundindo a presença de corpos físicos numa multidão com a existência de vida espiritual numa comunidade.

Um Quadro Diferente

No entanto, quando eu abro o livro de Atos no Novo Testamento e observo o quadro da Igreja ali, vejo imagens muito diferentes. Eu vejo um pequeno grupo de discípulos tímidos amontoados num cenáculo. Eles sabem que precisam do poder de Deus. Eles são galileus, desrespeitados pelas classes mais altas de Jerusalém como plebeus de classe baixa, rurais e sem instrução. Esse é o grupo do qual depende a propagação do Evangelho. Então o que eles estão fazendo? Eles não estão traçando estratégias. Eles estão reunidos "*sempre em oração*".[4] Não estão ocupados colocando a fé em si mesmos ou dependendo de si mesmos. Estão suplicando pelo poder de Deus, e estão confiantes de que não irão conquistar nada sem a provisão Dele.

Então Deus envia Seu Espírito com poder, e tudo muda. Aqueles galileus sem estudo começam a pregar o Evangelho em múltiplos idiomas que todos podem entender. As multidões ficam chocadas, e Pedro se levanta para pregar sobre Cristo. Pedro, quem apenas semanas antes teve medo de admitir que conhecia Jesus, agora fica de pé sob o poder de Deus diante de milhares de pessoas, proclamando Jesus. Mais de três mil pessoas são salvas.

Isso sim é crescimento de igreja! Atos 1 começou com cerca de cento e vinte crentes, e agora em Atos 2 há mais de três mil. Se você fizer as contas, isso dá quase 2.500 por cento de crescimento... em um dia.

A história continua. As pessoas vinham a Cristo a toda hora. Em Atos 3, Pedro e

João falam em nome de Jesus, e um homem de quarenta anos de idade que era aleijado de nascença fica de pé e anda pela primeira vez. Em Atos 4, eles oraram até que o prédio onde estavam reunidos começou a tremer. Num comentário revelador, Lucas diz, *"Vendo a coragem de Pedro e de João, e percebendo que eram homens comuns e sem instrução, [as multidões] ficaram admirados e reconheceram que eles haviam estado com Jesus"*.[5]

Daqui para frente só fica melhor. Em Atos 5, os apóstolos realizam *"muitos sinais e maravilhas entre o povo"*.[6] Os enfermos são curados de suas doenças, e os espíritos maus são expulsos. Em Atos 6 e 7, o perigo que os discípulos enfrentam aumenta, assim como o poder de Deus dentre eles. Até o capítulo 8, a Igreja se dispersa até a Judéia e Samaria, pregando o Evangelho em todos os lugares aonde vão. Filipe é transportado pelo Espírito Santo de um lugar para o outro a fim de levar um Etíope a Cristo. Em Atos 9, Saulo, o perseguidor de cristãos, se torna um seguidor de Cristo. Em Atos 10, barreiras raciais e étnicas para a propagação do Evangelho começam a desabar e, em Atos 11, a igreja de Antioquia é fundada como a futura base de missões para as nações. Em Atos 12, enquanto Pedro espera no corredor da morte na cela de uma prisão, a Igreja ora, e de repente as correntes de Pedro se soltam. Ele praticamente sai sonâmbulo da prisão. Atos 13 lança Paulo a suas viagens de cidade a cidade, pregando o Evangelho, curando as pessoas de enfermidades, expulsando demônios, e até ressuscitando pessoas da morte.

O que eu adoro sobre esse quadro que se revela em Atos é a forma intencional que Lucas (o autor de Atos) dá tamanha importância a Deus na maneira como ele conta a história. Veja a linguagem em Atos 2 quando Lucas registra os resultados do sermão de Pedro em Pentecoste. Ele escreve: *"Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas"* (versículo 41). Você notou que está na voz passiva? "*Houve um acréscimo*? Ela nos leva a perguntar: "Quem acrescentou? Desça para o versículo 47 no mesmo capítulo, e Lucas se certifica de que chegamos a resposta correta. Ele escreve: *"O* Senhor *lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos"*.

E a tendência continua. Atos 5:14 diz: *"Em número cada vez maior, homens e mulheres criam no Senhor e lhes eram* acrescentados*"*. Quando Barnabé compartilha o Evangelho em Antioquia, o resultado é que "*muitas pessoas foram* acrescentadas *ao*

Senhor" (11:24). Depois, em Antioquia da Pisídia, um grande número de gentios "*que haviam sido* designados *para a vida eterna"* creram (13:48).

Esse é o projeto de Deus entre Seu povo. Ele dá Seu poder a pessoas improváveis para que fique claro quem merece a glória pelo sucesso que acontece.

A história da Igreja continua ao longo do restante do Novo Testamento e, à medida que eu leio, não posso evitar ansiar fazer parte desse tipo de cenário na Igreja hoje. Um cenário em que nos recusamos a depender do que podemos conquistar com as nossas próprias capacidades. Um cenário em que não nos satisfazemos mais com o que podemos fazer com o nosso próprio poder. Um cenário em que a Igreja confia radicalmente no grande poder de Deus para fornecer recursos ilimitados, desinibidos e nunca vistos antes a pessoas improváveis a fim de tornar Seu nome conhecido como altamente importante. Eu quero fazer parte disso.

Poder Superior

Quando eu estava considerando ser pastor da família da fé que eu lidero agora, eu pensava e inclusive dizia às pessoas: "Essa igreja possui tantos recursos – tantos dons, tantos talentos, tantos líderes, tanto dinheiro. Se essa igreja puder seguir um propósito global, ela poderá estremecer as nações para a glória de Deus".

Desde então, eu tenho descoberto que essa era uma forma lamentavelmente errônea de pensar. A realidade é que não importa quantos recursos a igreja tenha. A igreja que eu lidero poderia ter todos os recursos do homem imagináveis, mas sem o poder do Espírito Santo, essa igreja não fará nada de significante para a glória de Deus.

Aliás, eu creio que o oposto é verdade. A igreja que eu lidero poderia ter pessoas menos talentosas, com menos dons, menos líderes, e menos dinheiro, e essa igreja sob o poder do Espírito Santo ainda poderia estremecer as nações para a glória Dele. A realidade é que a igreja que eu lidero pode conquistar mais durante o próximo mês no poder do Espírito de Deus do que podemos conquistar nos próximos cem anos sem a Sua provisão. O poder Dele é muito superior ao nosso. Por que nós não o buscamos desesperadamente?

Cristãos Ordinários, Deus Extraordinário

Considere as implicações para o cristianismo, caso isso seja verdade. E se Deus com toda Sua força estiver esperando para mostrar Seu poder num povo que vira as costas para uma filosofia de vida que exalta sua suposta capacidade de fazer qualquer coisa que quiserem e que, ao invés, confessa sua necessidade desesperada Dele? E se Deus em toda Sua graça estiver radicalmente comprometido a revelar-Se forte a favor de um povo que expressa sua necessidade Dele para que suas vidas possam honrá-Lo?

Essa é a história de George Muller. (Nós temos muito que aprender com a história da Igreja.) Muller (1805-98) pastoreou uma igreja em Bristol, na Inglaterra, por mais de sessenta anos, mas ele era mais conhecido pelo ministério com órfãos que iniciou. Durante sua vida, ele cuidou de mais de dez mil órfãos. Extraordinariamente, e intencionalmente, ele nunca pediu dinheiro nem outros recursos para prover para aqueles órfãos. Ao invés, ele simplesmente orava e confiava em Deus para prover.

Quando eu li a biografia de Muller, fiquei chocado ao saber por que ele iniciou o orfanato. Seu principal propósito não era cuidar de órfãos. Ao invés, ele escreveu em seu diário:

> Se eu, um homem pobre, simplesmente com fé e oração, obtivesse sem pedir a ninguém, os meios para estabelecer e sustentar um orfanato, isso seria algo que, com a bênção do Senhor, poderia talvez servir de meio para fortalecer a fé dos filhos de Deus, além de ser um testemunho para a consciência dos não-convertidos da realidade das coisas de Deus. Essa, então, foi a *principal razão* para estabelecer o orfanato... O *primeiro e principal* objeto do trabalho era (e ainda é) que Deus possa ser engrandecido pelo fato de que os órfãos sob os meus cuidados possuem tudo que precisam, somente através de fé e oração sem que eu nem meus colegas de trabalho peçamos a ninguém, por meio do qual pode ser visto que Deus ainda é fiel e ainda ouve orações.[7]

Muller decidiu que queria viver de tal forma que seria evidente a todos que olhassem para sua vida — cristãos e não cristãos — que Deus é mesmo fiel para prover para Seu povo. Ele arriscou sua vida confiando na grandeza de Deus, e no fim sua vida honrou a glória de Deus.

Deus tem prazer em usar cristãos ordinários que chegam ao fim de si mesmos e escolhem confiar em Sua provisão extraordinária. Ele está pronto para distribuir Seu poder a todos que são radicalmente dependentes Dele e radicalmente devotos a honrá-Lo.

Deus Nosso Pai

Eu amo prover para os meus filhos. Estou escrevendo isso num trem na Índia de volta para casa, e mal posso esperar para vê-los. Mal posso esperar para dar um forte abraço nos meus filhos, brincar de luta com eles no chão, e lhes contar sobre tudo que eu vi na Índia. E, é claro, estou ansioso para lhes dar os presentes que comprei no exterior.

Eles esperam essas coisas de mim. Não apenas presentes, mas também o amor e o carinho que eu lhes dou. Eles esperam isso, e precisam disso. Eu não quero dizer isso de uma forma não-saudável e não presumo que se algo acontecesse comigo, eles ficariam perdidos sem mim. Eles não precisam de mim dessa forma. Porém, sou o pai deles. Eu amo prover para eles, e eles sabem o quanto os amo pelas formas como lhes dou provisão. Quanto mais eles me procuram por este amor e o encontram, mais confiam em mim como pai deles.

Esse relacionamento com os meus filhos me ajuda a entender Lucas 11. Veja o que Jesus diz aqui: *"Qual pai, entre vocês, se o filho lhe pedir um peixe, em lugar disso lhe dará uma cobra? Ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos Céus dará o Espírito Santo a quem O pedir!"*[8] O contexto de Lucas 11 é o ensino de Jesus sobre oração. Ele está dizendo que quando oramos pela provisão do Pai, veremos que a provisão Dele é boa. E quanto mais Ele provê para nós, mais confiamos Nele como nosso Pai.

Entretanto, é na última parte dessa passagem que eu sempre fiquei confuso. Veja bem, Jesus faz uma declaração similar em Mateus 7, onde Ele diz: *"Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos Céus, dará coisas boas aos que Lhe pedirem!"*[9] Você percebeu a diferença ali no final? Em Lucas, o nosso Pai no Céu dará o *Espírito Santo* a nós quando pedirmos a

Ele. Em Mateus, o nosso Pai dará *coisas boas* a nós quando pedirmos a Ele. Para mim, a versão de Mateus faz mais sentido. Quando oramos, Deus nos dá coisas boas, assim como um pai terreno dá coisas boas aos seus filhos.

Mas por que Lucas 11 se refere ao Pai dando o Espírito Santo? Para ser sincero com você, eu costumava pensar: *E se eu não estivesse pedindo o Espírito Santo? E se eu estivesse pedindo outra coisa? Por que Jesus diz que o Pai dá o Espírito Santo em resposta às nossas orações?*

A resposta para essas perguntas revela a beleza do Espírito de Deus em nossas vidas.

Pense nisso da seguinte forma. Talvez você esteja passando por uma luta na sua vida. Uma tragédia acontece com você ou com alguém próximo, e você está sofrendo. Então você vai a Deus em oração e pede que Ele o console. Você percebe o que Deus faz? Ele não lhe dá consolo. Ao invés, Ele lhe dá o Espírito Santo, que é chamado de Consolador.[10] O Espírito Santo literalmente vem para habitar em você e coloca o próprio consolo de Cristo dentro de você à medida que você passa pela dor.

Suponha que em outra ocasião você irá tomar uma grande decisão na sua vida, e precisa de ajuda. Existem duas opções diferentes diante de você, e você precisa de direção para decidir qual é a melhor. Então você pede ajuda a Deus, mas Ele não responde com direção. Ao invés, Ele responde enviando o Espírito Santo, que é o nosso Guia.[11] Deus envia o Ajudador, que irá habitar em você e não apenas lhe dizer qual decisão tomar, mas também o capacitará para tomar aquela decisão.

Ainda, em outra ocasião, você precisa de discernimento, e Deus lhe dá o Espírito de sabedoria. Em outras ocasiões você precisa de força, e Deus lhe dá o Espírito de poder. Ainda em outras ocasiões, você pede a Deus amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, ou domínio próprio, e Ele lhe dá o Espírito, que torna todas essas coisas uma realidade na sua vida.[12]

O Espírito Santo é o Consolador, o Ajudador, o Guia, a própria presença de Deus vivendo em você.

Essa é a grande promessa de Deus em oração. Nós pedimos dons a Deus em oração, e Ele nos dá o Doador. Pedimos suprimentos a Deus, e Ele nos dá a Fonte. Pedimos dinheiro, e Ele não nos dá dinheiro; ao invés, por assim dizer, Ele nos dá o banco!

Quando você realmente contempla isso, parece algo ousado, não parece?

Ir a Deus e dizer: “Deus, eu sei que o Senhor está ocupado governando o universo e mantendo toda a criação viva, mas eu tenho esse problema na minha vida. E, Deus, eu não quero consolo nesse momento, e não quero direção nesse momento. Você poderia… você poderia simplesmente descer, viver em mim, e passar por isso por mim?” Não é demais pedir para o Deus do universo descer e fazer morada em mim e em você?

Porém, o que Jesus está dizendo é que o nosso Deus Pai se alegra nisso. Ele tem alegria em dar a Si mesmo para nós. Ele coloca Seu próprio poder em nós para que tenhamos tudo que precisamos para cumprir Seus propósitos neste mundo. Esse é o cerne da promessa de Jesus aos Seus discípulos em João 14, a promessa que precede Suas promessas sobre o Espírito Santo: *“Digo-lhes a verdade: Aquele que crê em Mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque Eu estou indo para o Pai. E Eu farei o que vocês pedirem em Meu nome, para que o Pai seja glorificado no Filho. O que vocês pedirem em Meu nome, Eu farei”*.[13]

Você acha que Jesus realmente quis dizer isso? Coisas ainda maiores do que as que Ele fez? Qualquer coisa que pedirmos?

Jesus quis dizer absolutamente isso. Porém, essa não é uma abordagem mágica que presume que Ele está pronto para atender todos os nossos desejos. É uma promessa sólida de que os recursos do Céu estão a postos esperando pelo povo de Deus que deseja glorificá-Lo neste mundo. Para o povo de Deus que anseia ver Seu poder em ação e que vive para ver Seus propósitos cumpridos, Ele dará absolutamente todas as coisas que precisamos de acordo com Sua própria presença viva dentro de nós.

De Joelhos

Se não tivermos cuidado, iremos ignorar completamente essa promessa e perder o poder da presença de Deus. Rodeados pela autossuficiência das culturas antropocêntricas, nós podemos convencer a nós mesmos de que possuímos o necessário para alcançar algo grande. Nas nossas igrejas, podemos imitar a nossa cultura, planejando e programando, organizando e criando estratégias, criando e inovando — tudo em uma tentativa de mostrar o que podemos realizar com a nossa própria capacidade. Porém, existe outra maneira.

É a maneira de Cristo. Ao invés de nos afirmarmos, nós nos crucificamos. Ao invés de imaginar todas as coisas que podemos realizar, pedimos que Deus faça somente o

que Ele pode realizar. Sim, nós trabalhamos, planejamos, organizamos, e criamos, mas fazemos isso tudo enquanto jejuamos, e enquanto confessamos constantemente a nossa necessidade da provisão de Deus. Ao invés da dependência de nós mesmos, expressamos desespero radical pelo poder de Seu Espírito, e confiamos que Jesus permanece pronto para nos dar tudo que pedimos para que Ele possa glorificar o nosso Pai no mundo.

Pense sobre isso. Você diria que a sua vida está marcada agora por um desespero pelo Espírito Santo? Você diria que a igreja da qual você faz parte é caracterizada por esse senso de desespero?

Por que iríamos querer nos contentar com um cristianismo que está dentro da nossa capacidade, ou nos contentar com uma igreja que está dentro dos nossos recursos? O poder Daquele que ressuscitou Jesus dos mortos está em nós e, como consequência, não temos nenhuma necessidade de criar o nosso próprio poder. A nossa grande necessidade é nos prostramos diante de um Pai Todo-Poderoso dia e noite e suplicar que Ele mostre Seu poder radical em nós e através de nós, capacitando-nos para realizar para Sua glória o que nunca poderíamos imaginar fazer com a nossa própria força. E, quando fizermos isso, descobriremos que fomos criados por um propósito muito maior do que nós mesmos, o tipo de propósito que pode apenas ser realizado com o poder de Seu Espírito.

CAPÍTULO 4



O GRANDE PORQUÊ DE DEUS

O Propósito Global de Deus desde o Início até Hoje

Eu me lembro exatamente de onde eu estava sentado.

Era em uma casa em que líderes de uma igreja americana haviam se reunido — uma igreja que havia demonstrado grande bondade comigo no passado, orando por mim e inclusive enviando apoio financeiro (espontâneo e não-solicitado). O pastor sentou imediatamente à minha direita, e dois diáconos estavam do outro lado da sala. Era um sábado à noite, e eu havia sido convidado para pregar na manhã seguinte na igreja deles.

Reunidos na sala, eles me fizeram perguntas sobre como eu e minha esposa estávamos. Eu compartilhei com eles sobre o nosso ministério urbano em Nova Orleans, onde estávamos morando na época. Eu lhes contei sobre o ministério nos conjuntos habitacionais repleto de pobreza e violência de gangues. Contei a eles sobre o ministério com homens e mulheres de rua que lutavam contra diversos vícios.

Contei também sobre as oportunidades de ministérios que Deus me havia dado recentemente ao redor do mundo. Contei sobre a receptividade das pessoas em relação ao Evangelho em lugares que tradicionalmente são hostis ao cristianismo. Eu lhes contei que, fosse em centros urbanos ou no exterior, Deus estava atraindo pessoas a Ele em algumas das partes mais difíceis do mundo.

Na espera de que eles compartilhassem da minha empolgação, eu fiz uma pausa para ouvir a reação deles. Após um estranho silêncio, um dos diáconos inclinou-se em sua cadeira, olhou para mim, e disse: “David, eu acho ótimo que você esteja indo a esses

lugares. Mas se você me perguntar, eu preferiria que Deus aniquilasse todas aquelas pessoas e as enviasse para o inferno".

Foi exatamente isso o que ele disse. Fiquei chocado e sem palavras. Eu não tinha ideia do que responder. Gostaria de ter dito alguma coisa, mas ainda não tenho certeza do que eu diria. Aniquilá-las? Mandá-las para o inferno?

Após um momento de silêncio, o restante da sala retomou a conversa como se nada fora do comum tivesse acabado de acontecer.

Ficou pior.

Na manhã seguinte, nós chegamos ao prédio da igreja, e o louvor começou. O pastor se levantou para recepcionar a todos e, durante suas observações de apresentação, ele começou a falar sobre o quanto estava grato de estar morando nos Estados Unidos. Não estou certo do que desencadeou o empolgante discurso patriótico que se seguiu, mas durante os minutos seguintes ele disse à igreja que não havia nenhuma chance de ele algum dia morar em outro lugar do mundo. Ouvia-se *Amém* sendo disparado de todos os lados da multidão.

Minutos depois eu me levantei para pregar sobre ir a todas as nações pregar o Evangelho. Quando terminei, desci do púlpito enquanto o pastor se levantava para encerrar o culto.

Essas foram as palavras dele:

— Irmão David, estamos muito animados com tudo que Deus está fazendo em Nova Orleans e em todas as nações, e estamos animados que você esteja servindo nesses lugares.

Ele continuou: — E, irmão, prometemos continuar lhe enviando um cheque para que não precisemos ir até lá.

E ele não havia terminado.

— Eu me lembro de uma vez na minha última congregação em que um missionário do Japão veio pregar — ele disse. — Eu falei para aquela igreja que se eles não dessem apoio financeiro para aquele missionário, eu iria orar para Deus enviar os filhos deles ao Japão para servir com aquele missionário.

Uau.

O pastor realmente acabou de ameaçar sua congregação com o castigo de ir ao mundo?

Ele continuou: —E a minha igreja deu um laptop e um monte de dinheiro àquele homem.

Aparentemente, a ameaça funcionou.

O culto foi encerrado, e a minha esposa e eu entramos no carro para ir para casa. Eu mal podia acreditar nas coisas que havia ouvido. Uma gama de emoções me consumia — raiva, tristeza, decepção, confusão. Porém, ao começar a processar o que havia acontecido durante as últimas vinte e quatro horas, uma percepção assustadora veio à minha mente.

Será que aquele diácono e aquele pastor expressaram o que muitos cristãos praticantes na América — e em outros lugares — acreditam hoje, mas não têm coragem de dizer? Isso pode soar um pouco duro, mas considere a realidade.

Quantos de nós estamos abraçando comunidades confortáveis enquanto fechamos os olhos para cidades perigosas que necessitam do Evangelho? Quantos de nós estamos tão acomodados em nosso próprio país que nunca pensamos seriamente na possibilidade de Deus poder nos chamar para viver em outro país? Quantas vezes estamos dispostos a dar um cheque a alguém desde que não tenhamos que ir aos lugares difíceis do mundo? Quantos de nós, pais, estamos orando para que Deus levante os nossos filhos para deixarem as nossas casas e irem às nações, mesmo que isso signifique que eles nunca mais voltem? E quantos de nós estamos dedicando as nossas vidas para levar o Evangelho às pessoas que vivem em regiões hostis ao redor do mundo onde cristãos não são bem-vindos? Certamente poucos de nós seriam tão corajosos para dizer: "preferiríamos que Deus aniquilasse todas aquelas pessoas e as mandasse para o inferno", mas se nós não levarmos o Evangelho a elas, não é para lá que elas irão?

Enquanto isso, Jesus nos ordena a ir. Ele criou cada um de nós para levar o Evangelho para os confins da Terra, e eu proponho que qualquer coisa menos do que devoção radical a esse propósito é um cristianismo não bíblico.

Desfrutar de Sua Graça, Estender Sua Glória

Pense por que Deus nos criou originalmente. Como o autossuficiente Deus do universo, Ele certamente não tinha nenhuma necessidade não suprida em Si mesmo, então por que Ele nos criou? A última coisa que eu quero fazer é presumir saber

exaustivamente a mente e as motivações de Deus. Tampouco quero simplificar demais Seu agir. No entanto, parece que Deus nos diz por que nos criou. Há um propósito duplo desde o início da História.

Por um lado, nós fomos criados por Deus para desfrutar de Sua graça. Diferente de tudo que Deus criou, nós fomos criados à Sua imagem.[1] Somente nós temos a capacidade de desfrutar de Deus em um relacionamento íntimo com Ele. A primeira palavra que a Bíblia usa para descrever esse relacionamento é *bênção*. Deus abençoou a raça humana, não por causa de algum mérito ou valor inerente em nós, mas simplesmente devido à graça pura e autêntica. Deus criou a humanidade para desfrutar de Sua graça.

No entanto, esse não foi o fim da história porque, por outro lado, Deus imediatamente seguiu Sua bênção com um mandamento. *"Deus os abençoou, e lhes disse: 'Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a Terra!'"*[2] Deus deu Sua imagem ao Seu povo por uma razão — para que pudesse multiplicar a imagem Dele pelo mundo. Ele criou seres humanos, não só para desfrutarem de Sua graça num relacionamento com Ele, mas também para estenderem Sua glória aos confins da Terra.

Bem simples. Desfrutar de Sua graça e estender Sua glória. Esse é propósito duplo por trás da criação da raça humana em Gênesis 1, e isso prepara o cenário para um Livro inteiro que gira em torno do mesmo propósito. Em todos os gêneros da literatura bíblica e em todos os cenários da história bíblica, Deus é visto derramando Sua graça em Seu povo pela honra de Sua glória entre todos os povos.

Em Gênesis 12, Deus forma Seu povo ao dizer a Abraão: *"Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção"*. Depois, Deus conecta a promessa que fez a Abraão com um propósito mais profundo: *"Por meio de você todos os povos da Terra serão abençoados"*.[3] Deus abençoa Abraão abundantemente, mas não fundamentalmente pelo bem de Abraão. O Senhor abençoa Abraão para que ele possa ser o canal da bênção de Deus para todos os povos da Terra. Deus diz a Abraão para desfrutar de Sua graça à medida que Abraão estende Sua glória.

Considere o propósito de auto-exaltação de Deus na redenção de Seu povo da escravidão no Egito. Imediatamente após o Êxodo, Deus os guiou para as margens do Mar Vermelho, com os egípcios logo atrás deles e sem ter mais para onde ir. Veja o

motivo de Deus quando Ele diz: *"Eu serei glorificado por meio do faraó e de todo o seu exército; e os egípcios saberão que eu sou o Senhor"*.[4] Ele milagrosamente partiu as águas, guiou Seu povo pelo meio em terra seca, e depois fez com que as ondas engolissem os egípcios nos retrovisores dos israelitas por uma razão principal: para Sua glória. Os egípcios e todas as nações depois deles souberam que Deus é o Senhor e que Ele salva Seu povo. Deus abençoou Seu povo de uma forma milagrosa para que Sua salvação se tornasse conhecida entre todos os povos.

Considere outra história do Antigo Testamento, a de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Por que um Deus de amor deixaria esses três homens hebreus serem lançados numa fornalha de fogo? É assim que Deus trata aqueles que arriscam tudo por Ele? Como isso faz você se sentir em relação à próxima vez em que tiver que se posicionar a favor de Deus? Nós lemos a história e ficamos fascinados com ela, mas raramente chegamos ao fim para entender o objetivo.

> *Disse então Nabucodonosor: "Louvado seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o Seu anjo e livrou os Seus servos! Eles confiaram Nele, desafiaram a ordem do rei, preferindo abrir mão de sua vida a prestar culto e adorar a outro deus que não fosse o seu próprio Deus. Por isso eu decreto que todo homem de qualquer povo, nação e língua que disser alguma coisa contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego seja despedaçado e sua casa seja transformada em montes de entulho, pois nenhum outro deus é capaz de livrar alguém dessa maneira.*[5]

O próprio rei que declarou que todos deveriam se curvar diante dele estava agora declarando que qualquer pessoa que falasse contra Deus seria despedaçada! A razão pela qual Deus deixou aqueles rapazes serem lançados numa fornalha de fogo ardente foi para que eles pudessem sair do outro lado sem uma gota de suor na testa a fim de que aquele rei pagão declarasse que o Deus de Sadraque, Mesaque, e Abede-Nego é digno de louvor em todas as línguas e nações. Deus realmente está no ramo de abençoar Seu povo de formas inusitadas para que Sua bondade e Sua grandeza sejam declaradas entre todos os povos.

Versículos que reiteram essa verdade abundam em todo o Antigo Testamento. Salmos, por exemplo, fala sobre Deus guiando Seu povo por amor de Seu nome e abençoando Seu povo para que Seu agir se tornasse conhecido em todas as nações. Os profetas descrevem belamente a misericórdia de Deus por Seu povo para que pudesse testemunhar às nações que Ele é Senhor.[6]

Ezequiel 36 contém algumas das palavras mais surpreendentes da boca de Deus quando Ele relata Sua obra entre Seu povo. Deus está falando sobre como o povo de Israel havia pecado contra Ele, e descreve a razão do que Ele fez entre eles.

> *Assim diz o Soberano, o Senhor: Não é por sua causa, ó nação de Israel, que farei essas coisas, mas por causa do Meu santo nome, que vocês profanaram entre as nações para onde foram. Mostrarei a santidade do Meu santo nome, que foi profanado entre as nações, o nome que vocês profanaram no meio delas. Então as nações saberão que Eu sou o Senhor, palavra do Soberano, o Senhor, quando Eu Me mostrar santo por meio de vocês diante dos olhos delas.*[7]

Que declaração! Deus vai tão longo a ponto de dizer que quando age em meio a Seu povo, Ele não mostra Sua graça, Sua misericórdia, e Sua justiça por causa deles, mas por amor a Seu próprio santo nome entre as nações.

O propósito global de Deus evidente na história, nos escritos, e nos profetas do Antigo Testamento continua no Novo Testamento. Nos evangelhos nós vemos como Jesus encerrou Seu tempo na Terra ordenando que Seus seguidores levassem o Evangelho para os confins da Terra.[8] As cartas são repletas da mesma ênfase à medida que Paulo, Pedro, Tiago, e João lideravam a Igreja ao atravessar perseguição e sofrimento para propagar a glória de Deus às nações.

À luz de tudo que temos visto, não nos surpreende chegar ao último livro da Bíblia e ver a culminação do propósito de Deus. Imagine essa cena descrita por João:

> *Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé, diante do trono e do Cordeiro, com vestes brancas e segurando palmas. E clamavam em alta voz:*
>
> *"A salvação pertence ao nosso Deus,*

que Se assenta no trono,
e ao Cordeiro”.[9]

No início da história terrena, o propósito de Deus era abençoar Seu povo para que todos os povos O glorificassem por Sua salvação. Agora, no final, o propósito de Deus é cumprido. Indivíduos de todas as nações, tribos, povos e línguas se curvam ao redor do trono de Deus e cantam louvores Àquele que os abençoou com salvação. Esse é o impressionante objetivo global final, supremo, total e absoluto, glorioso, garantido de Deus nas Escrituras. Esse é o grande porquê de Deus.

Deus abençoa Seu povo com graça extravagante para que ele possa estender Sua extravagante glória a todos os povos da Terra. Essa verdade básica e fundamental permeia as Escrituras desde o início até o fim. No entanto, eu penso se, involuntariamente, nós ignoramos o grande porquê de Deus.

Jesus Não Morreu por Você Somente

Nós vivemos em meio a culturas de igrejas que têm uma tendência perigosa de desconectar a graça de Deus da glória de Deus. Os nossos corações se alegram com a ideia de desfrutar da glória de Deus. Nós nos deleitamos em sermões, conferências, e livros que exaltam a graça centrada em nós. E apesar de a maravilha da graça merecer a nossa atenção, se essa graça for desconectada de seu propósito, o triste resultado é um cristianismo egocêntrico que ignora o coração de Deus.

Se você pedisse a um cristão qualquer sentado num culto de domingo para resumir a mensagem do cristianismo, você provavelmente ouviria algo parecido com: “A mensagem do cristianismo é que Deus me ama”. Ou talvez alguém diga: “A mensagem do cristianismo é que Deus me ama o bastante para enviar Seu Filho, Jesus, para morrer por mim”.

Apesar de esse sentimento soar maravilhoso, será que ele é bíblico? Não seria incompleto, baseado no que temos visto na Bíblia? “Deus me ama” não é a essência do cristianismo bíblico. Porque se “Deus me ama” é a mensagem do cristianismo, então quem é o objeto do cristianismo?

Deus *me* ama.

Eu.

O objeto do cristianismo é *eu*.

Portanto, quando eu procuro uma igreja, procuro uma música que combina melhor *comigo* e programas que atendem melhor a *mim* e à *minha* família. Quando eu faço planos para a *minha* vida e para a *minha* carreira, eles giram em torno do que é melhor para *mim* e para a *minha* família. Quando eu penso na casa em que irei morar, no carro que irei dirigir, nas roupas que irei vestir, na forma que irei viver, escolho de acordo com o que for melhor para *mim*, Essa é a versão do cristianismo que prevalece amplamente em muitas partes do mundo.

No entanto, isso não é um cristianismo bíblico.

A mensagem do cristianismo bíblico não é: "Deus me ama, ponto final", como se nós fôssemos o objeto da nossa própria fé. A mensagem do cristianismo bíblico é: "Deus me ama para que possa fazer com que Ele — Seu agir, Sua salvação, Sua glória, e Sua grandeza — seja conhecido entre todas as nações". Agora Deus é o objeto da nossa fé, e o cristianismo é centralizado ao redor Dele. Nós não somos o fim do Evangelho; Deus é.

Deus centra-Se em Si mesmo, até mesmo na nossa salvação. Lembre-se das palavras Dele em Ezequiel: Ele nos salva, não por nossa causa, mas por causa do Seu santo nome. Nós recebemos a salvação para que o nome Dele seja proclamado em todas as nações. Deus nos ama por causa Dele no mundo.

Talvez isso seja um choque para você. Quer dizer que Deus tem segundas intenções em nos abençoar? Nós não somos a finalidade da graça Dele? E a resposta que a Escritura dá é clara. De fato, nós não somos o centro do universo Dele. Deus está no centro de Seu universo, e tudo que Ele faz por fim gira em torno Dele.

Podemos pensar, se isso é verdade, então isso O torna egoísta? Como o propósito de Deus pode ser de exaltar a Ele mesmo? Essa é uma boa pergunta, e ela nos faz dar uma pausa até que perguntemos o seguinte: A quem mais Ele exaltaria? No momento em que Deus exaltasse outra coisa ou outro alguém, Ele deixaria de ser o grande Deus digno de toda a glória de todo o universo, o que Ele é.

Nós temos que nos guardar contra a falta de entendimento aqui. A Bíblia não está dizendo que Deus não nos ama profundamente. Ao contrário, nós temos visto nas Escrituras um Deus com uma paixão incomum, surpreendente, e íntima por Seu povo. Porém, essa paixão não está por fim centrada em Seu povo. Está centralizada em Sua

grandeza, Sua bondade, e Sua glória se tornarem conhecidas globalmente dentre todos os povos. Desconectar a bênção de Deus do propósito global de Deus é rebaixar-se a um cristianismo não bíblico e auto-saturado que perde o objetivo da graça de Deus.

É uma verdade fundamental: Deus cria, abençoa, e salva cada um de nós para um propósito global radical. Entretanto, se não tivermos cuidado, seremos tentados a fazer exceções. Seremos tentados a adotar cortinas de fumaça espirituais e a abraçar confortos nacionais que nos dispensam do plano global de Cristo. E, durante o processo, iremos nos acomodar com planos menores que a cultura à nossa volta — e até a igreja à nossa volta — considera mais admiráveis, mais administráveis, e mais confortáveis.

"Eu Não Sou Chamado"

Eu fico pensando se de algumas formas involuntariamente e, de outras formas intencionalmente, temos erguido muros de defesa contra o propósito global que Deus tem para as nossas vidas. Não é incomum ouvir cristãos dizerem: "Bem, nem todos são chamados para missões internacionais", ou mais especificamente: "Eu não sou chamado para missões internacionais". Quando dizemos isso, geralmente estamos nos referindo às missões internacionais como um programa opcional na igreja para poucos fiéis que aparentemente foram chamados para isso. Com essa mentalidade, missões é um programa compartimentalizado da igreja, e pessoas seletas são boas em missões e apaixonadas por missões. Enquanto isso, o restante de nós está disposto a ver a apresentação de slides de missões quando os missionários vêm para casa, mas no fim Deus simplesmente não chamou a maioria de nós para fazer essa coisa de missões.

Entretanto, onde na Bíblia missões é identificado como um programa opcional na igreja? Acabamos de ver que todos nós fomos criados por Deus, salvos dos nossos pecados, e abençoados por Deus para tornar Sua glória conhecida em todo o mundo. De fato, o próprio Jesus não nos chamou meramente para ir a todas as nações; Ele nos criou para irmos a todas as nações e ordenou que façamos isso. Porém, nós pegamos essa ordem e a reduzimos a um chamado — algo que somente poucas pessoas recebem.

Acho interessante que não fazemos isso com outras palavras de Jesus. Pegamos a ordem de Jesus em Mateus 28 de fazer discípulos de todas as nações e dizemos: "Isso é para outras pessoas". Porém, olhamos para a ordem de Jesus em Mateus 11:28

"Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso" e dizemos: "Agora, isso é para mim". Pegamos a promessa de Jesus em Atos 1:8 de que o Espírito nos guiará até os confins da Terra e dizemos: "Isso é para algumas pessoas". No entanto, pegamos a promessa de Jesus em João 10:10 de que teremos vida abundante e dizemos: "Isso é para mim".

Assim, nós temos desnecessariamente (e de forma não bíblica), traçado uma linha de distinção, atribuindo as *obrigações* do cristianismo a poucos enquanto mantemos os *privilégios* do cristianismo para todos nós. Dessa forma, escolhemos enviar outras pessoas para cumprirem o propósito global do cristianismo enquanto o restante de nós fica sentado porque "simplesmente não fomos chamados para isso".

Agora, nós sabemos que cada um de nós tem diferentes dons, habilidades, paixões, e chamados de Deus. Deus deu dons a mim e a você de formas diferentes. Esse sem dúvida foi o caso com os discípulos. Pedro e Paulo tinham chamados diferentes. Tiago e João tinham chamados diferentes. Entretanto, cada seguidor de Cristo no Novo Testamento, independentemente de seu chamado, era destinado a assumir o manto de proclamar o Evangelho até os confins da Terra. Essa é a razão pela qual Ele deu Seu Espírito a cada um deles e pela qual deu a todos eles o mesmo plano: fazer discípulos de todas as nações.

Não é o mesmo hoje em dia? Quando sento para almoçar com Steve, um empresário na nossa família da fé, é óbvio que temos chamados diferentes nas nossas vidas. Ele é contador; eu sou pastor. Ele tem um dom com números; eu não suporto números. Porém, nós dois entendemos que Deus nos chamou e nos deu dons para um propósito global. Então, Steve sempre pergunta: "Como eu posso levar a minha vida, a minha família, e a minha firma de contabilidade para a glória de Deus em Birmingham e ao redor do mundo?" Ele leva colegas de trabalho a Cristo; ele mobiliza contadores para servirem aos pobres; e sua vida impacta pessoalmente indivíduos e igrejas na América Latina, na África, e na Europa Oriental com o Evangelho.

Steve e outros como ele têm decidido que não pegarão a ordem de Cristo de fazer discípulos de todas as nações e rotulá-la como um chamado para poucos. Não ficarão do lado de fora enquanto uma suposta classe especial de cristãos cumpre o propósito

global de Deus. Eles estão convencidos de que Deus os criou para tornar Sua glória conhecida em todas as nações, e estão comprometendo suas vidas para cumprir esse propósito.

Em Romanos 1:14-15, Paulo fala sobre ser um devedor às nações. Ele literalmente diz: *"Sou devedor tanto a gregos como a bárbaros"*. A linguagem é profunda. Paulo está dizendo que deve à cada pessoa perdida na face do planeta. Já que ele é propriedade de Jesus, ele deve Cristo ao mundo.

Toda pessoa salva deste lado do Céu deve o Evangelho a toda pessoa perdida deste lado do inferno. Nós devemos Cristo ao mundo — do menor ao maior, do mais rico ao mais pobre, do melhor ao pior. Nós estamos em dívida com as nações. Porém, junto com essa dívida, na nossa abordagem contemporânea a missões, nós temos sutilmente nos retirado debaixo do peso de um mundo perdido e decaído, torcido as mãos em preocupação religiosa, e dito: "Sinto muito, mas simplesmente não fui chamado para isso".

O resultado é trágico. A maioria das pessoas supostamente salvas da condenação eterna pelo Evangelho estão agora de braços cruzados dando desculpas para não compartilhar o Evangelho com o restante do mundo.

Mas e se nós não precisarmos ficar de braços cruzados esperando por um chamado para missões internacionais? E se a razão pela qual temos fôlego é porque fomos salvos para uma missão global? E se qualquer coisa menor do que um envolvimento apaixonado em missão global é na verdade deixar a desejar, frustrando o próprio propósito pelo qual Ele nos criou?

"E Quanto às Necessidades Aqui?"

Talvez a resposta mais comum que surge entre os cristãos a respeito do propósito global de Deus é: "E quanto às necessidades aqui? Por que precisamos estar envolvidos em outras nações quando existem tantas necessidades na nossa nação?"

Entre os cristãos em Birmingham (onde pastoreio), eu frequentemente ouço essa declaração feita mais ou menos assim: "Eu não preciso ir a todas as nações porque Deus me deu um coração pelos Estados Unidos". Outros talvez digam: "Deus me deu um coração por Birmingham". Essas declarações soam espirituais, mas quando as investigamos mais profundamente, elas parecem mais com cortinas de fumaça.

Elas são cortinas de fumaça porque a maioria de nós não está preocupado com as necessidades bem à nossa volta. A maioria dos cristãos raramente compartilha o Evangelho, e maioria das agendas dos cristãos não está cheia de atividades como alimentar os que passam fome, ajudar os enfermos, e fortalecer a Igreja nos lugares mais necessitados do nosso país.

Entretanto, mesmo se estivéssemos fazendo essas coisas, ainda estaríamos desprezando uma verdade bíblica fundamental quando dizemos que o nosso coração está voltado para o nosso próprio país. Como temos visto em toda a Bíblia, o coração de Deus está voltado para o mundo. Então, quando cristãos brasileiros dizem que têm um coração pelo Brasil, estamos admitindo que temos míseros cinco por cento do coração de Deus, e temos orgulho disso. Quando dizemos que temos um coração pela cidade em que vivemos, confessamos que temos menos de um por cento do coração de Deus.

Com certeza existem grandes necessidades no Brasil, como em qualquer outro país. Porém, nós temos que insistir em dividir a Grande Comissão em uma proposição "um ou outro"? Quem disse que temos que escolher entre ter um coração pela nação em que vivemos *ou* um coração pelo mundo? Baseado no propósito de Deus que vimos nas Escrituras, o coração de todo cristão não deveria ser no final das contas consumido por como podemos tornar a glória de Deus conhecida em todo o mundo?

É 6.783.421.727 e não para de crescer. Enquanto escrevo este capítulo, essa é a população do mundo. De acordo com as estimativas mais liberais, aproximadamente um terço do mundo é cristão. Essas estimativas incluem todos que se identificam como cristãos, sejam religiosamente, socialmente, ou politicamente. Provavelmente, nem todos são de fato seguidores de Cristo. No entanto, mesmo se presumirmos que são, ainda assim restam 4,5 bilhões de pessoas que, se o Evangelho é verdade, estão neste momento separadas de Deus em seu pecado e (presumindo que nada mude) passarão a eternidade no inferno.

Mais uma vez, *4,5 bilhões*.

À luz de tudo que temos visto na Bíblia, Deus certamente tem nos dado Sua graça para estendermos Sua glória não somente a áreas de necessidade aqui, mas a áreas de necessidade ao redor do mundo. Não aqui *ou* lá, mas aqui *e* lá.

Em toda essa conversa sobre missões, você talvez pense: *Bem, você certamente não está sugerindo que todos nós temos que nos mudar para o exterior*. Isso com certeza não é o que eu estou sugerindo (mas não estou excluindo completamente essa possibilidade!). Porém, esse é precisamente o problema. Nós temos criado a ideia de que se você tem um coração pelo mundo e é apaixonado por missões globais, então você se muda para o exterior. No entanto, se você tem um coração pela sua nação e não é apaixonado por missões globais, então você fica em casa e apoia aqueles que vão. Enquanto isso, nitidamente contrária a essa ideia está a afirmação da Bíblia de que, independentemente de onde vivemos, os nossos corações devem ser consumidos por tornar a glória de Deus conhecida em todas as nações.

Eu sei que provavelmente existem alguns irmãos na igreja que pastoreio que não se importariam se eu fosse embora viver em outro país. Eu falo isso brincando (assim espero!), mas, afinal de contas, não é para lá que pessoas que são apaixonadas pelo mundo vão? Porém, é exatamente por isso que a igreja que eu pastoreio vai ter que me aturar (enquanto me quiserem). Porque de capa a capa a Bíblia ensina que toda a Igreja — não somente indivíduos selecionados, mas toda a Igreja — é criada para refletir toda a glória de Deus ao mundo todo. Porque cada homem, mulher, e criança da igreja que pastoreio é destinado para impactar as nações para a glória de Cristo, e existe uma forma projetada por Deus para que vivamos as nossas vidas aqui, e participemos da Igreja aqui, por amor às pessoas ao redor do mundo que não conhecem a Cristo.

Então, como é essa maneira de viver projetada por Deus? Toda essa conversa sobre ter um coração pelo mundo pode parecer um pouco clichê e até pode parecer um pouco superficial, mas o que realmente significa viver para a glória de Cristo em todas as nações? Ao continuarmos a olhar as palavras de Cristo, iremos mergulhar em respostas específicas para essa pergunta. A essa altura, deixe-me lhe dar apenas alguns exemplos de pessoas que trocaram sonhos de conforto, segurança, e prosperidade por sonhos que vão muito além do país e da cultura em que vivem.

Um Sonho Maior

Imagine um estudante universitário se preparando para sua profissão. Por toda sua vida, disseram-lhe para se esforçar na escola para que pudesse ir para a faculdade, obter um diploma, e construir uma carreira. Com a quantidade certa de motivação,

dedicação, e intuição, ele pode se tornar alguém um dia. Então, ele se dedica a esse objetivo.

Ou imagine um empresário que tem alcançado suas aspirações. Ele veio de uma família humilde e enfrentou desafios intimidadores, mas perseverou ao passar longos dias no escritório e noites curtas em casa a fim de chegar ao topo. Ele chegou lá mais rápido do que esperava e, apesar de não ter sido sempre fácil, no final ele acredita que valeu a pena. Ele agora vive numa casa enorme na área nobre da cidade com sua esposa e seus filhos: um homem que venceu com seus próprios esforços e que possui tudo que necessita.

E então tem o casal dando início à aposentadoria. Finalmente a espera terminou, e as opções são muitas. Estabelecer-se numa casa afastada, ou viajar pelo país? Renovar a casa, ou fazer uma segunda hipoteca para outra nas montanhas? Comprar um barco de pesca, ou fazer aulas de golfe? Os prazeres que eles desfrutam agora são um monumento dos anos de esforço e trabalho duro que tornaram tudo isso possível.

Imagine esses cenários comuns e depois faça a pergunta: "Nós fomos criados para algo muito maior que isso?"

Deixe-me lhe apresentar a Daniel, um universitário como o que mencionei antes. Ele é membro da nossa família da fé e recente formando com honra com um diploma em engenharia mecânica de uma universidade local. Ao sair da faculdade, ele recebeu duas ofertas atraentes: aceitar um emprego com um salário extremamente alto numa usina de energia nuclear, ou ter todas as suas despesas pagas para conquistar seus diplomas de mestrado e doutorado em engenharia.

Aceitar qualquer uma dessas ofertas certamente não teria sido ruim, mas dois anos atrás Daniel conheceu a vida em Cristo. O foco de sua vida inteira mudou para usar a graça de Deus em sua vida para honrar a glória de Deus. Consequentemente, ele recusou as duas opções diante dele e, ao invés, foi trabalhar com um programa de engenharia criado para ajudar comunidades pobres ao redor do mundo. O pai de Daniel me enviou um e-mail logo após seu filho tomar a decisão, dizendo: "Daniel fez uma partida muito radical do meu estabelecido e tradicional sistema de valores. Eu criei meus filhos com valores cristãos sólidos e naturalmente esperava que eles agarrassem oportunidades de ouro e se estabelecessem numa produtiva vida em família". Porém, no restante do e-mail, o pai dele descreveu como tinha orgulho de seu filho deixar as

buscas deste mundo a fim de "levar o Evangelho a lugares e pessoas desconhecidos". E Deus tem sido fiel a Daniel. Eu tive uma reunião com ele no meu escritório algumas semanas atrás, e ele me contou sobre oportunidades sem precedentes que Deus agora está lhe dando da América à Ásia e à África à medida que busca um sonho muito maior do que jamais teve antes.

E permita-me lhe apresentar o Jeff, um empresário assim como o que mencionei antes, que subiu a escada do sucesso e descobriu que o sucesso no Reino de Deus envolve mover-se para baixo, não para cima. Quando era um jovem profissional, ele alcançou os mais altos padrões de sucesso da nossa cultura em quase todas as formas concebíveis. Deixarei que ele conte sua história com suas próprias palavras em trechos de um dos discursos que ele fez para outros executivos em sua empresa durante uma de suas conferências.

> A minha carreira tem sido um completo turbilhão de forma mais bem-sucedida do que eu jamais imaginei que poderia ser. Estou pagando mais em impostos do que eu pensava algum dia poder ganhar em um ano inteiro! Tenho sido incrivelmente abençoado. Eu pude fazer com que a minha esposa parasse de trabalhar. Depois nós compramos a casa dos nossos sonhos exatamente no bairro em que sempre quisemos morar. Eu comprei a BMW; comprei a enorme casa de praia; e nós tivemos ótimas férias. Além disso tudo, eu estava desenvolvendo um negócio que eu realmente amava numa indústria pela qual sou apaixonado. Porém, de alguma maneira, algo estava faltando na minha vida, e eu não conseguia descobrir o que era. Sou cristão desde os sete anos de idade, mas através da minha busca pelos negócios e por sucesso, de alguma forma eu havia substituído buscar o Senhor por buscar coisas e sucesso.
>
> Então, ano passado aconteceu algo que mudou a minha vida. Eu estava no lixão da cidade de Tegucigalpa, em Honduras. Eu vi homens, mulheres e crianças vivendo num lixão onde vasculhavam por comida e abrigo. Constrangido pela realidade de pais criando seus filhos num lixão, eu atingi o meu limite quando vi uma mulher grávida de oito meses passar por mim procurando por comida. Eu não conseguia decidir o que era pior — o fato de que o bebê havia sido concebido num lixão ou

que o bebê nasceria ali. No meio daquele cenário, Deus me perguntou: "O que você irá fazer com o que Eu tenho lhe dado? Como você irá usar a sua influência, a sua liderança, e os seus recursos no mundo ao seu redor?"

Pela primeira vez, Jeff percebeu que Deus tinha um propósito para sua vida que era maior do que a busca pelo próximo grande objetivo. Então, Jeff decidiu se afastar disso. Ele ainda administra sua empresa e ganha muito dinheiro, mas não para honrar a si mesmo. Ele e outros dois homens da nossa família da fé iniciaram um ministério que trabalha com igrejas locais ao redor do mundo para prover água limpa em comunidades em que milhares morrem todos os dias de doenças evitáveis transmitidas pela água. Juntos, eles estão descobrindo o que falamos no último capítulo: Deus tem o compromisso de prover recursos abundantes em apoio àqueles que estão vivendo de acordo com Seu propósito.

Por fim, permita-me lhe apresentar a Ed e Patty. Agora com seus setenta e poucos anos, eles estavam diante de uma gama de opções sobre o que fazer em sua aposentadoria. Em resposta, eles escolheram um caminho incomum. Este ano, de julho a outubro, Ed e Patty ficaram em casa durante um total de apenas onze dias. Eles não ficaram em casa porque estavam levando socorro a cidades que haviam sofrido enchentes nos Estados Unidos. Ambos foram à Nigéria, e Ed foi a Sri Lanka, onde cozinhou refeições para os famintos em meio a uma luta rebelde. Ed me disse que Patty geralmente viaja com ele, mas ela não gosta de dormir debaixo de caminhões no meio de lutas rebeldes, então não foi para Sri Lanka com ele! Certa vez, Ed me disse: "O que mais irei fazer na minha aposentadoria? Eu só quero falar sobre o Evangelho para o maior número de pessoas possível".

Se você conhecesse Daniel, Jeff, Ed, ou Patty, você provavelmente não veria nada de extraordinário neles. São pessoas modestas que alcançaram diferentes níveis de sucesso neste mundo. Porém, todas elas têm o seguinte em comum: acreditam que o propósito de suas vidas é mais profundo do que ter um bom trabalho, criar uma família decente, viver uma vida confortável, e terminar com frequência assídua na igreja. Elas creem que Jesus as chamou para um plano muito mais alto e lhes deu um sonho muito maior. Creem que Deus lhes mostrou grandiosa graça a fim de usá-las para cumprir o

propósito glorioso, global, e que exalta a Deus, que tem sido o principal desde o princípio de tudo, e não querem se acomodar com nada menos do que entrega radical a esse propósito.

Impacte o Mundo

Então como seria isso na sua vida? Ao explorarmos o que significa ser radicalmente rendido a Cristo, eu convido você a simplesmente deixar o seu coração ser agarrado, talvez pela primeira vez, pela perspectiva bíblica de que Deus criou um propósito radicalmente global para a sua vida. Eu lhe convido a deixar de lado qualquer raciocínio não evangélico que possa impedir você de cumprir esse propósito. Eu lhe convido a considerar comigo o que significaria para todos nós — pastores e membros de igreja, homens e mulheres de negócios, advogados e médicos, consultores e operários, professores e alunos, profissionais autônomos e donas de casa — gastar toda a nossa vida para que Deus seja glorificado em todo o mundo.

Parece idealista, eu sei. Impactar o mundo. Mas isso também não soa bíblico? Deus nos criou para cumprir com a nossa vida um propósito radicalmente global que exalta a Ele de forma suprema. A definição formal de *impacto* é "um poderoso contato entre duas coisas", e Deus projetou a nossa vida para um curso de colisão com o mundo.

E se isso não for somente bíblico, mas também possível? Existe uma máxima antiga de que aqueles que dizem que algo não pode ser feito deveriam sair do caminho daqueles que o estão fazendo. E se um idealismo apaixonado, global e que exalta a Deus for exatamente o necessário nas vidas de indivíduos cristãos hoje? E se esses cristãos radicais se reunissem em comunidades de fé chamadas igrejas, que fossem rendidas ao propósito do povo de Deus que existe desde o início dos tempos? Talvez, apenas talvez, juntos veríamos o cumprimento desse propósito.

Irei terminar com um e-mail que recebi recentemente de Jamie, uma mãe da nossa família da fé que acaba de voltar da Guatemala. Outra igreja a convidou para compartilhar sobre sua experiência, e aqui está uma porção do que ela compartilhou.

> Eu tomei a decisão de ir para a Guatemala após ver na Palavra de Deus que Ele nos ordena a ir a fazer discípulos de todas as nações. Eu estava indo por ser obediente, e não porque eu tinha um coração para missões ou uma paixão pelo povo da Guatemala. Eu quero que você entenda que sou esposa, mãe, e psicóloga

de meio período — não sou missionária, e certamente não sou uma pregadora. Eu estava simplesmente sendo minimamente obediente ao que creio que a Palavra de Deus nos diz para fazer. Glória a Deus que Ele não é minimamente fiel e não nos abençoa minimamente.

Após passar uma semana rodeada de crianças preciosas que comem um copo de mingau por dia, a pergunta que voltei à Birmingham fazendo a Deus é por que Ele me abençoou enquanto outros possuem tão pouco. E foi isso que Deus me mostrou: "*Eu abençoei você para a Minha glória. Não foi para você ter uma vida confortável com uma casa grande e um carro legal. Não foi para você gastar um monte de dinheiro com férias, educação, ou roupas. Essas coisas não são ruins, mas Eu abençoei você para que as nações Me conheçam e vejam a Minha glória".*

Durante toda a minha vida eu nunca conectei as bênçãos de Deus ao propósito de Deus, e agora percebo o que nunca vi. Deus tem me abençoado para mostrar Seu amor a Domingo [um senhor que Jamie viu se render a Cristo na Guatemala aquela semana]. Deus tem me abençoado para mostrar Sua misericórdia e Sua graça às crianças na Guatemala. É por isso que Deus me deu renda, educação, e recursos. Deus me salva para que as nações O conheçam. Ele me abençoa para que toda a Terra veja Sua glória!

CAPÍTULO 5



A COMUNIDADE MULTIPLICADORA

Como nos Reunimos para Cumprir o Propósito de Deus

Num dia escaldante de novembro, eu estava sentado no meio da vasta paisagem africana, tomando chá quente com o meu amigo Bullen. Nós estávamos cercados por prédios destruídos numa terra devastada por vinte anos de guerra civil. O que um dia havia sido uma comunidade próspera no Sudão era agora um lugar cinzento, queimado e entristecido. Milhares e milhares dos irmãos e irmãs em Cristo de Bullen haviam morrido em volta dele nas mãos de um regime militante muçulmano. E eles eram nossos irmãos e irmãs também.

Bullen havia sido separado de sua família quando era criança e cresceu no Sudão sozinho. Porém, quando olhei para seu rosto magro e escuro naquele dia, fui surpreendido pelo sorriso contagioso que brilhava toda vez que ele falava.

Nós estávamos conversando sobre como Deus havia trabalhado na vida de Bullen, levando-o a confiar em Cristo quando ele não conseguia confiar em nada mais. Conversamos sobre o que Deus estava fazendo em cada uma das nossas vidas, e falamos sobre os planos Dele para nós no futuro. No meio daquela conversa, Bullen abaixou o copo de chá quente de seus lábios, olhou nos meus olhos, e disse: “David, eu irei impactar o mundo”.

Uma declaração interessante. Ali estava um rapaz na selva africana quase sem recursos. Um rapaz que não havia visto muito do mundo além dos vilarejos que o cercavam. Um rapaz que por todas as aparências externas não tinha muita esperança de mudar sua sorte na vida.

— Bullen, como você vai impactar o mundo? — eu perguntei.

— Eu irei fazer discípulos de todas as nações — ele disse.

— Então você irá impactar o mundo fazendo discípulos de todas as nações?

Aquele sorriso imediatamente tomou conta do rosto dele.

— Por que não? — ele perguntou.

Então ele voltou a beber seu chá.

Eu nunca esquecerei aquelas três palavras.

Por que não?

Enquanto eu estava deitado naquela noite debaixo de um telhado de palha de uma cabana de barro, não conseguia tirar a pergunta de Bullen da minha cabeça. Ele a havia feito com tamanha paixão inocente e idealista. Ele não era apenas otimista o bastante para pensar que de fato podia afetar o mundo ao redor dele, mas também era confiante o bastante para saber como iria fazer isso. Ele realmente acreditava que, ao obedecer a ordem de Jesus de fazer discípulos, iria impactar o mundo.

Neste capítulo, eu quero propor que o plano que Bullen identificou para sua vida é o mesmo plano que Jesus identificou para cada uma de nossas vidas. Independentemente do país em que vivemos, quais habilidades possuímos, que tipo de educação nós temos, ou que tipo de salário ganhamos, Jesus ordenou que cada um de nós faça discípulos, e *esse é o meio* pelo qual nós impactaremos o mundo. De fato, Jesus nos convidou para nos juntarmos a Ele na jornada surpreendentemente simples de propagar o Evangelho a todas as nações ao gastarmos as nossas vidas para o bem dos outros e para a glória de Deus.

O Próximo Passo

No último capítulo, nós vimos a nossa necessidade de conectar a bênção de Deus com o propósito de Deus. Sou muito grato a mentores e colegas, pastores e autores que têm me ajudado a compreender a natureza global e teocêntrica de Deus.

Ao mesmo tempo, preocupo-me com uma ambiguidade geral que tem existido no cristianismo contemporâneo a respeito do próximo passo. Nós temos visto que Deus nos abençoa para que Sua glória possa ser conhecida em todas as nações. Porém, uma questão muito importante permanece. *Como* tornamos a glória de Deus conhecida em todas as nações? Se Deus tem nos dado Sua graça para que possamos levar Seu Evangelho aos confins da Terra, então *como* fazemos isso? Saímos pelas ruas e

simplesmente começamos a proclamar a glória de Deus de alguma forma? Todos nós deveríamos ir para outras nações? Se formos, o que fazemos quando chegamos lá? Como tudo isso se traduz no nosso dia-a-dia?

Jesus tem muito para nos ensinar aqui. Se fôssemos deixados sozinhos com a tarefa de levar o Evangelho ao mundo, começaríamos imediatamente a planejar estratégias inovadoras e traçar esquemas elaborados. Organizaríamos convenções, desenvolveríamos programas, e criaríamos fundações. Conseguiríamos os maiores nomes para atrair as maiores multidões para os maiores eventos. Iniciaríamos mega igrejas e faríamos mega conferências. Nós faríamos… bem, faríamos o que estamos fazendo no mundo todo hoje.

No entanto, Jesus é tão diferente de nós. Com a tarefa de levar o Evangelho ao mundo, Ele passeou pelas ruas e vielas de Israel procurando por uns poucos homens. Não me compreenda mal — Jesus levava Sua missão muito a sério. Ele estava iniciando uma revolução, mas Sua revolução não giraria em torno das massas ou das multidões. Ao contrário, giraria em torno de poucos homens. Não giraria em torno de alcançar uma certa posição. Ao invés disso, giraria em torno de escolher poucas pessoas. Ele evitava intencionalmente títulos, rótulos, aclamação, e popularidade em Seu plano de virar o curso da História de cabeça para baixo. Tudo que Ele queria era alguns homens que pensavam como Ele pensava, amavam como Ele amava, enxergavam como Ele enxergava, e serviam como Ele servia. Tudo que Ele precisava era revolucionar o coração de alguns, e eles impactariam o mundo.

A Grande Aposta de Jesus

Imagine Jesus enquanto Ele Se prepara para ir à Cruz. Orando ao Pai, Ele relata Seu ministério no mundo. Ele começa: *"Eu Te glorifiquei na Terra, completando a obra que Me deste para fazer"*.[1] Em seguida Ele descreve essa obra.

O que é chocante é que quando Jesus resume Sua obra na Terra, Ele não começa revivendo todos os grandes sermões que pregou e todas as pessoas que vieram Lhe ouvir. Ele não fala sobre os incríveis milagres que operou — restaurar a visão do cego, fazer o paralítico andar, e alimentar milhares de pessoas com pouca comida. Ele sequer

menciona ressuscitar os mortos. Ao invés disso, Ele fala repetidamente sobre o pequeno grupo que Deus Lhe deu no mundo. Eles foram a obra que Deus Lhe havia dado. Eles eram, bem literalmente, Sua vida.

Ao ler João 17, é impossível evitar sentir a intensidade do afeto que Jesus tinha por aquele grupo de discípulos e a seriedade do investimento que Ele havia feito em suas vidas. Considere a seguinte amostra da oração de Jesus a Seu Pai a respeito daqueles discípulos:

- *Eu revelei Teu nome àqueles que do mundo Me deste.*
- *Tudo o que tenho é Teu, e tudo o que tens é Meu. E Eu tenho sido glorificado por meio deles.*
- *Enquanto estava com eles, Eu os protegi e os guardei no nome que Me deste.*
- *Agora vou para Ti, mas digo estas coisas enquanto ainda estou no mundo, para que eles tenham a plenitude da Minha alegria.*
- *Em favor deles Eu Me santifico, para que também eles sejam santificados pela verdade.*[2]

Jesus viveu por eles. Durante Seu ministério terreno, Ele passou mais tempo com esses doze homens do que com quaisquer outras pessoas no mundo. Isso é surpreendente quando realmente paramos para pensar. No fim do tempo do Filho de Deus na Terra, Ele havia apostado tudo em Seus relacionamentos com doze homens. No meio de Sua oração, Ele até mencionou que um deles (Judas) se perdeu. Então agora foram reduzidos para onze. Aqueles onze homens eram o pequeno grupo responsável por continuar tudo que Jesus havia começado.

Após Sua oração no cenáculo, Jesus foi para a Cruz e morreu ali. Depois Ele ressuscitou do túmulo e apareceu a Seus discípulos. Um de seus momentos finais com eles é capturado em Mateus 28. Os onze se reuniram em volta Dele, e Jesus disse: *"Foi-Me dada toda a autoridade nos Céus e na Terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que Eu lhes ordenei. E Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos".*[3]

Após intencionalmente passar Sua vida na Terra com esses onze homens, Jesus lhes disse: "*Agora saiam e façam o mesmo com as outras pessoas*". A mega estratégia de Jesus: fazer discípulos.

Todo e Qualquer Seguidor de Cristo

Qualquer cristão pode fazer isso. Você não precisa ter dons extraordinários nem habilidades incomuns para fazer discípulos. Você não precisa ser um pastor bem-sucedido nem um líder carismático para fazer discípulos. Você não precisa ser um grande comunicador nem um pensador inovador para fazer discípulos. É por isso que Jesus diz que todo cristão tem que fazer isso.

Uma das consequências não-planejadas das estratégias da igreja contemporânea, que giram em torno de espetáculos, lugares, programas, e profissionais é que, sem querer, as pessoas deixam de ser o foco. Porém, de acordo com Jesus, as pessoas são o método de Deus para ganhar o mundo para Ele. Pessoas que têm sido radicalmente transformadas por Jesus. Pessoas que não se contentam em sentar no banco de reserva aos domingos enquanto assistem profissionais cuidarem do ministério por elas. Pessoas que são equipadas aos domingos para participar do ministério todos os dias da semana. Pessoas que são aptas e livres para fazer exatamente o que Jesus fazia e o que Jesus nos disse para fazer. Fazer discípulos.

Pessoas como Jim e Cathy. Eles sentam na fileira da frente na nossa reunião de adoração toda semana, mas não se consideram no banco de reserva da igreja. Eles administram um negócio e enxergam seu local de trabalho como uma plataforma para fazer discípulos. No ano passado, dezesseis de seus colegas de trabalho entregaram suas vidas a Cristo. E eles não estão obedecendo a Cristo somente nos Estados Unidos. Jim oferece treinamento de pequenos negócios para homens na empobrecida Tanzânia, enquanto Cathy dá treinamento para mulheres da Tanzânia sobre negócios que podem desenvolver em suas casas. Jim me disse recentemente: "Realmente não dá para ficar melhor. O meu coração transborda de louvor porque Deus escolhe trabalhar em mim e na minha família".

Ou pessoas como Robert, um empresário bem-sucedido da nossa comunidade. Após um estudo recente que fizemos sobre fazer discípulos, Robert me disse que em todos seus anos na igreja ele nunca havia enxergado a responsabilidade — e o privilégio —

que tinha de impactar as nações para a glória de Cristo. Então agora ele está fazendo isso. Robert e sua esposa atualmente liderem um grupo pequeno em sua casa toda semana em que levam jovens casais a Cristo e os ajudam a crescer em relacionamento com Ele. Eles têm mobilizado esses casais a se envolverem em ministérios em toda a cidade, desde as comunidades hispânicas de baixa renda até os moradores de rua do centro da cidade. Robert também tem levado esses jovens casais para o exterior, onde os tem preparado e capacitado para ensinar os princípios do casamento centrado no Evangelho a outros casais em diferentes contextos ao redor do mundo.

E quanto à Holly? Ela é uma jovem mãe que recentemente deixou um emprego confortável no subúrbio para dar aula numa escola na área pobre do centro da cidade. No entanto, Holly não somente ensina alunos; ela investe em famílias com o Evangelho. Ela me contou sobre uma família que havia visitado recentemente — uma mãe solteira que trabalha em tempo integral enquanto faz faculdade, com cinco filhos de idades de três a quinze anos. Essa mãe usa o forno para aquecer sua casa e, como móveis não são fáceis de comprar, seus filhos dividem camas de solteiro. Holly mobilizou seu grupo pequeno a servir a essa família, e agora eles estão no processo de levar camas e outros suprimentos para eles. Ah, e a propósito, enquanto escrevo isso, Holly e seu esposo, John, estão treinando líderes de igreja no Sudão.

Esse é o quadro. O plano de Cristo não depende de ter os programas certos ou contratar os profissionais certos, mas de formar e estar com as pessoas certas — uma comunidade de pessoas — que percebem que todos nós somos preparados e capacitados para cumprir o propósito de Deus para as nossas vidas. O que acontece quando os Jims, as Cathys, os Roberts, e as Hollys por toda a igreja começam a tomar posse da realização do plano de Cristo? Eles logo começam a perceber que foram todos de fato criados para impactar as nações para a glória de Deus.

Então como fazemos isso? Se fazer discípulos é o plano de Cristo, e se isso é acessível a todos nós e esperado de todos nós, então como o fazemos?

Na verdade, o fato que nos falta um entendimento claro do que significa fazer discípulos é impressionante. Esse é o último mandamento de Jesus a Seus seguidores antes de Ele deixar a Terra. É a missão central que Cristo deu à Sua igreja antes de ir

para o Céu. Entretanto, se perguntarmos a indivíduos cristãos o que significa fazer discípulos, possivelmente obteríamos pensamentos confusos, respostas ambíguas, e provavelmente até mesmo alguns olhares vazios.

Era aí que eu estava — e, até certo ponto, onde ainda estou. Quanto mais leio os Evangelhos, mais fico maravilhado com a simples genialidade do que Jesus estava fazendo com Seus discípulos. A minha mente tende a viajar em direção a sonhos grandiosos e estratégias complexas, e fico surpreso quando vejo Jesus simplesmente, intencionalmente, sistematicamente, e pacientemente caminhando ao lado de doze homens. Jesus me faz lembrar de que discípulos não são produzidos em massa. Discípulos de Jesus — seguidores de Jesus genuínos, comprometidos, e que sacrificam a si mesmos — não são criados da noite para o dia.

Fazer discípulos não é um processo fácil. É estressante. É confuso. É devagar, tedioso, e até doloroso às vezes. É todas essas coisas porque é relacional. Jesus não nos deu uma fórmula passo-a-passo que não exige esforço para impactar as nações para Sua glória. Ele nos deu pessoas, e disse: "*Viva por elas. Ame-as, sirva-as, e lidere-as. Leve-as a Me seguirem, e leve-as a liderar outros para Me seguirem. Enquanto fizer isso, você irá multiplicar o Evangelho até os confins da Terra*".

Para ver o que está envolvido nisso, vamos considerar novamente aquelas palavras de despedida de Jesus para Seus discípulos — e para você e eu. Nós devemos *ir* e fazer discípulos de todas as nações. Depois devemos *batizá-los* em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. E devemos *ensiná-los* a obedecer tudo que Jesus ordenou. A soma de tudo isso é os meios de multiplicar pessoas que desfrutam da graça de Deus e espalham Sua glória pelo mundo.

O Evangelho e a Rua Bourbon

Primeiramente, de acordo com Jesus, discipular envolve ir. Envolve levar o Evangelho intencionalmente às pessoas onde elas vivem, trabalham, e se divertem. Fazer discípulos não é um chamado para que os outros venham até a nós ouvir o Evangelho, mas um mandamento para nós irmos aos outros compartilhar o Evangelho. Um mandamento para que sejamos pessoas que vivem e falam do Evangelho em todo momento e em todo contexto onde nos encontramos.

Quando a minha esposa e eu nos mudamos para Nova Orleans, rapidamente me

encontrei fora de contexto. A cidade de Nova Orleans é diferente de qualquer outro lugar, e o Bairro Francês é especialmente peculiar. Lar da Rua Bourbon, essa parte da cidade tem uma demografia diversa, para dizer o mínimo. Lembro-me da primeira vez que caminhei pelo centro do Bairro. Notei homens e mulheres de todas as esferas da vida entrando e saindo de bares e restaurantes. Vi casais ricos fazendo um passeio e passando por moradores de rua. Observei o que parecia ser uma mistura de heterossexuais, homossexuais, bissexuais, e travestis tudo dentro de alguns quarteirões.

Uma das áreas mais famosas do Bairro Francês é chamada de Jackson Square. Abrigado em frente a uma enorme catedral católica romana, esse parque está sempre cheio de pessoas — tanto moradores locais como turistas. É cheio de artistas de rua e barracas de cartomantes e quiromantes, adivinhos, e praticantes de vodu.

Dois amigos e eu começamos a pensar em como comunicaríamos o Evangelho no Bairro Francês. Ao olharmos ao redor para todas as barracas em que as pessoas se sentavam para que lessem suas mãos ou adivinhassem seu futuro, decidimos entrar em ação. Então, um dia preparamos a nossa própria barraca. Bem ao lado da Rainha do Vodu de Nova Orleans, nós colocamos uma mesa, a cobrimos com um pano e velas, posicionamos algumas cadeiras na frente e atrás, e escoramos uma placa que dizia: "Adivinhamos o Seu Futuro de Graça".

As pessoas vinham até a mesa e sentavam com um olhar curioso no rosto.

— Vocês vão revelar o meu futuro?

— Com certeza — nós dizíamos.

Ficamos tentados em pedir para as pessoas mostrarem as mãos, mas decidimos que isso seria ir longe demais. Então começamos a fazer-lhes duas perguntas simples. Essas perguntas eram criadas para estabelecer o fato de que elas tinham pecado em suas vidas a fim de que pudéssemos olhar para elas e dizer: "O seu futuro não parece muito bom". Então nós começaríamos a compartilhar como o futuro delas podia mudar devido à obra de Cristo na Cruz.

Isso acabava provocando algumas conversas interessantes, mas não demorou muito para que percebêssemos que compartilhar o Evangelho no Bairro Francês envolveria muito tempo e muito trabalho. Por exemplo, ao conhecermos moradores de ruas, rapidamente descobrimos que eles estavam acostumados a ouvir o Evangelho ou pelo

menos uma versão dele. Era comum alguém entregar um folheto bíblico nas mãos deles ou receberem condenação por causa de seu "estilo de vida pecaminoso". Na maioria das vezes, a pessoa que lhes falava sobre o Evangelho desaparecia no minuto seguinte.

Quando começamos a falar sobre o Evangelho, as pessoas no Bairro Francês acharam que éramos simplesmente como todos os outros. Então quando voltamos no dia seguinte e na próxima semana, e na semana após aquela, e na semana seguinte, as coisas começaram a mudar nelas… e em nós.

Começamos a passar muito tempo naquele bairro. Nós levávamos comida quando podíamos. Não tínhamos muito dinheiro, e a comida mais barata que podíamos achar era tacos do Burger King. Não me pergunte por que o Burger King estava vendendo tacos, mas eles eram baratos, então comprávamos uma sacola cheia deles e nos dirigíamos para o Bairro Francês. Aqueles tacos (e o frango frito que levávamos em outras ocasiões) nos davam a oportunidade de sentar nas ruas de Nova Orleans e começar a criar relacionamentos. Ouvir sobre a vida das pessoas, suas circunstâncias, suas histórias, suas famílias, seus sonhos, e suas lutas. E compartilhar as nossas próprias histórias, nossas famílias, nossos sonhos, e as nossas lutas com elas.

Um por um, homens e mulheres sem-teto começaram a entregar suas vidas a Cristo. Antes de o furacão Katrina atingir a cidade, todo domingo de manhã cerca de cinquenta deles se reuniam no Bairro Francês para tomar café da manhã e fazer culto. Recentemente, voltei para Nova Orleans e encontrei um dos homens do Bairro Francês que havia confiado em Cristo e havia sido batizado na igreja. Com os braços cobertos de tatuagens, ele me deu um abraço de urso e disse: "David, quero te contar que agora estou liderando um ministério para moradores de rua no Bairro Francês".

Fazer discípulos não tem a ver com um programa ou um evento, mas com relacionamento. Ao compartilharmos o Evangelho, nós transmitimos vida, e essa é a essência de fazer discípulos. É compartilhar a vida de Cristo.

É por isso que fazer discípulos não tem apenas a ver com ir, mas também inclui batizar.

Bem-Vindo à Família

O batismo é a figura clara, pública, e simbólica da nova vida que temos em Cristo. Como ilustrado no batismo, nós morremos com Cristo — morremos para o nosso

pecado e para nós mesmos — e fomos ressuscitados para a vida com Ele.[4]

O batismo também retrata a nossa identificação uns com os outros na igreja. O batismo nos une como irmãos e irmãs que compartilham a vida de Cristo uns com os outros.[5] Fazer discípulos envolve convidar pessoas para uma comunidade de fé maior onde verão a vida de Cristo em ação e vivenciarão o amor de Cristo em pessoa.

Na semana passada, na nossa reunião de adoração, nós celebramos três batismos. Uma pessoa era uma mãe e dona de casa que havia crescido na igreja e havia tido uma vida "boa", mas recentemente seus olhos foram abertos pela primeira vez para a realidade de sua pecaminosidade, mesmo em sua suposta bondade, e ela confiou em Cristo como seu Senhor e Salvador. Uma outra pessoa era um empresário que, após anos de caminhada com Cristo, percebeu que nunca havia sido obediente em ser batizado em identificação com Cristo e Sua Igreja. O terceiro era um ex-alcoólico, ex-viciado, e ex-traficante de drogas que havia sido radicalmente salvo pela graça de Deus. (Vale observar que ele recentemente abordou alguns homens da nossa igreja que lideram ministérios no exterior e lhes disse que possui habilidades propícias para transportar contrabando — em outras palavras, Bíblias — através de fronteiras. Isto é, se estivéssemos interessados em usar o conhecimento dele!)

Ao celebrarmos a obra de Cristo em cada uma dessas vidas, eu louvei a Deus pela beleza do corpo de Cristo. Trazidos de passados diferentes e tendo enfrentado diferentes lutas, nós nos encontramos reunidos como um na vida de Cristo. Fazer discípulos envolve identificar-se com uma comunidade de crentes que mostram amor uns aos outros e compartilham a vida uns com os outros à medida em que vivemos juntos para a glória de Deus.

Anteriormente, eu mencionei Jim Shaddix, o professor do seminário em que estudei em Nova Orleans. Estou muito agradecido a Jim por ele ter compartilhado sua vida comigo da mesma forma que Jesus fez com Seus discípulos. Eu ganhei muito ao frequentar as aulas que Jim ministrava, mas melhor ainda foi o tempo que passávamos conversando em seu escritório, em seu carro durante as viagens, em sua casa com sua família, e na comunidade quando compartilhávamos o Evangelho.

Lembro-me de chegar em casa um dia após termos nos mudado para Nova Orleans. Eu estava com pressa para trocar de roupa e deixar o apartamento. A minha esposa me perguntou por que aquela pressa, e eu lhe disse que ia correr com o Dr. Shaddix.

— Correr? — ela perguntou. — Desde quando você corre?

— Desde que o Dr. Shaddix me convidou para correr com ele alguns minutos atrás — eu respondi.

Eu odeio correr. Nunca fui um daqueles caras que gostam de correr em círculos sem chegar a lugar nenhum. Porém, assim que o Dr. Shaddix me convidou para dar uma corrida com ele, eu virei um atleta *cross-country* de primeira. Veja bem, fosse correndo em círculos em volta do campus do seminário ou sentado em sua casa conversando sobre a vida e o ministério, Jim era atencioso o bastante para compartilhar sua vida comigo e, através disso me mostrar o que significa seguir a Cristo. E eu queria isso, mesmo se incluísse suor.

Fazer parte de uma comunidade de fé envolve estar exposto à vida de Cristo em outros. Assim como somos identificados com Cristo e Sua Igreja no batismo, nós agora compartilhamos a vida em Cristo uns com os outros. Então para quem você pode deliberadamente, intencionalmente, e sacrificialmente mostrar a vida de Cristo dessa forma? Isso é fundamental para fazer discípulos, e nós multiplicaremos o Evangelho somente quando permitirmos que os outros cheguem perto o bastante de nós para verem a vida de Cristo em ação.

Receptores ou Reprodutores?

Tanto ir como batizar são cruciais para fazer discípulos. Porém, implicam a necessidade de algo igualmente crucial: ensinar. Essa é uma atividade da qual todos nós deveríamos fazer parte para cumprir o propósito de vida que Deus nos deu. Em nossos relacionamentos uns com os outros no corpo de Cristo, devemos estar continuamente ensinando uns aos outros a Palavra de Cristo.

Entretanto, quando ouvimos Jesus falar sobre ensino, precisamos ter cuidado para não pensarmos imediatamente no cenário de sala de aula com estilo de palestra que muitas vezes associamos com ensinar a Palavra. Salas de aula e palestras têm seu lugar, mas esse não é o tipo predominante de ensino que vemos no relacionamento de Jesus com Seus discípulos. Pelo contrário, o mundo era uma sala de aula perpétua para Jesus e Seus discípulos, oferecendo oportunidades de aprendizado a todo momento.

Isso é especialmente importante quando consideramos a ordem de Cristo para cada um de nós fazer discípulos. Quando pensamos sobre ensino, muitas vezes concluímos

que nem todo mundo destina-se a ser professor. A Palavra fala claramente sobre o dom espiritual de ensino e identifica papéis específicos de liderança na igreja que são relacionados ao ensino da Palavra de Deus. Portanto, presumimos que ensinar é uma tarefa relegada somente a alguns. Porém, apesar de devermos certamente reconhecer e afirmar professores talentosos dados à Igreja por Deus, a ordem de Jesus para fazermos discípulos prevê uma função de ensino para todos nós.

Por exemplo, imagine "ir" e levar uma pessoa à fé em Cristo e depois vê-la "batizada" em identificação com Cristo e Sua Igreja? E agora? Como ela irá aprender a caminhar com Cristo diariamente? Se ensinar é algo limitado a algumas pessoas selecionadas na igreja que são preparadas para isso, então diremos imediatamente a essa nova cristã que ela precisa sentar numa sala de aula e aprender com um professor. Daí, chegamos à abordagem comum de "discipulado" hoje em dia — muito longe do discipulado de Jesus. Não significa que sentar em ambientes de ensino formal não seja proveitoso, mas e se Cristo de fato nos estabeleceu para sermos professores?

Pense sobre isso. Qual seria a forma mais eficaz de essa nova seguidora de Cristo aprender a orar? Matriculá-la numa aula sobre oração uma vez por semana? Ou convidá-la pessoalmente para o seu momento devocional com Deus para ensiná-la como orar?

Similarmente, qual seria a forma mais eficaz de essa nova seguidora de Cristo aprender a estudar a Bíblia? Matriculá-la no próximo curso disponível sobre estudo bíblico? Ou sentar-se com ela e ensiná-la os passos de como você aprendeu a estudar a Bíblia?

Isso eleva o nível no nosso próprio cristianismo. A fim de ensinar outra pessoa a orar, nós precisamos saber como orar. A fim de ajudar outra pessoa a estudar a Bíblia, nós precisamos estar ativos no estudo bíblico. Porém, essa é a beleza de fazer discípulos. Quando assumimos a responsabilidade de ajudar outros a crescerem em Cristo, isso automaticamente leva o nosso relacionamento com Cristo a um outro nível.

Observe o Matt, por exemplo. Ele veio até mim fazendo todo tipo de perguntas sobre como compartilhar o Evangelho com um grupo de mórmons com quem trabalha. Ele não sabia por onde começar. Eu sugeri algumas fontes, e o Matt começou a pesquisar sobre mormonismo e todas as diferenças entre os ensinos evangélicos e mórmons. Enquanto isso, ele começou a compartilhar sobre Cristo com seus colegas de trabalho mórmons.

Algumas semanas depois, Matt me enviou um e-mail em que dizia: “Graças àquele estudo e a ser capaz de compartilhar o Evangelho, a minha força e a minha fé em Cristo estão mais fortes e mais confirmadas do que nunca. A minha esposa já notou uma diferença na minha caminhada pessoal com Cristo, e eu louvo a Deus por me dar essa oportunidade”.

Quando esteve diante da possibilidade de compartilhar o Evangelho com pessoas cujas crenças ele não entendia, Matt poderia ter dito: “Eu não estou preparado para fazer isso; outra pessoa terá que fazer”. Ao invés disso, Matt assumiu a responsabilidade de ele mesmo ensinar a Palavra de Cristo e começou a crescer em sua caminhada com Cristo de formas que jamais teria imaginado.

Frequentemente pergunto aos membros da nossa igreja se são receptores ou reprodutores da Palavra de Deus. Deixe-me ilustrar a diferença.

Imagine que você está no Sudão. Você entra num casebre com telhado de palha com um pequeno grupo de líderes de igreja sudaneses e senta-se para ensinar-lhes a Palavra de Deus. Assim que começa, você perde contato visual com todos eles. Ninguém está olhando para você, e você mal vê os olhos deles durante o restante do tempo. A razão é que eles estão anotando cada palavra que você diz. Eles vêm até você no final e dizem: “Professor, nós iremos pegar tudo que aprendemos sobre a Palavra de Deus, traduzir para os nossos idiomas, e ensinar nas nossas tribos”. Eles não estavam ouvindo para receber, mas para reproduzir.

Agora me acompanhe numa jornada por um culto de adoração na América. Algumas pessoas estão com suas Bíblias abertas, enquanto outras não trouxeram as suas. Algumas pessoas estão fazendo anotações, mas a maioria está sentada passivamente no auditório. Enquanto algumas provavelmente estão distraídas, outras estão atentamente focadas no que o pregador está dizendo, escutando a Palavra de Deus para ouvir como ela se aplica em suas vidas. No entanto, a realidade é que poucos estão escutando para reproduzir.

Nós somos receptores por natureza. Mesmo se tivermos o desejo de aprender a Palavra de Deus, nós ainda ouvimos com uma mentalidade egocêntrica que está sempre perguntando: *O que eu posso tirar disso?* No entanto, como vimos, isso é um

cristianismo antibíblico. E se mudarmos a pergunta sempre que nos reunirmos para aprender a Palavra de Deus? E se começarmos a pensar, *Como posso ouvir essa Palavra para estar preparado para ensiná-la a outros?*

Isso muda tudo. De repente, pegamos o papel e a caneta. Tomar notas não é a medida do quanto estamos comprometidos a fazer discípulos. Porém, se ouvimos a Palavra de Deus ensinada a fim de ensinar outros, então queremos fazer isso da melhor maneira possível. Quando percebemos que temos a responsabilidade de ensinar a Palavra, isso muda tudo sobre como ouvimos a Palavra.

Isso também muda quem ouve a Palavra. Agora a Palavra que é pregada numa reunião de adoração ou ensinada num pequeno grupo está subsequentemente sendo traduzida a contextos e esferas de influência representados em toda uma igreja. A Palavra de Deus não é mais ouvida somente num prédio; ela está sendo multiplicada por toda a comunidade. Está multiplicando porque o povo de Deus não está mais ouvindo-a como se Sua Palavra fosse destinada a ficar parada com eles. Agora vivem como se a Palavra de Deus fosse destinada a ser propagada entre eles.

Isso é emocionante para mim como pastor. Quando eu ou outra pessoa da nossa igreja ensina a Palavra de Deus no domingo de manhã, sei que aquela verdade não ficará confinada naquele prédio. Aquela mesma verdade será ensinada num abrigo de mulheres naquela noite. Será ensinada nos estudos bíblicos dos locais de trabalho durante a semana. Será ensinada no fim de semana seguinte na prisão da cidade de Birmingham e num centro de reabilitação de drogados do bairro. No futuro, será traduzida e ensinada pelo nosso povo a pastores da América Latina e a novos cristãos da Ásia Central. Coisas emocionantes acontecem quando o povo de Deus crê que vale a pena passar suas vidas ensinando a Palavra de Deus aos outros.

Discipulando ou Desinfetando?

Fazer discípulos indo, batizando, e ensinando às pessoas a Palavra de Cristo e depois prepará-las para fazer o mesmo na vida de outros — esse é o plano que Deus tem para cada um de nós a fim de impactarmos as nações para a glória de Cristo.

Esse plano parece muito contraintuitivo para a nossa forma de pensar. Numa cultura em que o maior é sempre o melhor e o chamativo é o mais eficaz, Jesus chama cada um de nós para focarmos as nossas vidas nas pessoas de maneira simples, humilde e

modesta. A realidade é que não podemos compartilhar vida dessa forma com multidões e massas. Jesus não fez isso. Ele passou três anos com doze homens. Se o Filho de Deus achou necessário focar Sua vida em um grupo pequeno de homens, nós estamos nos enganando ao pensar que podemos produzir discípulos em massa hoje. O plano de Deus de levar o Evangelho ao mundo é um processo lento, intencional, e simples que requer que cada um de Seu povo sacrifique toda faceta de suas vidas para multiplicar a vida de Cristo em outros.

Algumas semanas atrás, eu estava em Cuba, e esse foi exatamente o quadro que eu vi. Em Cuba, não se vê muitos prédios de igreja grandes e propagandas chamativas de igreja. Quase não se nota a igreja... até que passamos a conhecer as pessoas. Nós visitamos uma igreja cubana pequena e pobre. Essa igreja havia plantado sessenta outras igrejas. No dia seguinte, visitamos uma das igrejas que eles haviam plantado. Aquela igreja havia plantado vinte e cinco outras igrejas. Os cristãos cubanos estão cumprindo a ordem de Jesus e multiplicando a Igreja ao fazer discípulos. Nada grande e nada extravagante. Apenas ir, batizar, e ensinar e, enquanto isso plantar igrejas de costa a costa daquele país.

No entanto, nós resistimos a esse plano, recorrendo a espetáculos e programas que parecem muito mais "bem-sucedidos". O nosso plano acaba desinfetando os cristãos do mundo mais do que discipulando cristãos no mundo. Deixe-me explicar a diferença.

Desinfetar cristãos do mundo envolve isolar seguidores de Cristo num cofre espiritual chamada igreja e ensiná-los a serem bons. Nessa estratégia, o sucesso na igreja é definido por quão grande é o prédio da sua igreja para acomodar todos os cristãos, e o objetivo é reunir o maior número possível de pessoas durante duas horas toda semana naquele lugar em que estamos isolados e ilhados das realidades do mundo à nossa volta. Quando alguém pergunta: "Onde é a sua igreja?" nós apontamos para um prédio ou lhes damos um endereço, e tudo gira em torno do que acontece naquele local.

Quando nos reunimos na igreja, aprendemos a sermos bons. Ser bom é definido pelo que evitamos no mundo. Somos santos por causa daquilo do qual não participamos (e neste ponto talvez sejamos a única organização do mundo que define o sucesso pelo que não fazemos). Nós vivemos vidas decentes em lares decentes com empregos decentes e famílias decentes como cidadãos decentes. Nós somos membros de igreja decentes com

no máximo um pouco mais de impacto no mundo do que tínhamos antes de sermos salvos. Apesar de milhares talvez se juntarem a nós, acabamos fechando os olhos para bilhões que sequer ouviram o nome de Jesus.

Discipular é muito diferente.

Enquanto desinfetar cristãos envolve isolá-los e ensiná-los a serem bons, discipular cristãos envolve encorajá-los a irem ao mundo arriscar suas vidas pelo bem de outros. Agora o mundo é o nosso foco, e nós medimos o sucesso na igreja não pelas centenas e milhares de pessoas que conseguimos trazer para dentro das nossas igrejas, mas pelas centenas e milhares de pessoas que estão saindo das nossas igrejas para conquistar o mundo com os discípulos que estão fazendo. Nesse caso, nunca pensaríamos que o plano de Jesus de fazer discípulos pudesse acontecer num culto semanal num local liderado por uma ou duas pessoas. Fazer discípulos acontece várias vezes toda semana em vários locais com um exército de homens e mulheres compartilhando, demonstrando, e ensinando a Palavra de Cristo e servindo juntos a um mundo que precisa de Cristo.

De repente, a santidade é definida pelo que fazemos. Nós somos agora uma comunidade de fé que obedece a Jesus e segue Seu plano, mesmo quando ele não faz sentido para a cultura à nossa volta e mesmo quando nos custa algo.

Enquanto isso, percebemos que de fato fomos destinados a alcançar o mundo para a glória de Cristo, e estamos descobrindo que o propósito pelo qual fomos criados é acessível para cada um de nós. Crianças e idosos, estudantes e trabalhadores, homens e mulheres todos juntos num corpo que é unido com outros seguidores de Cristo ao redor do mundo numa estratégia prática de fazer discípulos e impactar as nações para a glória de Cristo. Uma comunidade de cristãos, cada um multiplicando o Evangelho indo, batizando e ensinando nos contextos em que vivem diariamente. Existe outra coisa, de acordo com a Bíblia, que é considerada Igreja?

CAPÍTULO 6



O QUANTO É SUFICIENTE?

Cristãos ricos e um Mundo de Pobreza

Todos nós temos pontos cegos — áreas da nossa vida que precisam ser descobertas para que possamos ver corretamente e ajustar a nossa vida de acordo com elas. Porém, é difícil identificá-las. Os outros muitas vezes conseguem vê-las em nós, e nós dependemos de amigos para apontá-las. No entanto, a realidade é que mesmo assim temos dificuldade de reconhecê-las. Não queremos admitir que elas existem… muitas vezes até que seja tarde demais. Nós as descobrimos quando fazemos uma retrospectiva, mas não as vemos facilmente no presente.

Eu consigo me lembrar de pelo menos um ponto cego evidente na história cristã do meu próprio país. A escravidão. Até 150 anos atrás, não era ilegal ter escravos. Como é que cristãos que supostamente criam no Evangelho aceitavam a escravidão de outros seres humanos? Membros de igreja com boas intenções adoravam a Deus todo domingo e liam a Bíblia religiosamente a semana toda, enquanto usavam a Palavra de Deus para justificar a forma como tratavam homens, mulheres e crianças como propriedades para usarem e abusarem. Eles realmente achavam que estavam sendo generosos quando davam um frango a mais aos seus escravos no Natal.

Isso me assusta. Boas intenções, culto regular, e até estudo bíblico não previne a cegueira em nós. Parte da nossa natureza pecaminosa instintivamente escolhe ver o que queremos ver e ignorar o que queremos ignorar. Eu posso viver a minha vida cristã e até liderar a igreja enquanto negligencio o mal involuntariamente.

Não faz muito tempo que Deus começou a revelar um ponto cego na minha vida. Uma área de desobediência. Uma realidade na Palavra de Deus que eu fingia não existir. Falando de forma mais exata, eu vivia como se ela não existisse. Porém, Deus me levou a um lugar de confissão diante Dele, diante da minha família, e diante da família da fé que eu lidero.

Hoje, mais de um bilhão de pessoas no mundo vivem e morrem em terrível pobreza. Elas tentam sobreviver com menos de um dólar por dia. Cerca de outros dois bilhões vivem com menos de dois dólares por dia. Isso chega a quase metade do mundo lutando hoje para encontrar comida, água, e abrigo com a mesma quantidade de dinheiro que eu gasto com batata frita no almoço.

Mais de vinte e seis mil crianças hoje darão seu último suspiro devido à fome ou a uma doença que pode ser prevenida. Para fazer isso caber na minha perspectiva, isso são vinte e seis mil Josués e Calebes (meus dois filhos). Para caber na perspectiva da igreja que eu pastoreio, se isso estivesse acontecendo com as crianças da minha comunidade, então toda criança com menos de dezoito anos de idade no nosso bairro estaria morta nos próximos dois dias.

De repente, comecei a perceber que se eu recebi o mandamento de fazer discípulos de todas as nações, e como a pobreza é excessiva no mundo para o qual Deus me chamou, então não posso ignorar essas realidades. Qualquer pessoa que queira proclamar a glória de Cristo aos confins da Terra deve pensar não apenas em como declarar o Evangelho verbalmente, mas também em como demonstrar o Evangelho visivelmente num mundo em que tantos estão urgentemente famintos. Se eu irei abordar uma necessidade espiritual urgente compartilhando o Evangelho de Cristo ou edificando o corpo de Cristo ao redor do mundo, então não posso negligenciar a terrível necessidade física enquanto faço isso.

Entretanto, assustadoramente, eu tenho fechado os olhos para essas realidades. Tenho praticamente ignorado essas pessoas, e tenho sido bem-sucedido na minha ignorância porque elas não são apenas pobres, mas também impotentes. Literalmente milhões delas estão morrendo na obscuridade, e eu tenho desfrutado da minha abundância enquanto finjo que elas não existem.

Mas elas existem *sim*. Elas não só existem, mas Deus leva muito a sério a forma como eu respondo a elas. O livro de Provérbios adverte sobre maldições que vêm sobre os que ignoram os pobres. Os profetas advertem sobre o julgamento de Deus e a devastação para aqueles que negligenciam os pobres. Jesus declara desgraça sobre os ricos que confiam em suas riquezas, e Tiago diz àqueles que acumulam riquezas e vivem na vida boa para chorarem e se lamentarem *"tendo em vista a desgraça que lhes sobrevirá"*.[1] Numa passagem humilhante, Jesus diz àqueles que viram as costas para Ele ao ignorar as necessidades físicas de Seu povo *"Malditos, apartem-se de Mim para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos."*[2]

Agora, eu quero imediatamente prevenir um mal entendido potencialmente sério neste capítulo. A Bíblia não ensina em nenhum lugar que ajudar os pobres é um meio pelo qual alcançamos a salvação. O meio para a nossa salvação é a fé em Cristo somente, e a base da nossa salvação é a obra de Cristo somente. Nós não somos salvos porque ajudamos os pobres, e uma das piores respostas possível a este capítulo seria se esforçar para cuidar dos pobres a fim de conquistar a salvação ou estar diante de Deus.

No entanto, apesar de ajudar os pobres não ser a base da nossa salvação, isso não significa que o uso da nossa riqueza seja totalmente desconectado da nossa salvação. De fato, ajudar os pobres (dentre outras coisas) é a *evidência* da nossa salvação. A fé em Cristo que nos salva dos nossos pecados envolve uma transformação interior que causa implicações externas. De acordo com Jesus, podemos ver se alguém é um seguidor de Jesus a partir dos frutos de sua vida, e os autores do Novo Testamento nos mostram que o fruto da fé em Cristo envolve uma preocupação material com os pobres.[3] Ajudar os pobres é um transbordar natural e uma evidência necessária da presença de Cristo em nossos corações. Se não há nenhum sinal de cuidado pelos pobres nas nossas vidas, então há motivo para pelo menos questionar se Cristo está nos nossos corações.[4]

Alguns podem pensar que isso é ir longe demais, mas considere outro cenário. Imagine um homem que afirma ter Cristo no coração, mas pratica atividade sexual com vários parceiros toda semana. Quando é confrontado pela Palavra acerca de seu pecado, ele ainda assim continua em imoralidade sexual intencional. Ele desobedece a Cristo persistentemente sem nenhum sinal de remorso, quebrantamento, ou arrependimento. Então será que ele realmente é um cristão?

É claro que nós não somos o juiz final desse homem. Porém, ao lermos 1 Coríntios 6:9-10 que diz: *"Nem imorais… nem adúlteros… herdarão o Reino de Deus"*, certamente questionaríamos se esse homem realmente é um filho de Deus. Não é que ele precisa parar sua imoralidade sexual para ser salvo. Isso significaria que ele precisaria conquistar sua salvação. Não, ele precisa confiar em Cristo, o que resultará num coração transformado com um desejo de obedecer a Cristo nessa área de sua vida.

Então qual é a diferença entre alguém que se entrega intencionalmente aos prazeres sexuais enquanto ignora o que a Bíblia diz sobre pureza moral, e alguém que se entrega intencionalmente à busca egoísta de mais e mais bens materiais enquanto ignora o que a Bíblia diz sobre ajudar os pobres? A diferença é que um envolve um tabu social na igreja e o outro envolve a norma social na igreja.[5]

Lembramo-nos dos membros de igreja que eram donos de escravos 150 anos atrás e perguntamos: "Como eles conseguiam tratar outros seres humanos daquela forma?" Eu fico pensando se os seguidores de Cristo daqui a 150 anos irão lembrar dos cristãos da América e de outras nações ricas hoje e perguntar: "Como eles conseguiam morar em casas tão grandes? Como conseguiam dirigir aqueles carrões e vestir roupas tão chiques? Como conseguiam viver com tanta abundância enquanto milhares de crianças morriam porque não tinham o que comer e beber? Como conseguiam seguir com suas vidas como se os bilhões de pobres sequer existissem?"

Será que materialismo é um ponto cego em grande parte do cristianismo hoje? Para ser mais específico, o materialismo é um ponto cego no *seu* cristianismo hoje? Isso certamente é algo que temos que descobrir, pois se as nossas vidas não refletem uma compaixão radical pelos pobres, há motivo para questionar o quão eficaz seremos em declarar a glória de Cristo aos confins da Terra. Para ser mais explícito, se as nossas vidas não refletem uma compaixão radical pelos pobres, há motivo para questionar se Cristo realmente está em nós.

Esclarecimentos Necessários

Antes de explorarmos esse ponto cego mais plenamente, quero apresentar dois pontos qualificativos:

Primeiramente, eu sou pastor, e não um economista. Sou profundamente grato pelos homens e mulheres da igreja que pastoreio e de outros lugares que são muito mais

sábios que eu em questões fiscais. Apesar de eu ter tido debates intensos com muitos deles e ter pesquisado assuntos que variam desde finanças individuais e corporativas a estruturas econômicas e sociais, a última coisa que eu presumo ser é um perito. Porém, como pastor, eu preciso apresentar algumas questões a respeito do uso do nosso dinheiro que acredito que o Evangelho requer que perguntemos.

Em segundo lugar, o meu propósito neste capítulo não é oferecer um resumo de tudo que a Bíblia ensina sobre bens e dinheiro. É claro, princípios importantes sobre esse tópico são expressos ao longo das Escrituras. Um deles é que a riqueza não é inerentemente ruim. A Palavra não condena riquezas nem bens materiais por si próprios. Na verdade, as Escrituras ensinam que Deus nos dá recursos materiais para o nosso bem. Nas palavras de Paulo, Deus *"tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação"*.[6] Muito erro ocorreria se alguém terminasse este capítulo pensando que dinheiro e bens materiais são necessariamente ruins; eles são na verdade bons presentes das mãos de Deus destinados para a nossa satisfação e a propagação de Sua glória.

Já que outras verdades bíblicas sobre dinheiro e bens materiais não são abordadas plenamente neste capítulo, eu providenciei uma fonte extensa de ensinamentos, artigos, livros, e links a respeito de uma teologia bíblica de posses para ajudar a colocar o que eu abordo aqui num contexto maior. Ela pode ser encontrada no website que acompanha este livro (www.radicalthebook.com). Eu encorajo você a fazer uso dela.

Resumidamente, o propósito deste capítulo é simples. O meu objetivo é compartilhar com você como Deus tem aberto os meus olhos para um grande ponto cego na minha vida e na igreja que eu lidero. Enquanto isso, eu desafio você a pensar se esse também é um ponto cego na sua vida. Se for, então eu quero lhe desafiar a olhar para o panorama de milhões de famintos através dos olhos de Cristo, que "*sendo rico, Se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de Sua pobreza vocês se tornassem ricos*".[7] E, à medida que você fizer isso, eu lhe desafio a deixar o Evangelho transformar radicalmente a maneiro como você compreende e usa os seus bens.

O Homem Rico

Então cuidar dos pobres é uma questão séria para Deus?

Preste atenção na história que Jesus contou certo dia a um grupo de líderes religiosos que amavam o dinheiro e justificavam suas indulgências por causa da cultura à sua

volta. Ele lhes contou sobre um homem rico que vivia em luxúria enquanto ignorava um homem pobre, Lázaro, que ficava sentado do lado de fora de seu portão, coberto de feridas e cercado de cães, comendo as migalhas que caíam da mesa do homem rico.

Como lemos em Lucas 16, chegou o dia em que ambos morreram. O homem rico foi para o inferno, e o homem pobre foi para o Céu. O homem rico conseguia ver o Céu, então clamava por socorro da agonia do inferno. A resposta do Céu veio. *"Filho, lembre-se de que durante a sua vida você recebeu coisas boas, enquanto que Lázaro recebeu coisas más. Agora, porém, ele está sendo consolado aqui e você está em sofrimento. E além disso, entre vocês e nós há um grande abismo, de forma que os que desejam passar do nosso lado para o seu, ou do seu lado para o nosso, não conseguem".*[8]

Essa história ilustra a resposta de Deus às necessidades dos pobres. O nome do homem pobre, Lázaro, literalmente significa "Deus é o meu auxílio". Enfermo, aleijado, e pobre, Lázaro recebeu compaixão de Deus. É claro que só porque alguém é pobre isso não o torna justo diante de Deus e apto para o Céu. Porém, ao mesmo tempo, uma breve leitura pelas Escrituras mostra que Deus ouve, alimenta, satisfaz, resgata, defende, levanta, e garante justiça para os pobres que confiam Nele.[9]

Entretanto, essa história também ilustra a resposta de Deus àqueles que negligenciam os pobres. Ele lhes responde com condenação. Mais uma vez, a Bíblia não ensina que a riqueza sozinha indica iniquidade ou garante condenação. O homem rico dessa história não foi para o inferno porque tinha dinheiro. Ao contrário, ele foi para o inferno porque não tinha fé em Deus, o que o levava a se entregar a luxúrias enquanto ignorava os pobres do lado de fora de seu portão.[10] Como resultado, a Terra foi seu Céu, e a eternidade se tornou seu inferno.

Agora eu tenho que fazer uma pergunta. Ao ouvir essa história da boca de Jesus, com quem você se identifica mais — Lázaro ou o homem rico? Por falar nisso, com quem eu me identifico mais?

Ao revelar esse ponto cego na minha vida, Deus tornou claro que eu me pareço muito com o homem rico dessa história. Eu nem sempre me considero rico, e suponho que você também não se considere rico. Porém, a realidade é que se você e eu temos água

corrente, um teto sobre a cabeça, roupa para vestir, comida para se alimentar, e algum meio de transporte (mesmo que seja transporte público), então fazemos parte dos quinze por cento da população mundial que possui riquezas.

Eu sou muito parecido com o homem rico, e a igreja que eu lidero parece muito com ele também. Todo domingo nos reunimos num prédio multimilionário com milhões de dólares em veículos estacionados do lado de fora. Depois do culto, nós saímos para gastar milhares de dólares em almoço antes de voltar para as nossas casas que valem centenas de milhões de dólares. Nós vivemos com luxo.

Enquanto isso, o homem pobre está do lado de fora do nosso portão. E ele está com fome. No tempo em que nos reunimos para o culto no domingo de manhã, quase mil crianças em outros lugares morrem porque não têm comida. Se fossem os nossos filhos que estivessem morrendo de fome, todos já teriam ido embora antes da oração final. Certamente não ignoraríamos os nossos filhos enquanto cantamos e nos entretemos, mas ficamos contentes ao ignorar os filhos de outros pais. Muitos deles são nossos irmãos e irmãs espirituais em países em desenvolvimento. Eles sofrem de desnutrição, corpos e cérebros deformados, e doenças evitáveis. No máximo, jogamos as nossas migalhas para eles enquanto nos entregamos aos prazeres daqui. Tipo um frango a mais para os escravos no Natal.

Isso não é o que o povo de Deus faz. Independentemente do que dizemos ou pensamos ou estudamos no domingo de manhã, as pessoas ricas que negligenciam os pobres não são o povo de Deus.[11]

O Que Estamos Construindo?

Entretanto, o que mais me assusta é que podemos fingir que somos o povo de Deus. Podemos confortavelmente fechar os olhos para essas palavras da Bíblia e prosseguir com o nosso modelo afluente de cristianismo e igreja. Podemos até ser bem-sucedidos na cultura da nossa igreja por fazer isso. Na verdade, será um sinal de sucesso e crescimento quando gastarmos milhões com nós mesmos. “Olha como aquela igreja está crescendo”, eles dirão. “Você viu todas aquelas coisas que eles têm?”

Acho que de fato acreditamos que o que estamos fazendo é bíblico. Assim como os discípulos de Jesus. Essa é uma das razões por que eles ficaram tão chocados quando Jesus saiu de Sua conversa com um jovem rico dizendo: *“Dificilmente um rico entrará*

no Reino dos Céus". O versículo seguinte diz: *"Ao ouvirem isso, os discípulos ficaram perplexos"*.[12] Por que eles ficaram tão surpresos?

A resposta está impregnada na história do Antigo Testamento. Desde o início da nação de Israel, Deus havia prometido abençoá-la materialmente. Deus derramou bênçãos materiais sobre Abraão, Isaque, Jacó, e José. Deus prometeu a Seu povo que à medida que eles O obedecessem, receberiam prosperidade material abundante.[13]

Por que a promessa de bens materiais? Deus estava formando uma nação para Si mesmo que seria uma demonstração de Sua grandeza para todas as outras nações. Ao fazer isso, Deus estabeleceu um lugar para Seu povo e Sua glória habitarem. Davi e Salomão acumularam grande riqueza ao estabelecerem um reino, e uma parte importante desse reino era o templo que Salomão construiria. Como visto em 1 Reis 8, Salomão dedicou o templo ao Senhor e Lhe pediu para tornar a glória Dele conhecida através de Seu povo naquele lugar.[14] Bênção material com o objetivo de estabelecer o povo de Deus num local físico com um templo físico é uma parte fundamental da história de Israel.

Então quando um judeu rico veio até Jesus, e Jesus lhe disse: *"Vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres"*, os discípulos ficaram naturalmente confusos.[15] *Por que a obediência a Cristo levaria esse homem a perder seus bens?*

Os discípulos logo perceberiam que uma virada radical estava acontecendo. Não era que Deus havia mudado ou que o Deus do Antigo Testamento era de alguma forma diferente do Deus do Novo Testamento. Ao invés, o plano eterno de Deus estava sendo revelado, e Jesus estava inaugurando uma nova fase na história redentora, que afetaria o relacionamento entre fé e bênção material.

No raiar dessa nova fase na história redentora, nenhum mestre (inclusive Jesus) do Novo Testamento nunca prometeu riqueza material como recompensa por obediência.[16] Como se isso não fosse chocante o bastante para os judeus do século I (e para os cristãos do século XXI), nós também não vemos nenhum versículo no Novo Testamento onde o povo de Deus é ordenado a construir novamente um lugar majestoso de adoração. Ao contrário, o povo de Deus é ordenado a ser o templo — o lugar de adoração.[17] E seus bens devem ser gastos em construir, não um lugar onde pessoas podem vir ver a glória de Deus, mas um povo que está levando a glória de Deus ao mundo.

Tudo isso levanta a seguinte questão: nós temos levado em consideração essa virada na história redentora na maneira em que vemos nossos bens hoje?

Não é a premissa oculta em meio a muitos cristãos que, se seguirmos a Deus, as coisas irão bem para nós materialmente? Tal pensamento está explícito no ensinamento da "teologia da prosperidade" e implícito na vida de muitos cristãos que fazem uso de seus bens praticamente da mesma maneira que os nossos vizinhos não cristãos.

Certa noite, eu estava me reunindo com uma igreja domiciliar clandestina no exterior, e estávamos discutindo vários assuntos nas Escrituras. Uma mulher que vivia na cidade e sabia um pouco de inglês compartilhou o seguinte. "Eu tenho uma televisão e, de vez em quando, consigo assistir a alguns canais dos Estados Unidos", ela disse. "Alguns desses canais transmitem cultos evangélicos. Eu vejo pregadores, e eles vestem roupas muito bacanas e pregam em prédios muito bonitos. Alguns deles até me dizem que se eu tiver fé, também posso ter coisas bacanas".

Ela fez uma pausa antes de continuar. "Quando eu venho para as reuniões da nossa igreja, olho ao redor, e a maioria de nós é muito pobre, e nos reunimos aqui sob um grande risco de vida." Então ela olhou para mim e perguntou: "Isso significa que nós não temos fé o bastante?"

Naquele momento eu percebi até que ponto a igreja e os cristãos em toda a América estão, em alguns casos explicitamente e em outros casos implicitamente, exportando uma teologia que iguala a fé em Cristo à prosperidade neste mundo. Esse fundamentalmente *não* é o quadro radical do cristianismo que vemos no Novo Testamento.

Além disso, quando juntamos os nossos recursos nas nossas igrejas, quais são as nossas prioridades? Todo ano, nos Estados Unidos, nós gastamos mais de $10 bilhões nos prédios das nossas igrejas. Somente na América, a quantidade de imóveis que as igrejas possuem vale mais de 230 bilhões de dólares. Nós temos dinheiro e bens, e estamos construindo templos em todo lugar. Impérios, na verdade. Reinos. Nós os chamamos de casas de adoração, mas no fundo são quase sempre modelos ultrapassados de religião que erroneamente definem adoração de acordo com um lugar e consomem de forma esbanjadora o nosso tempo e o nosso dinheiro enquanto Deus nos chamou para ser um povo que gasta suas vidas pela glória Dele entre os necessitados do lado de fora do nosso portão.

O meu coração até dói enquanto escrevo isso, porque a realidade é que eu prego todo domingo num desses templos gigantes. Como começamos a reverter as tendências a respeito de onde gastamos os nossos recursos? Eu batalho com essa questão constantemente, e não acredito que seja uma questão somente para pastores e comitês de construção do templo. Como o homem rico em Marcos 10, todo cristão tem que lutar com o que Jesus nos está chamando para fazer com os nossos recursos à medida que O seguimos.

Vender Tudo o Que Tem?

Bem, será que nós realmente devemos abandonar os nossos bens? Isso não é um pouco extremo? Vamos voltar para a conversa de Jesus com o homem rico em Marcos 10 e ver se é ou não.

Aquele homem abordou Jesus ansiosamente e lhe fez uma pergunta simples e muito importante: *"O que eu devo fazer para herdar a vida eterna?" Jesus por fim lhe disse, "Falta-lhe uma coisa... Vá, venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no Céu. Depois, venha e siga-Me."*[18]

Jesus estava expondo claramente o compromisso daquele homem com seus bens. Seguir Jesus envolveria confiança total Nele, e a entrega de tudo que o homem possuía. Fundamentalmente, o homem rico precisava de um novo coração, um que fosse radicalmente transformado pelo Evangelho.[19]

Eu acho que existem dois erros comuns que as pessoas cometem quando leem essa passagem.

Primeiro, alguns tentam universalizar as palavras de Jesus, dizendo que Ele *sempre* ordena que Seus seguidores vendam tudo que possuem e deem aos pobres. Porém, o Novo Testamento não apoia isso. Mesmo alguns dos discípulos, que deixaram muitas coisas para seguir a Cristo, ainda tinham um lar, possivelmente ainda tinham um barco, e provavelmente tinham algum tipo de apoio material. Então, obviamente, seguir a Jesus não implica necessariamente uma perda de todos os seus bens e propriedades particulares.

Isso faz com que muitos de nós deem um suspiro de alívio. Porém, antes de dar um suspiro muito profundo, precisamos enxergar o outro erro ao interpretar Marcos 10, que é presumir que Jesus *nunca* chama Seus seguidores para deixar todos os seus bens a fim

de segui-Lo. Se Marcos 10 ensina alguma coisa, é que Jesus às vezes realmente chama pessoas para vender tudo que possuem e dar aos pobres.[20] Isso significa que Ele pode chamar você ou eu para fazer isso. Eu amo a forma como um autor fala sobre isso. Ele escreveu: "O fato de Jesus não ordenar que todos Seus seguidores vendam todos os seus bens traz conforto apenas ao tipo de pessoa para quem Ele *daria* essa ordem."[21]

Então, e quanto a mim e a você? Estamos dispostos a perguntar a Deus se Ele quer que vendamos tudo que temos e demos o dinheiro aos pobres? Estamos dispostos a perguntar e esperar por uma resposta ao invés de criar a nossa própria resposta ou justificar as nossas ideias de porquê Ele nunca nos pediria para fazer isso? Parece um pouco radical, mas isso não é normal e esperado quando seguimos a um Mestre que disse: *"Qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo"*.[22]

Mais uma vez nos encontramos de volta ao significado de seguir o Jesus da Bíblia, não o Jesus que criamos e com o qual estamos confortáveis. O homem rico em Marcos 10 não viu Jesus por quem Ele era. O homem rico considerou Jesus como uma figura religiosa digna de respeito, chamando-O de "*bom Mestre*".[23] No entanto, Jesus não estava, e nunca está, interessado em ser visto como um mestre importante. Ele é o Senhor soberano. Ele não dá opções para as pessoas pensarem; Ele dá ordens para as pessoas obedecerem.

Então, e se Ele dissesse para você e eu vendermos tudo o que temos? E se Ele nos dissesse para vendermos as nossas casas para termos condições de vida mais simples? E se Ele nos dissesse para vendermos os nossos carros e comprarmos uns mais modestos — ou nenhum? E se Ele nos dissesse para doar todas as nossas roupas e ficar só com duas peças? E se Ele nos dissesse para esvaziar a poupança que estamos juntando há anos, senão há décadas? E se Ele nos dissesse para mudarmos o nosso estilo de vida completamente?

Agora, antes de pensarmos em todas as razões por que Ele não nos diria para fazer essas coisas, precisamos pensar primeiro nessa questão: Ele é o Senhor?

Você e eu estamos procurando em Jesus um conselho que parece fiscalmente responsável de acordo com os padrões do mundo à nossa volta? Ou estamos procurando Nele uma liderança total sobre a nossa vida, mesmo que isso signifique ir

contra tudo que a nossa cultura e talvez até os nossos vizinhos religiosos possam nos dizer para fazer?

Jesus nunca planejou ser uma voz dentre muitas que nos aconselha sobre como levar a nossa vida e usar o nosso dinheiro. Ele sempre planejou ser *a* voz que guia quaisquer decisões que tomamos na nossa vida e com o nosso dinheiro.

A Verdade em Amor

Possibilidades como as que estamos considerando farão com que muitos de nós fiquem receosos, mas é isso que eu mais gosto na conversa de Jesus com o homem rico. Obviamente, Jesus deu a ele uma ordem difícil de seguir, e ela parece fria, senão extrema, quando sai da boca Dele.

Palavras como aquelas podem parecer difíceis para nós também. Quando Jesus nos chama para abandonar, sacrificar, vender ou doar algumas coisas, não é fácil. O que iremos fazer? Onde iremos morar? E se algo inesperado acontecer no futuro? O nosso senso de segurança e estabilidade é imediatamente ameaçado quando pensamos em verdadeiramente deixar Jesus reinar sobre os nossos bens.

Porém, a beleza dessa conversa é o que a Bíblia nos diz em Marcos 10:21: *"Jesus olhou para ele e o amou"*. Que frase maravilhosa! Jesus não estava dizendo para aquele homem dar tudo que possuía porque o odiava ou desejava tornar sua vida miserável. Jesus lhe estava dizendo para dar tudo que tinha porque o *amava*.

Aparentemente, Jesus ama as pessoas ricas o bastante para lhes dizer a verdade.

Lucas 12 ecoa o tema do amor. Ali nós lemos como Jesus disse a todos os Seus discípulos: *"Vendam o que têm e deem esmolas"*. No entanto, veja o que Ele disse imediatamente antes disso: *"Não tenham medo, pequeno rebanho, pois foi do agrado do Pai dar-lhes o Reino"*.[24]

A imagem desse simples versículo é diversa e de tirar o fôlego. Em Deus nós temos um Pastor que nos protege do medo como se fôssemos um pequeno rebanho. Em Deus nós temos um Pai que Se agrada de nós como filhos, um Pai que está determinado a nos dar bons presentes. E, em Deus, nós temos um Rei que garante um Reino para nós.

Deixe-me ampliar e parafrasear, então, o que parece que Jesus estava dizendo: *"À luz do fato de que você tem um Deus no Céu que Se preocupa em cuidar de você como um pastor cuida de suas ovelhas, como um pai cuida de seus filhos, e como um rei*

que está passando um reino inteiro para seu herdeiro, fique tranquilo. Venda os seus bens, doe aos pobres, e fique tranquilo. O seu Deus — o seu Pastor, o seu Pai, o seu Rei — tem tudo sob controle".

Um homem rico da nossa família da fé veio ao meu escritório depois de termos estudado a história do homem rico. Ele sentou, olhou para mim, e foi logo ao ponto: "Eu acho que você é louco por dizer algumas das coisas que você anda falando". Depois ele fez uma pausa, e eu não tinha certeza do rumo que aquela conversa ia tomar. Ele continuou: "Mas acho que você está certo. E então agora eu acho que estou louco por pensar algumas das coisas que estou pensando".

Durante os minutos seguintes, ele contou que estava vendendo sua casa grande e havia decidido doar muitos de seus outros bens. Ele falou sobre as necessidades nas quais ele queria investir seus recursos para a glória de Cristo. Depois olhou para mim com lágrimas nos olhos e disse: "Em alguns momentos eu fico pensando se estou sendo irresponsável ou imprudente, mas depois percebo que nunca chegará um dia em que irei estar diante de Deus e Ele irá olhar para mim e dizer: 'Gostaria que você tivesse guardado mais para si mesmo'. Eu estou confiante de que Deus irá cuidar de mim".

Quando Deus nos diz para dar extravagantemente, podemos confiar que Ele fará o mesmo nas nossas vidas. E essa é a questão central de tudo isso. Nós confiamos Nele? Confiamos em Jesus quando Ele nos diz para doarmos radicalmente por amor aos pobres? Confiamos que Ele irá prover para nós quando começarmos a usar os recursos que Ele nos deu e prover para os outros? Confiamos Nele para saber o que é melhor para a nossa vida, a nossa família, e o nosso futuro financeiro?

É Difícil para um Homem Rico

Para ser sincero, por mais que a Palavra de Deus seja forte com essas promessas, minha esposa e eu lutamos com isso. Quando Deus começou a revelar esse ponto cego nas nossas vidas, tivemos realmente dificuldade em dizer: "Deus, nós iremos vender, doar, e mudar tudo e qualquer coisa que o Senhor quiser". Nós gostávamos da nossa casa, não só porque era ali que vivíamos, mas porque representava estabilidade e segurança, e era um santuário para a nossa família. Gostávamos do nosso estilo de vida.

Era conveniente e confortável para nós e para os nossos filhos. Ao começarmos a colocar cada um dos nossos bens e todas as nossas finanças sobre a mesa, começamos a descobrir o poder que muitos deles tinham nas nossas vidas.

Nós vimos a terrível realidade de 1 Timóteo 6 se revelando em nossos corações: *"Os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição"*.[25] Paulo está falando aqui simplesmente sobre o *desejo* de ser rico. Então quanto mais isso se aplica aos que de fato *são* ricos? Os nossos bens podem ser mortais. Podem ser sutilmente mortais.

É por isso que Jesus disse que é difícil um rico entrar no Reino de Deus. Por fim, Jesus estava comunicando àquele homem que não havia nada que pudesse fazer para entrar no Reino de Deus além de confiar totalmente no Senhor. Porém, enquanto isso, Jesus estava expondo a barreira que a riqueza daquele homem era contra enxergar a necessidade que ele tinha de Deus. A riqueza dele na Terra iria por fim impedi-lo de alcançar o tesouro eterno.

A realidade é que a maioria de nós simplesmente não acredita em Jesus ou em Paulo sobre esse assunto. Simplesmente não acreditamos que a riqueza possa ser uma barreira para entrar no Reino de Deus. Estamos bem ao pensar em abundância, conforto, e bens materiais como bênçãos. Porém, essas coisas não podem ser barreiras. Pensamos do modo que o mundo pensa — que a riqueza é sempre para o nosso benefício. No entanto, Jesus diz exatamente o oposto. Ele diz que a riqueza pode ser um obstáculo perigoso.

É por isso que Paulo diz em Timóteo 6:6: *"De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro"*. No contexto dessa passagem, o contentamento é descrito como ter alimento e roupas, ter as necessidades da vida supridas. Junte isso ao versículo 9 (que vimos anteriormente), e aqueles que desejam ser ricos e obter mais do que as necessidades da vida correm perigo de cair na ruína e na destruição.

Essa passagem levanta a seguinte questão: Será que eu estou disposto a viver uma vida contente com alimento e roupas, tendo as necessidades básicas da minha vida supridas? Ou será que quero mais? Quero uma casa maior, ou um carro melhor, ou roupas melhores? Quero me entregar a mais e mais luxos na minha vida? Afinal, o que há de errado com luxúrias?

Essa é uma questão-chave, e se não tivermos cuidado com como a respondemos, perderemos o ponto do que Deus deseja nos ensinar sobre os nossos bens. Não precisamos vender ou doar roupas bonitas, carros bacanas, nem bens em excesso porque eles são inerentemente ruins. Como vimos, riquezas e bens não são inerentemente ruins; são bons. Então nós não os doamos porque são pecaminosos.

Então por que os vendemos ou os doamos? Fazemos isso porque Cristo nos compele a cuidar para os necessitados à nossa volta.

John Wesley (1703-91) nos oferece um exemplo de como ver os nossos bens à luz das necessidades ao nosso redor. Preste atenção nessa história sobre uma compra que Wesley certa vez fez para seu apartamento:

> [Wesley] havia acabado de comprar alguns quadros para seu quarto quando uma das criadas veio até sua porta. Era um dia de inverno e ele notou que ela tinha apenas um vestido de linho para vestir e se proteger do frio. Ele enfiou a mão no bolso para lhe dar dinheiro para comprar um casaco, e viu que não tinha o suficiente. Ele se deu conta de que o Senhor não havia se agradado com como ele havia gastado seu dinheiro. Ele perguntou a si mesmo: "Teu Mestre irá dizer, 'Muito bem, servo bom e fiel'? Adornastes os teus muros com o dinheiro que poderia ter protegido esta pobre criatura do frio! Ó justiça! Ó misericórdia! Não são esses quadros o sangue desta pobre criada?"[26]

Os quadros que Wesley havia pendurado em seu quarto eram errados? Absolutamente não. Porém, era errado — muito errado — comprar decoração desnecessária para si mesmo quando uma mulher estava congelando do lado de fora sem um casaco.

Agora, nós precisamos ter cuidado para não interpretar mal essa ilustração. A questão não é que todo quadro na parede da sua casa ou da minha casa seja do mal (Para fim de registro, há quadros na parede da minha casa!) A questão também não é que precisamos nos sentir culpados toda vez que comprarmos alguma coisa que não seja uma necessidade absoluta. A realidade é que muitas coisas na nossa vida seriam classificadas como luxos, não necessidades. O computador que estou usando para escrever este livro, a colher e o garfo com o qual irei comer meu jantar mais tarde, e a cama e o travesseiro nos quais irei dormir esta noite (além de muitas outras coisas na minha vida) são todos luxos. O que podemos aprender com aquele incidente na vida de

Wesley é que a nossa perspectiva sobre os nossos bens muda radicalmente quando abrimos os nossos olhos para as necessidades do mundo ao nosso redor. Quando tivermos coragem de olhar no rosto de irmãos e irmãs cujos corpos estão desnutridos e cujos cérebros estão deformados porque não têm comida, Cristo mudará os nossos desejos, e ansiaremos sacrificar os nossos recursos para a glória de Seu nome entre eles.

Então o que aconteceria se revelássemos esse ponto cego das nossas vidas e começássemos a prestar atenção naqueles que estão passando necessidade? E se olhássemos para eles com seriedade e de fato começássemos a ajustar o nosso estilo de vida para levar o Evangelho a eles? Como seria isso? Pense sobre as possibilidades.

Como eu mencionei, pouco do que temos seria considerado necessidade, e muitos de nós estão rodeados de luxos. Então por que não simplesmente começar um processo de limitar e eliminar alguns deles? Por que não começar a vender e doar luxos por amor aos pobres do lado de fora do nosso portão? Por que não começar a operar sob a ideia de que Deus nos deu em excesso, não para que tivéssemos mais, mas para que pudéssemos *doar* mais?

Agora estamos nos tornando radicais.

Ou talvez estejamos nos tornando bíblicos.[27]

Vamos ousar levar as coisas um passo adiante. E se de fato estabelecêssemos um limite no nosso estilo de vida? E se chegássemos ao ponto em que pudéssemos traçar uma linha, dizendo: "Isso é o suficiente, e eu doarei tudo que eu tiver ou ganhar além dessa linha?"

Foi isso que Wesley fez. Ele identificou um nível modesto de despesas com o qual iria viver todo ano. No primeiro ano, sua renda ultrapassou aquele nível por uma pequena quantia, e ele doou o excesso. No ano seguinte, sua renda aumentou, mas ele manteve seu padrão de vida o mesmo, então teve mais para doar. Isso continuou ano após ano. A certa altura, Wesley estava ganhando o equivalente a cerca de $160 mil por ano nos termos de hoje, mas estava vivendo como se ganhasse $20 mil por ano. Como resultado, ele tinha o equivalente a mais de $140 mil para doar naquele ano.

Pense no que poderia acontecer. E se eu e você decidíssemos que ter um salário de $50 mil não significa viver com um estilo de vida de $50 mil? E se você e eu definíssemos um limite máximo para o nosso estilo de vida e tivéssemos a liberdade de

doar o restante dos nossos recursos para a glória de Cristo nas partes mais necessitadas do mundo?

A Palavra ensina claramente que Deus deseja que a nossa abundância supra as necessidades dos outros.[28] No comentário de John Calvin sobre 2 Coríntios 8-9, ele observou que Deus "impôs sobre nós frugalidade e temperança, e proibiu que qualquer pessoa ande em excesso, tirando vantagem de Sua abundância. Deixe que aqueles, então, que possuem riquezas… considerem que sua abundância não foi destinada a ser usada em intemperança ou excesso, mas para aliviar as necessidades dos irmãos".[29] Como aplicação prática dessa verdade, Calvin certa vez disse que metade dos fundos da igreja deveria ser repartida especificamente entre os pobres (muito longe do que se faz com os orçamentos das igrejas hoje).[30] Apesar de não esperar que todos desfrutassem dos mesmos recursos, Calvin concluiu que "não deve se permitir que alguém morra de fome".[31]

"Quanto Temos de Sobra" ou "O Que Irá Custar?"

Entretanto, ficamos tentados a nos satisfazer com jogar as nossas migalhas aos pobres. Por essa razão, estou muito agradecido a um amigo que me ajudou a avaliar o que estou disposto a doar. Jason mora com sua família num país em que é ilegal propagar o Evangelho. Lá, ele serve pessoas que nunca ouviram de Jesus. Certa vez, ele escreveu para mim fazendo referência aos milhões de pessoas que ainda não ouviram o Evangelho:

> Quantas pessoas não creram porque não ouviram? O que será preciso para que essas pessoas ouçam? Elas não ouviram porque não há ninguém para pregar? O que nós podemos fazer, em obediência a Deus, para transformar um mundo em que existem milhões e milhões de pessoas que não podem clamar o nome do Senhor? A maioria de nós diria que sabe a resposta para essa pergunta. Muitos de nós diriam que estamos até fazendo algo para mudar a situação, mas a verdade é que continuarão existindo milhões e milhões de pessoas que não ouvirão a menos que continuemos usando tempo e dinheiro para alcançá-las. Essas são duas perguntas radicalmente diferentes. "Quanto temos de sobra?" e "O que irá custar?"

As duas últimas perguntas dele me desafiaram profundamente, não só porque dizem respeito a alcançar os não alcançados, mas também porque são relacionadas a ajudar os pobres. *O que aconteceria*, eu pensei, *se parássemos de perguntar o quanto temos de sobra e começássemos a perguntar o quanto nos custaria?*

No entanto, eu não estou pressupondo que você e eu podemos com uma só tacada doar o suficiente para aliviar a pobreza. Afinal de contas, a pobreza está enraizada em fatores sociais, políticos, econômicos, morais, materiais, e muitos outros. Nós podemos afetar alguns (mesmo que seja de pequenas formas), e outros estão além da nossa influência. Claramente, Deus não ordena nem espera que supramos todas as necessidades. Porém, a lógica que diz: "Eu não posso fazer tudo, então não irei fazer nada" vem direto do inferno.

O que aconteceria se, juntos, nós parássemos de dar as nossas migalhas aos pobres e começássemos a dar em excesso? E se começássemos a doar não apenas o que podemos dar, mas além do que podemos dar? E se, como a viúva em Lucas 21 que deu tudo que tinha, nós começássemos a dar o que nos dói dar? E se doássemos dessa forma, não por causa dos críticos ao nosso redor, mas porque esse tipo de doação é na verdade o que o coração de Cristo em nós requer e deseja?

Livre para Dar

E isso é exatamente o que a Palavra ensina. Em 1 Timóteo 6, Paulo diz para Timóteo ordenar aos ricos que *"pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos a repartir"*.[32] Paulo diz que essa é a chave para se libertar da natureza mortal das riquezas e dos bens. Dê. Dê generosamente, abundantemente, e sacrificialmente. Dê não porque as suas coisas estão ruins. Dê porque Cristo está em você. Dê porque o seu coração foi capturado por um Salvador que tem produzido em você uma "*grande alegria*, transbordando em "*rica generosidade*".[33]

Esse é o tipo de liberdade com a qual os discípulos tinham familiaridade. Depois da conversa de Jesus com o jovem rico, Pedro se voltou para Jesus e exclamou, *"Nós deixamos tudo para seguir-Te!"*[34] Em grande contraste com o jovem rico que foi embora triste, ali estava um discípulo livre da escravidão do dinheiro e das posses, livre da segurança terrena e dos confortos seculares.

Eu tenho visto essa liberdade na família da fé que eu lidero. Após um domingo na

nossa igreja, em que estávamos estudando a história do jovem rico em Marcos 10, eu recebi o seguinte e-mail de um dos nossos membros:

> Minha esposa e eu fomos para casa, colocamos todas as nossas roupas sobre a cama, pegamos algumas sacolas de produtos enlatados e todas as roupas de bebê que não cabiam mais no nosso filho, além dos brinquedos com os quais ele não brincava mais. Peguei algumas centenas de dólares em dinheiro que eu estava guardando para melhorar o gramado da frente e dirigi até os conjuntos habitacionais do centro da cidade e orei. Orei pelas pessoas que eu não conhecia e que estavam prestes a receber o que eu tinha em excesso.
>
> Na primeira casa, havia um homem de trinta anos que tinha um bebê e precisava de algumas roupas de trabalho. Perfeito. Eu tinha as minhas roupas, e os brinquedos e as roupas de bebê para dar a ele. Ele precisava de dinheiro para comida, então lhe dei cem dólares.
>
> Na casa seguinte, havia três meninos todos com menos de doze anos de idade, então lhes deu a nossa televisão, o nosso videocassete, e dois aparelhos de vídeo game. A mãe deles precisava de alguns suprimentos, então lhe dei cem dólares.
>
> Na próxima casa, havia um casal que precisava de algumas roupas para a esposa e dinheiro para a prestação do carro, então eu dei as roupas da minha esposa e cem dólares.
>
> Nós oramos com cada família e lhes dissemos que Deus havia ido até ali conosco. Eu fiquei tão animado com aquilo que chegamos em casa e juntamos mais coisas para doar. Minha esposa e eu agora estamos servindo continuamente no abrigo para moradores de rua do centro da cidade, e eu irei começar a dar aulas de artes gráficas no centro de aprendizado para moradores de rua.

Muitos podem questionar as ações desse homem, e alguns podem até criticá-lo por ser tão esporádico, mas e se isso for uma simples ilustração da liberdade encontrada na obediência? Não estou dizendo que é dessa forma que a obediência será vista na vida de cada pessoa, mas pense no que aconteceria se tal entrega radical marcasse cada uma das nossas vidas.

Veja este e-mail da Lisa, uma mulher da nossa família da fé:

> Durante meses, eu tenho ouvido a Palavra de Deus e batido a minha cabeça contra a parede, tentando conciliar a minha vida com o que o Evangelho exige. Eu tenho tentado encontrar alguma alternativa confortável entre a vida que tenho agora e a ideia radical de vender tudo o que possuo e deixar a minha vida confortável para levar o Evangelho ao mundo. Porém, eu percebi que não existe nenhuma alternativa confortável. Arriscar tudo é a única opção.
>
> Então estou vendendo as minhas coisas na internet e tentando pagar a minha dívida para que eu possa doar o máximo possível. A fim de pagar essa dívida, eu realmente terei que vender quase tudo que eu tenho, exceto a camisa que estou usando (e talvez uma extra!).
>
> Eu mal posso esperar para ver o que acontecerá a partir daqui. Estou totalmente despreparada, totalmente inadequada, totalmente apavorada. Porém, estou pronta. Pode mandar vir.

Mais uma vez, isso pode parecer extremo para alguns, mas a realidade é que as ações da Lisa correspondem muito mais às palavras de Jesus em Marcos 10 do que as ações daqueles que ficam sentados e não fazem nada.

A liberdade de doar radicalmente tem sido exercida de muitas outras formas na nossa igreja.

Após estudar sobre o cuidado de Deus com os órfãos em Tiago 1:27, nós decidimos fazer contato com a Secretaria Municipal e assumir a responsabilidade de garantir que eles tivessem famílias suficientes para cuidar das crianças carentes da nossa cidade. Eles precisavam de 150 famílias e dentro de duas semanas 160 famílias da nossa igreja se inscreveram para cuidar temporariamente de crianças e para adoção. Hoje, em toda a nossa família da fé, homens e mulheres estão abrindo espaço em seus lares para cuidar de crianças, enquanto outros estão gastando suas economias e investimentos em adoção de crianças de Birmingham e do mundo todo.

Grupos pequenos de todas as idades em toda a igreja começaram a sacrificar seus luxos a fim de fazer de tudo, desde construir poços em comunidades pobres até comprar frangos para vilarejos de pessoas morrendo de fome. Certo domingo, eu voltei de uma cidade na Indonésia onde um terremoto havia destruído milhares de lares. Custava aproximadamente $400 para reconstruir uma casa, então naquele domingo, em nossa

resposta à Palavra, eu convidei pessoas para construir casas na Indonésia. As pessoas começaram a preencher cheques e trazer dinheiro para o altar e, no fim do dia, a igreja havia coletado mais de $100 mil. As pessoas que não tinham dinheiro doaram seus bens. Uma mulher deu seu anel de casamento, dizendo: "Meu esposo e eu não temos muito dinheiro agora, mas eu posso dar isso para que um casal na Indonésia possa ter uma casa". Nos dias seguintes, nós trabalhamos com igrejas na Indonésia para construir centenas de casas enquanto proclamávamos o Evangelho por toda uma comunidade predominantemente muçulmana.

No mês passado, nós estávamos estudando Tiago 2:14-17 e pensando nos nossos irmãos e irmãs ao redor do mundo que estão "*necessitando de roupas e do alimento de cada dia*". Em face da economia fraca, estávamos tentando guardar dinheiro no nosso orçamento. Como resultado, tínhamos um saldo de mais de $500 mil que estávamos guardando para alguma emergência.

Através da Palavra Dele, Deus começou a voltar os nossos olhos para os nossos irmãos e irmãs na Índia, um país que é lar de 41 por cento dos pobres do mundo. Muitas crianças de lá não chegam até os cinco anos de idade, então procuramos uma forma através da qual pudéssemos servi-las. Ficamos sabendo que com cerca de $25 mil poderíamos prover alimento e água, cuidados médicos, e educação para mães e seus bebês num vilarejo específico durante um ano. Encontramos vinte e uma igrejas em vilarejos empobrecidos por toda a Índia, e começamos a pensar em quais nós poderíamos servir. Foi aí que paramos para pensar e percebemos: "Se existem vinte e uma igrejas em vilarejos com as quais podemos nos conectar, e em cada uma podemos servir crianças e famílias morrendo de fome por cerca de $25 mil, isso chega a um total de $525 mil. Enquanto isso, Deus nos deu mais de $500 mil".

Isso nos levou a uma decisão emocionante. Nós dissemos: "Vamos levar todos eles". Duas semanas depois a nossa igreja se posicionou e disse: "Queremos doar todo esse dinheiro para a glória de Cristo dentre os nossos irmãos e irmãs necessitados".

Por favor, não interprete mal. A beleza em todos esses quadros não é simplesmente levar provisão para as necessidades físicas dos pobres. Ao trazer crianças para os nossos lares, quando os nossos grupos pequenos doam seus luxos, e ao irmos de Birmingham para a Índia e todos os outros lugares, fazemos tudo isso com o Evangelho. Estamos descobrindo a alegria de um Evangelho radical dentro de nós que produz fruto

radical fora de nós. E, ao suprir necessidades na Terra, estamos proclamando um Evangelho que transforma vidas pela eternidade. A questão não é simplesmente suprir uma necessidade temporária ou mudar uma estatística alarmante; a questão é exaltar a glória de Cristo à medida que expressamos o Evangelho Dele através da generosidade radical das nossas vidas.

O Homem Rico em Mim

À medida que Deus começou a revelar esse ponto cego em nós, minha esposa e eu começamos a observar as coisas ao nosso redor. Veja bem, alguns anos atrás nós havíamos perdido tudo. A nossa casa ficou debaixo d'água no furacão Katrina, e todos os nossos bens flutuaram em aproximadamente três metros de água por duas semanas. Após voltarmos para ver o que podíamos salvar, nos encontramos dirigindo de volta de Nova Orleans com algumas decorações de Natal do nosso sótão.

Aquela era a nossa chance. Poderíamos literalmente começar do zero e reconstruir de forma responsável as nossas vidas com mais coisas necessárias do que luxos. No entanto, nos dias seguintes, nós rapidamente desperdiçaríamos essa oportunidade.

Quando nos mudamos para Birmingham, onde eu começaria a pastorear, nos encontrávamos no meio de comprar uma casa e mobiliá-la. A tentação era forte. Nós não compramos uma mansão, mas de fato compramos mais do que precisávamos. E quanto mais espaço há numa casa, mais coisas são "necessárias" para mobiliá-la. Não demorou muito até nos encontrarmos com duas vezes mais do que tínhamos em Nova Orleans. Aos olhos do mundo (inclusive do mundo da igreja), nós havíamos alcançado a Terra Prometida. Porém, eu não conseguia me livrar do sentimento de que havia algo errado, de que podíamos viver melhor o Evangelho quando tínhamos menos.

A lição que eu aprendi é que a guerra contra o materialismo em nossos corações é exatamente isso: uma guerra. É uma batalha constante contra resistir à tentação de ter mais luxos, adquirir mais coisas, e viver de maneira mais confortável. É preciso uma determinação inabalável para demonstrar o Evangelho em meio a um mundo que caracteriza o sucesso como galgar grandes coisas, comprar a casa maior, comprar o carro mais bacana, comprar as melhores roupas, comer a comida mais fina, e adquirir mais coisas.

Eu e a minha esposa decidimos que iremos fazer guerra. Agora, nós nos encontramos

num processo sem fim de identificar necessidades e remover luxos. Nós colocamos a nossa casa à venda e começamos a procurar por algo menor e mais simples. Começamos o processo de adoção novamente, concluindo que é melhor gastar as nossas economias com aquilo que é mais importante para o coração de Deus.[35] Estamos tentando criar um orçamento que libera o máximo possível para doarmos.

Essas coisas são simplesmente o início, e ainda temos um longo caminho pela frente. Muitas perguntas ainda permanecem sem resposta. Qual tipo de carro eu devo dirigir? Quantas roupas eu realmente necessito? Quais luxos Deus deseja que eu e a minha família saboreamos? E quais luxos Deus nos convida a sacrificar? Se tivermos economias, qual é o limite entre uma poupança responsável (que a Bíblia certamente defende) e acúmulo irresponsável (que a Bíblia claramente condena)?[36] Como tudo isso afeta a maneira como lidamos com investimentos, poupanças para aposentadoria, ou seguro de vida? Até que ponto é sábio economizar para necessidades futuras quando irmãos e irmãs ao meu redor (assim como as pessoas que não ouviram o Evangelho) são ameaçadas por necessidades extremas presentes?

Essas não são perguntas fáceis, e eu não presumo ter todas as respostas. Tampouco afirmo que existem medidas legalistas através das quais podemos ou devemos responder essas perguntas. Nós temos que evitar o erro de impor a nós mesmos ou outras leis que não são ordenadas na Palavra. Ao mesmo tempo, isso não deveria nos impedir de fazer perguntas e deixar que essas perguntas nos levem a Cristo.

Estou descobrindo na minha própria vida que essa é uma jornada e, ao longo do caminho, estou encontrando profunda alegria em depender de Deus para a direção que somente Ele pode providenciar, já que Ele produz o fruto do Evangelho na minha vida. Mais do que tudo, eu não quero ser o jovem rico. E não quero ignorar o fato de que a tentação de me tornar como ele é sempre mais forte do que eu gostaria de admitir.

A Bíblia fala que, quando Jesus disse para o jovem rico vender tudo que tinha e dar aos pobres, *"ele ficou abatido e afastou-se triste, porque tinha muitas riquezas"*[37] Jesus estava revelando um ponto cego na vida dele, e ele não queria enxergá-lo. Ele não queria enxergar a extensão de seu pecado, a profundeza de sua escravidão aos bens que possuía, nem a gravidade da necessidade dentre os pobres. Ele saiu andando com as mãos cheias, mas com o coração vazio. Tragicamente, ele estava deixando para trás o Único que poderia lhe dar a vida e a alegria que ele desejava tão desesperadamente.

Eu não quero ser cego para essas coisas na minha própria vida. E não quero deixar Cristo para trás. Não quero buscar coisas — nem mesmo coisas em nome do cristianismo ou coisas em nome da igreja — e, enquanto isso, perder Cristo e os prazeres que somente Ele dá numa vida livre da escravidão às posses deste mundo. Por fim, eu não quero perder o tesouro eterno porque me satisfaço com as bugigangas terrenas. *"Onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração"*.[38] A forma como usamos o nosso dinheiro é um barômetro da nossa presente condição espiritual. A nossa negligência com os pobres ilustra muito sobre onde o nosso coração está. No entanto, ainda mais que isso, a forma como usamos o nosso dinheiro é um indicador do nosso destino eterno. A marca dos seguidores de Cristo é que seus corações estão no Céu e seus tesouros são gastos lá.

A Escolha

É fácil que os números e as estatísticas a respeito dos pobres pareçam frios e distantes. A ideia de haver bilhões em meio à pobreza ou vinte e seis mil crianças morrendo de fome ou de doenças evitáveis antes de deitarmos a nossa cabeça no travesseiro hoje à noite parece difícil de imaginar.

Esse foi o caso para a minha esposa e eu quando começamos o processo de adotar o nosso primeiro filho. Nós havíamos lido as estatísticas antes… e elas eram impressionantes. Milhões de órfãos na África, um número que está aumentando dramaticamente como resultado da crise de AIDS que atualmente está tirando a vida de mães e pais por toda a planície subsaariana. Milhões de órfãos na Ásia, muitos senão a maioria dos quais estão destinados a vidas de crime e prostituição se não forem adotados. Milhões de órfãos na Europa, na América Latina, e nos Estados Unidos.

Apesar de esses números serem estarrecedores, eu tenho que admitir que ainda eram apenas números para nós antes de viajarmos para o Cazaquistão para pegar o nosso filho. Não é que não nos importávamos. Afinal de contas, estávamos passando pelo processo de adoção. Porém, os números ainda pareciam distantes, fora da realidade do nosso dia a dia no subúrbio tranquilo de Birmingham.

Entretanto, tudo mudou quando fizemos a nossa primeira viagem para o orfanato no Cazaquistão. Vimos crianças brincando do lado de fora e passamos pelos quartos delas do lado de dentro. De repente, aqueles números numa página se tornaram vivos em

nosso coração. Percebemos que era o Caleb que estava dormindo em um daqueles berços, e que era o Caleb que estava incluso naqueles números. De repente, todos os números se tornaram reais … e pessoais.

Nós aprendemos que é mais fácil ignorar os órfãos antes de sabermos o nome deles. É mais fácil ignorá-los antes ver seus rostos. É mais fácil fingir que eles não são reais antes de segurá-los nos braços. Porém, uma vez que isso acontece, tudo muda.

Então, quando eu e você ouvimos números e estatísticas espantosos sobre os pobres e necessitados ao nosso redor e ao redor do mundo, nós temos uma escolha. Podemos continuar com as nossas vidas confortáveis, sem problemas, comuns, e indo à igreja como se os pobres do mundo não existissem. Podemos deixar esses números permanecerem frios, distantes, e quase imaginários. Ou podemos abrir os nossos olhos e as nossas vidas para as realidades que nos cercam e começar a considerar os rostos que são representados por esses números.

Eu penso nas multidões de crianças e seus pais nas favelas de Délhi, na Índia. Famílias com três, quatro, cinco, ou mais crianças vivendo em barracos de oito metros quadrados. Nós desviamo-nos das pilhas de fezes humanas que sujavam o chão à medida que caminhávamos pelos arredores da comunidade. A água era limitada, a comida era escassa, e a favela urbana continuava por quilômetros sem fim.

Essas são as imagens que vêm à minha mente quando penso no que significa viver com menos de um ou dois dólares por dia. Essas são os rostos que eu vejo quando imagino vinte e seis mil crianças morrendo hoje de fome e de doenças evitáveis.

Ao ver o rosto delas, eu me dou conta de que tenho uma escolha. Tanto você como eu temos uma escolha.

Nós podemos ficar com os que estão morrendo de fome ou com os superalimentados.

Nós podemos nos identificar com o pobre Lázaro em seu caminho para o Céu ou com o homem rico em seu caminho para o inferno.

Nós podemos abraçar Jesus enquanto doamos a nossa riqueza, ou podemos nos afastar de Jesus enquanto amontoamos a nossa riqueza.

Somente o tempo irá dizer o que eu e você escolhemos fazer com esse ponto cego do cristianismo em nossos dias.

CAPÍTULO 7



NÃO EXISTE UM PLANO B

Por que Ir é Urgente, Não Opcional

Para muitos hoje, a fé é uma questão de gosto, não de verdade. O pecado capital, portanto, é afirmar que a crença de uma pessoa é verdadeira e que a crença de outra pessoa é falsa. A rota honrosa é descansar silenciosamente no que você acredita e resistir ao impulso de compartilhar as suas crenças com outra pessoa.

Essa linha de pensamento tem se impregnado no cristianismo contemporâneo de duas formas específicas. Por um lado, muitos que se confessam cristãos têm abraçado a ideia universalista de que religião é meramente uma questão de preferência ou opinião e que no final todas as religiões são fundamentalmente iguais. As pessoas não têm que confiar em Cristo a fim de conhecer a Deus ou ir para o Céu. Portanto, não há necessidade de encorajar outra pessoa a abraçar a verdade do cristianismo.

Por outro lado, enquanto alguns que se confessam cristãos têm rejeitado o universalismo intelectualmente, eles podem acabar levando vidas universalistas em termos práticos. Eles afirmam que Cristo é necessário para a salvação, mas vivem seu cristianismo em silêncio, como se as pessoas à sua volta no mundo fossem realmente ficar bem no final sem Cristo.

Eu acho que cada um de nós tende ou ao universalismo intelectual ou ao universalismo prático. Se você está inclinado a adotar o universalismo intelectualmente, eu o convido a permanecer firme aqui neste capítulo comigo. Juntos, vamos explorar com a mente aberta a questão do que a Palavra de Deus ensina sobre isso. Semelhantemente, se você está inclinado ao universalismo prático, vivendo cada

dia como se não fosse absolutamente urgente falar de Cristo para as pessoas, então eu o convido a abordar este capítulo considerando as implicações práticas e eternas do que a Bíblia ensina.

Não vamos esquecer o que está em jogo.

Nós já vimos que mais de 4,5 bilhões de pessoas no mundo hoje vivem sem Cristo. Como se isso já não fosse sério o bastante, mais de um bilhão dessas pessoas sequer ouviram o Evangelho. Então o que acontece com elas quando morrem? Estou convencido de que essa é uma das questões mais importantes diante do cristianismo hoje. Se as pessoas irão para o Céu simplesmente de acordo com suas preferências religiosas nativas, então não há nenhuma urgência de irmos até elas. Porém, se elas não irão para o Céu porque nunca ouviram de Cristo, então há uma urgência indescritível de irmos todos até elas. Se as pessoas estão morrendo e indo para o inferno sem nunca sequer saber que o Evangelho existe, então nós claramente não temos tempo nenhum para gastar as nossas vidas em buscas mundanas. Então o que a Bíblia diz sobre as pessoas que nunca ouvem sobre Jesus?

Eu convido você a embarcar numa breve jornada comigo no livro de Romanos para descobrir sete verdades que nos ajudam a entender o que a Bíblia ensina sobre as pessoas que nunca ouviram de Jesus.[1] Então, eu imploro que você considere a necessidade urgente de entrega radical à pessoa e ao propósito de Cristo.

Verdade 1: Todas as Pessoas Têm Conhecimento de Deus

Depois que Paulo terminou sua introdução em Romanos, ele imediatamente começou a explorar como todas as pessoas têm conhecimento de Deus Pai. Iniciando em Romanos 1:19, Paulo disse que Deus revela a Si mesmo a todas as pessoas, *"pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou"*. Ele continua: *"Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, Seu eterno poder e Sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis"*.[2]

Em outras palavras, Deus revela a Si mesmo continuamente e claramente a todas as pessoas. Paulo presumiu o conhecimento que elas têm de Deus quando disse: "*tendo conhecido a Deus...*"[3] Toda pessoa da face da Terra e toda pessoa ao longo da História — sem exceção — têm conhecimento de Deus Pai. O homem na selva africana, a mulher no vilarejo asiático, o nômade no deserto mais remoto, e o inuit na tundra esquecida, independentemente de onde e como vivem, têm isso em comum. Todas as pessoas têm conhecimento de Deus porque Deus Se revelou a elas.

É claro, nem todas pessoas no mundo dizem que acreditam em Deus. Isso leva à segunda afirmação.

Verdade 2: Todas as Pessoas Rejeitam a Deus

Paulo disse: *"Tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem Lhe renderam graças"*.[4] Todas as pessoas, inclusive eu, você, e o homem na selva africana, rejeitamos o verdadeiro conhecimento de Deus. A Bíblia diz que temos corações insensatos e pensamentos fúteis. Possuímos uma natureza inerentemente pecaminosa que se rebela contra o conhecimento e a glória de Deus.[5]

Apesar de essa ser uma verdade fundamental do Evangelho, ela é frequentemente negligenciada em debates sobre o que acontece com as pessoas que nunca ouvem de Jesus. Nós nos esquecemos facilmente das distorções que afligem a nossa mente e da idolatria que aflige o nosso coração por causa de pecado.

Eu me lembro de debater sobre isso certa vez numa mesa cheia de universitários. Um deles me perguntou: "E quanto a uma tribo de índios, por exemplo, que originalmente habitava partes da América? Ela continuou: "Talvez a tribo nunca tenha ouvido de Jesus e nunca teve uma Bíblia. Porém, eles tinham um desejo inato de adorar, e então adoravam o que conheciam — talvez o deus sol ou algo do tipo". Ela concluiu: "Eles faziam o melhor que podiam com o conhecimento que tinham. Isso não é bom o bastante?"

Foi uma ótima pergunta que nos levou de volta a essa verdade fundamental que não podemos esquecer, descartar, nem ignorar. Todas as pessoas, inclusive homens e mulheres em tribos antigas, rejeitam o verdadeiro conhecimento de Deus. Nas palavras de Paulo, esses nativos adoravam coisas criadas ao invés de o Criador.[6]

Então adorar o deus sol conta como bom o bastante? A resposta é não, de acordo

com Paulo em Romanos 1. As pessoas não ganham crédito diante de um Deus santo por adorar deuses que elas criam ou imaginam. Deus sol, deusa lua, deuses da prosperidade — nenhum deles é digno de adoração. Somente Deus é digno de ser adorado. Então quando adoramos esses "deuses" em vez Dele, não ganhamos crédito por tentar o nosso melhor. A nossa idolatria simplesmente não é boa o bastante.

Essa não é uma acusação específica contra certas tribos nativas nem contra quaisquer outras culturas ao redor do mundo. É uma acusação contra todos nós. Todos nós somos idólatras. Seja na América, ou na África, ou na Ásia, ninguém adora a Deus verdadeiramente, pois rejeitamos o Deus verdadeiro em nossos corações. Portanto, há outra verdade a considerar.

Verdade 3: Todas as Pessoas São Culpadas Diante de Deus

Os primeiros três capítulos do livro de Romanos contêm alguns dos versículos mais deprimentes de toda a Bíblia. Paulo construiu um forte argumento sobre a depravação da humanidade, usando palavras como "*pecaminosos*", "*vergonhosos*", "*perversos*", "*insensatos, desleais, sem amor*", e "*implacáveis*" para nos descrever.[7]

De Romanos 1:18 a 2:16, Paulo descreve os gentios que haviam pecado contra Deus. Podemos praticamente ver os leitores judeus de Paulo balançando a cabeça em acordo com cada versículo ao pensar na perversidade dos pagãos a sua volta. Porém, depois Paulo virou a mesa contra os judeus em Romanos 2:17 e confrontou a pecaminosidade deles. Sua descrição do pecado deles continua até Romanos 3, onde ele conclui:

> *Não há nenhum justo, nem um sequer;*
> *não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus.*
> *Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis;*
> *não há ninguém que faça o bem,*
> *não há nem um sequer.*[8]

O parecer foi dado, e é decisivo. Todas as pessoas, independentemente de seu histórico religioso, cultural, ou étnico, são culpadas diante de Deus. Nas palavras de Paulo: *"que toda boca se cale e todo o mundo esteja sob o juízo de Deus"*.[9]

Vamos supor que você me perguntasse: “O que acontece com o homem *inocente* no meio da África que morre sem nunca ter ouvido o Evangelho?” A minha resposta confiante para você, baseada na autoridade da Palavra de Deus, seria: “Eu acredito que ele sem dúvida irá para o Céu. Não há nenhuma dúvida na minha mente”.

No entanto, antes que alguns me rotulem como herege (e outros me rotulem como herói), leia novamente o último parágrafo. Preste atenção especialmente na pergunta hipotética: “O que acontece com o homem inocente no meio da África que morre sem nunca ter ouvido o Evangelho?” (É assim que a maioria das pessoas formulam essa pergunta.)

A realidade é que o homem *inocente* da África irá para o Céu porque se ele for inocente, então ele não precisa de um Salvador para salvá-lo de seu pecado. Como resultado, ele não precisa do Evangelho. Porém, há um problema significativo aqui.

O homem *inocente* não existe… na África e em nenhum outro lugar.

Eu fico sempre impressionado com como nós julgamos essa questão a respeito das pessoas que nunca ouviram de Jesus. Não há pessoas inocentes no mundo simplesmente esperando para ouvir o Evangelho. Ao invés, em todo o mundo há pessoas culpadas diante de um Deus santo, e essa é a razão pela qual elas precisam do Evangelho.

Muitas vezes, nós enxergamos o Céu como o estado padrão eterno para a humanidade. Presumimos que a nossa raça simplesmente merece o Céu, que Deus deve o Céu a nós a não ser que façamos algo muito ruim para justificar o contrário. Porém, como vimos em Romanos, essa teologia simplesmente não é verdadeira. Todas as pessoas são culpadas diante de Deus e, dessa forma, o padrão não é o Céu, mas o inferno. Isso nos leva à nossa próxima verdade.

Verdade 4: Todas as Pessoas São Condenadas por Rejeitar a Deus

Paulo concluiu seu ensino sobre a pecaminosidade dos seres humanos dizendo: *“Portanto, ninguém será declarado justo diante Dele baseando-se na obediência à Lei, pois é mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado”*.[10] (Viu? Eu falei que esses capítulos são deprimentes!)

Não somente toda pessoa é culpada diante de Deus, mas não há nada que possamos fazer para mudar isso. Quanto mais tentamos fazer o bem, mais expomos a nossa maldade. Até mesmo as nossas tentativas de obedecer a Deus apenas revelam ainda mais a nossa incapacidade de fazer isso. Isso se aplica a você, a mim, e a qualquer outra pessoa no mundo. Como resultado, todos nós estamos condenados diante de Deus.

Isso nos coloca cara a cara com um mal-entendido fundamental que aparece em muitas das respostas para a pergunta sobre o que acontece com as pessoas que nunca ouvem de Jesus. Muitos cristãos professos chegam à conclusão de que se certas pessoas ao redor do mundo não têm a oportunidade de ouvir de Jesus, então isso automaticamente as exclui da condenação de Deus. Tais pessoas irão automaticamente para o Céu porque, afinal de contas, elas nunca tiveram a oportunidade de ouvir de Jesus.

Essa linha de pensamento reflete a natureza intensamente emocional dessa pergunta. Nós *queremos* que as pessoas fiquem bem quando não tiveram a oportunidade de ouvir o Evangelho. Porém, pense comigo sobre a lógica dessa conclusão. Ela afirma que as pessoas estarão com Deus no Céu por toda a eternidade justamente porque nunca ouviram de Cristo. O fato de nunca terem ouvido de Jesus lhes dá um passe para o Céu.

Além da falta de evidência bíblica para tal passe, considere as implicações práticas dessa ideia. Se as pessoas fossem para o Céu justamente porque nunca tiveram a oportunidade de ouvir de Jesus, então a pior coisa que poderíamos fazer pelo estado eterno delas seria ir até elas e falar de Jesus. Isso só aumentaria as chances de elas irem para o inferno! Antes de chegarmos lá, elas iriam para o Céu; agora que falamos de Jesus para elas, correm o risco de ir para o inferno. Muito obrigado!

Imagine encontrar uma aluna internacional que acabou de chegar num campus universitário no Brasil. Você lhe pergunta se ela já ouviu sobre Jesus e, com uma expressão confusa no rosto, ela responde: “Não”.

Entretanto, se essa garota está destinada ao Céu justamente porque nunca ouviu sobre Jesus, então a melhor coisa que você poderia dizer pelo bem da eternidade dela seria: “Se alguém tentar lhe falar sobre Jesus, tampe os ouvidos, comece a gritar bem alto, e saia correndo”.

Obviamente, essa metodologia específica não está prescrita na Bíblia. Porém, quando seguimos a lógica da conclusão acima, esse é o resultado prático.

No entanto, ainda assim, alguns sustentarão: “Bem, então Deus está simplesmente condenando pessoas por não crerem em Jesus quando na verdade elas nunca tiveram a chance de ouvir sobre Ele?” Essa é uma pergunta muito boa, e eu creio que a resposta é não. Deus não estaria simplesmente condenando pessoas por não acreditarem num Salvador sobre qual nunca ouviram. Porém, não se esqueça, no final das contas as pessoas não estão condenadas por não crerem em Jesus, mas por rejeitarem a Deus.

Essa é a chave. Não há dúvida de que as bilhões de pessoas que nunca ouviram de Jesus têm um tipo diferente de prestação de contas diante de Deus do que o restante de nós. Aqueles de nós que já ouviram de Jesus tiveram a oportunidade de receber ou rejeitar o Evangelho, e nós somos responsáveis pela nossa decisão. Porém, independentemente do nosso conhecimento relativo do Evangelho, baseado na segunda verdade que já exploramos, todas as pessoas estão condenadas fundamentalmente por rejeitar a Deus.[11]

Eu consigo imaginar lágrimas nos olhos de Paulo quando ele chega a Romanos 3:20. Ele pinta um retrato terrível sobre a pecaminosidade da humanidade. Todas as pessoas conhecem a Deus, todas as pessoas rejeitam a Deus, todas as pessoas são culpadas diante de Deus, e todas as pessoas estão condenadas por rejeitar a Deus. Porém, eu também consigo ver Paulo secando aquelas lágrimas ao escrever suas próximas palavras.

Verdade 5: Deus Criou um Caminho de Salvação para os Perdidos

“Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei... justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que crêem”.[12] Finalmente, as boas novas! Cristo morreu na Cruz e ressuscitou dos mortos, e através Dele nós podemos ser justificados diante de Deus e receber a garantia da vida eterna. Deus criou um caminho de salvação para os perdidos.

Obviamente, não podemos pressupor que essa verdade seja aceita no nosso mundo (e até mesmo na Igreja) hoje. O pluralismo domina o cenário religioso global, e a ideia prevalente é que, se existe um Deus, Ele providenciou muitos caminhos de salvação para os perdidos.

Eu me lembro de ficar de pé na frente de uma sala de aula no campus de uma universidade estadual. Era o meu dia de fazer uma apresentação, e o meu tópico foi o cristianismo. Eu apresentei as principais verdades do Evangelho para uma classe cheia de colegas universitários, dos quais a maioria era ateu ou agnóstico.

Na conclusão da minha apresentação, o professor abriu espaço para perguntas. Lauren, uma aluna com honras e líder do grêmio estudantil, foi a primeira a falar. Considerada sábia por todos os padrões que o campus havia estabelecido, ela perguntou de forma direta: "Você está me dizendo que se eu não acreditar no Jesus sobre o qual você está falando, eu irei para o inferno quando morrer?"

Eu nunca havia ouvido isso apresentado daquela forma na frente de tantas pessoas. Eu comecei a suar enquanto uma sala de aula em silêncio esperava pela minha resposta. Eu pensei sobre as minhas palavras, engoli seco, e falei com toda a compaixão que havia em mim:

"Todos nós temos pecado em nós que nos separa de Deus. Não importa o que fazemos, não podemos superar a nossa própria rebelião. Foi por isso que Jesus morreu na Cruz — para nos salvar do nosso pecado e de nós mesmos. Então, sim, se não crer em Jesus, você não irá para o Céu".

Por toda a sala, ouviu-se suspiros e olhos viraram em sinal de deboche enquanto o cristão bitolado estava de pé diante deles. Lauren veio até mim depois da aula e disse: "Essa é a coisa mais ridícula que eu já ouvi. Quem é você para dizer que a sua fé é o único caminho para Deus e que o restante de nós vai para a condenação eterna?" Com isso, ela saiu andando.

Eu havia tido dias melhores.

Aquela foi a primeira de muitas conversas com Lauren. No futuro, ela iria me fazer todas as perguntas possíveis. Como você sabe que Deus existe? Como Jesus é diferente dos outros líderes religiosos? E quanto às pessoas que nunca ouviram de Jesus? Cada vez, eu tentava o melhor que podia responder suas perguntas, mas muitas vezes parecia como se as minhas palavras estivessem batendo num muro.

Após uma dessas conversas, eu estava andando pelo campus e comecei a pensar, *Será que eu acredito mesmo nisso? Eu não quero ser arrogante nem ser bitolado. Será que estou acreditando no que eu fui criado para acreditar? Será que isso é verdade? Jesus é mesmo o único caminho para Deus?*

Eu batalhei com essas perguntas nos meses seguintes como nunca antes. Humilhado por aquela universidade secular, eu deixei o campus no final do ano letivo para as férias de verão. Ao retornar às aulas no outono, eu entrei na sala no primeiro dia de aula do semestre. Ali na frente da sala estava Lauren sentada.

Ela me chamou do outro lado da sala:

— Eu preciso conversar com você hoje.

— Tudo bem — eu disse. *Que ótimo*, eu pensei. *Lá vamos nós de novo*.

Lauren e eu conversamos depois da aula. Ela me disse que durante o verão havia chegado a um entendimento da pecaminosidade dela diante de Deus. Ela também havia chegado a um entendimento da suficiência de Cristo para cobrir o pecado dela.

— David — ela disse — eu confiei a minha salvação a Cristo, e agora sei que irei para o Céu quando eu morrer.

Deus criou um caminho de salvação para os perdidos. Não *um* caminho, mas *o* caminho. E isso é as boas novas — o Evangelho.

Porém, a questão ainda permanece. E quanto às pessoas que nunca ouvem o que a Lauren pôde ouvir. Isso nos leva às nossas duas últimas verdades.

Verdade 6: As Pessoas Não Podem Chegar a Deus sem a Fé em Cristo

Após escrever um dos parágrafos mais impressionante e de tirar o fôlego de toda a Bíblia (Romanos 3:21-26), Paulo começou a explicar sobre como a salvação de Deus se torna uma realidade nas nossas vidas.

O povo judeu na plateia de Paulo estava acostumado a seguir a Lei numa tentativa de conhecer e agradar a Deus. Porém, em Romanos 3:27-31, Paulo descreve como a fé em Cristo é a única forma de se tornar justo diante de Deus. Ele desenvolveu essa linha de pensamento com profundidade em Romanos 4-5, concluindo que *"tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo"*.[13] A fé em Cristo é o único meio pelo qual podemos ser salvos.

À essa altura, alguns podem estar se perguntando como as pessoas eram salvas no Antigo Testamento. Paulo argumenta em Romanos 4-11 que Abraão e outros do Antigo Testamento foram salvos pela graça através da fé no Cristo vindouro. Apesar de não

saberem de todos os detalhes, eles confiavam na redenção que Deus traria através de Cristo. Baseado no exemplo deles, alguns concluíram que as pessoas de hoje também podem ser salvas através de uma confiança geral em Deus apesar de nunca terem ouvido de Jesus. No entanto, a Bíblia não nos dá nenhuma evidência disso já que Cristo já veio. A força-motora do Novo Testamento é que Cristo de fato veio e que nós devemos crer na pessoa e na obra Dele na Cruz para a nossa salvação (Romanos 10:9-10).

Agora, obviamente, se as pessoas não podem chegar a Deus sem a fé em Cristo, então essa verdade não é encorajadora para aqueles que nunca ouviram de Cristo. À essa altura, muitos concluem: "Eu não sei como, mas Deus certamente dará um jeito para que essas milhões de pessoas cheguem ao Céu mesmo se não tiverem ouvido sobre Jesus". Pelo lado emocional da questão, nós ansiamos que haja um caminho para que aqueles que não ouviram sejam salvos. Estamos certos de que Deus, em Seu amor, não permitiria que eles fossem para o inferno quando eles sequer ouviram de Jesus.

Mais uma vez, precisamos ter cuidado ao considerar as ramificações de tal conclusão. Se concluirmos que as pessoas podem chegar ao Céu sem a fé em Cristo, então isso significaria que existe outra coisa que elas podem fazer para chegar ao Céu. Tal conclusão iria não só baratear a verdade anterior que vimos em Romanos; iria também ser equivalente a dizer a Jesus: "Obrigado pelo que Você fez na Cruz, mas nós chegamos a Deus por outro caminho".

O livro de Romanos (e toda a Bíblia) é abundantemente claro nessa questão. A fé em Cristo é necessária para a nossa salvação.[14]

Depois das quatro primeiras verdades, finalmente chegamos a boas notícias na quinta verdade. Porém, com essa sexta verdade, parece que chegamos a outra questão triste. Se as pessoas não podem vir a Deus sem a fé em Cristo, e se mais de um bilhão de pessoas nunca ouviram de Cristo, então existe um problema sério e eterno. Esse problema nos leva à declaração final no livro de Romanos.

Verdade 7: Cristo Comanda a Igreja para Tornar o Evangelho Conhecido a Todos os Povos

Passamos direto para Romanos 10. Paulo cita um versículo do livro de Joel no Antigo Testamento e em seguida considera algumas implicações.

> *...“todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Como, pois, invocarão Aquele em quem não creram? E como crerão Naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?*[15]

Esses versículos não só retratam a habilidade retórica de Paulo; eles são um retrato claro do plano redentor de Deus. Nesses três breves versículos, vemos o plano de Deus de levar o Evangelho a todos os povos do mundo, inclusive aos bilhões que nunca ouviram o nome de Jesus.

A fim de vermos esse plano, vamos examinar os verbos dessa passagem em ordem inversa. Começando com o ultimo versículo, vemos que o plano de Deus envolve enviar Seus servos. Então esse é o passo número um no plano de Deus — Deus envia Seus servos.

Depois, continuando a seguir de trás para a frente na passagem, vemos o que esses servos fazem. Eles pregam. Os servos são enviados para pregar o Evangelho. Como já vimos quando falamos sobre fazer discípulos, todo servo de Deus é destinado a ir e proclamar o Evangelho. Esse é o plano de Deus. Ele envia servos, e Seus servos pregam.

Dando mais um passo para trás, quando Seus servos pregam, as pessoas ouvem. A menos que estejamos pregando para uma parede, as pessoas irão nos ouvir quando pregamos. Então o plano está progredindo: Deus envia servos, Seus servos pregam, e as pessoas ouvem.

Quando ouvem, a frase anterior diz que elas irão crer. Entretanto, essa passagem não está ensinando que toda pessoa que ouvir o Evangelho irá crer nele. Isso obviamente não é verdade, biblicamente nem praticamente. Porém, essa passagem está ensinando que quando pregamos e as pessoas ouvem, algumas delas irão crer. Nós já vimos que um dia todos os povos, nações, tribos, e línguas serão representados em volta do trono de Cristo. Isso significa que todas as etnias irão ouvir o Evangelho pregado, e alguém de cada etnia irá confiar em Cristo e ser salvo. Isso nos dá grande confiança. Você pode

ir ao grupo mais remoto de pessoas não alcançadas neste planeta e pregar o Evangelho a eles, e *alguém* irá crer. Deus envia servos, Seus servos pregam, as pessoas ouvem, e ouvintes creem.

Os dois últimos passos do plano de Deus são óbvios. Quando ouvintes creem, eles invocam o nome do Senhor e, quando invocarem Seu nome, serão salvos. Então aqui está — o simples plano divino para levar o Evangelho a todos os povos do mundo.

Deus envia Seus servos. T Seus servos pregam. T Pessoas ouvem. T Ouvintes creem. T
Crentes invocam. T Todos que invocam são salvos.

Agora veja novamente essa progressão e faça uma pergunta: Esse plano pode falhar em algum lugar? Pense sobre isso. Obviamente, toda pessoa que invocar o nome do Senhor será salvo. Nenhuma problema aqui. Todos os que crerem invocarão. Muitos que ouvirem (não todos, mas muitos) crerão. As pessoas ouvirão o Evangelho quando o pregarmos para elas. E Deus definitivamente ainda está no negócio de enviar Seus servos.

Isso significa que existe apenas um possível problema nessa progressão — quando servos de Deus não pregam o Evangelho a todos os povos.

Nós somos o plano de Deus, e não existe nenhum plano B.

É claro, Deus tem o poder de escrever o Evangelho com letras nas nuvens para que todos os povos possam aprender sobre Jesus e crer Nele. Porém, em Sua infinita sabedoria, Ele não escolheu essa rota. Em vez disso, Ele escolheu nos usar como embaixadores que carregam o Evangelho a todas as pessoas que nunca ouviram o nome de Jesus.

Hoje em dia, muitas histórias são contadas sobre Deus revelando Cristo em sonhos e visões ao redor do mundo a pessoas que nunca ouviram de Jesus. Consequentemente, muitos cristãos têm começado a se apoiar na esperança de que Deus está usando outras formas de tornar o Evangelho conhecido àqueles que nunca ouviram de Jesus. Porém, precisamos nos lembrar de algo. Não existe nenhum versículo no livro de Atos em que o Evangelho avança para os perdidos sem um agente humano. Alguém pode apontar a visão que Cornélio teve, mas Deus chamou Pedro para se levantar e ir até Cornélio

para ajuda-lo a entender a visão e abraçar o Evangelho.[16] Deus claramente decidiu usar a Igreja — e somente a Igreja — como o meio pelo qual Seu Evangelho chegará aos confins da Terra.

Nenhum Tempo a Perder

Essa então é a resposta para a nossa pergunta sobre o que acontece com as pessoas que nunca ouvem sobre Jesus. Todas as pessoas conhecem a Deus, e todas rejeitam a Deus. Todas as pessoas são culpadas diante de Deus, e todas são condenadas por rejeitar a Deus. Deus criou um caminho de salvação para os perdidos, e as pessoas não podem chegar a Deus sem a fé em Cristo. Como resultado, Cristo ordena que a Igreja torne o Evangelho conhecido a todos os povos.

Se isso for verdade, então as implicações para as nossas vidas são enormes. Se mais de um bilhão de pessoas hoje estão destinadas a uma eternidade sem Cristo e sequer ouviram o Evangelho, então nós não temos tempo para gastar as nossas vidas com planos e sonhos egoístas. Não se todos nós fomos ordenados a levar esse Evangelho às pessoas. A tendência para muitos de nós é sentar e debater essa questão, mas no fim o nosso objetivo não é tentar encontrar uma resposta para ela; o nosso objetivo é eliminar a questão completamente.

Mais de cinco mil etnias, totalizando aproximadamente 1,5 bilhão de pessoas, são atualmente classificados como "não-alcançadas" e "não-comprometidas". "Não-alcançadas" significa que aquela etnia não contém uma comunidade indígena de cristãos evangélicos em números e com recursos adequados para propagar o Evangelho dentro daquele grupo de pessoas. "Não-comprometidas" significa que nenhuma igreja ou organização está ativamente trabalhando dentro daquela etnia para propagar o Evangelho. Em outras palavras, para esse 1,5 bilhão de povos não-alcançados e não-comprometidos, quase todo indivíduo dentre eles nasce, vive, e morre sem nunca ouvir o Evangelho. Pior ainda, ninguém está atualmente fazendo algo para mudar a situação deles. Ninguém.

Um dos meus bons amigos recentemente passou um tempo dentre os povos não-alcançados e não-comprometidos do sudeste da Ásia. Enquanto conversava com moradores de um vilarejo numa área remota, ele tentou descobrir suas principais crenças.

Ele lhes perguntou: — Como nós fomos criados?

Eles responderam: — Não sabemos.

Ele perguntou: — Quem envia a chuva para as plantações?

Eles responderam: — Também não sabemos.

Então ele perguntou: — O que acontece quando morremos?

Eles olharam para o meu amigo e disseram: —Ninguém veio ainda para nos falar sobre isso.

Logo depois disso, ele se encontrava em outro vilarejo remoto com pessoas que nunca haviam ouvido o Evangelho. Eles eram amáveis e hospitaleiros, e o convidaram para beber algo com eles. Um homem entrou em sua pequena loja e reapareceu momentos depois com uma clássica lata vermelha de Coca-Cola. Imediatamente, a ficha caiu para o meu amigo. Uma fábrica de refrigerantes de Atlanta fez um trabalho melhor levando uma bebida açucarada para aquelas pessoas do que a Igreja de Jesus Cristo fez em levar o Evangelho a elas.

Vamos considerar uma dessas etnias não-alcançadas. Os beduínos da Argélia são 1,4 milhões. Eles vivem em tendas portáteis cobertas com pelo de cabra. Eles têm pouca comida e muitas vezes vivem em condições insalubres. Eles são cem por cento muçulmanos. Nenhum cristão. Nenhuma igreja. Nenhum missionário. Nenhum Evangelho. Nenhum Jesus. Entretanto, Deus salvou eu e você por Sua graça. Ele não só nos deu conhecimento sobre Cristo, mas também nos deu a presença de Cristo e a promessa de Cristo para nos suprir com tudo que precisamos para levar o Evangelho a eles. Agora imagine como seria olhar nos olhos de um beduíno e pela primeira vez apresentar Cristo àquela pessoa.

Essa é uma causa pela qual vale a pena viver. É uma causa pela qual vale a pena morrer. É uma causa digna de agirmos urgentemente. Nós temos o Evangelho de Cristo em nós, e não temos tempo a perder. Alguns ficam pensando se é injusto que Deus permita que tantos não tenham conhecimento nenhum do Evangelho. Porém, não há injustiça em Deus. A injustiça está nos cristãos que possuem o Evangelho e se recusam a entregar suas vidas para torná-lo conhecido dentre aqueles que ainda não escutaram. Isso é injusto.

Eu acho interessante que uma das perguntas mais comuns feitas hoje em dia entre os cristãos seja “Qual é a vontade de Deus para a minha vida?” ou “Como eu descubro a vontade de Deus para a minha vida?” Muitos cristãos têm praticamente assumido uma atitude de que obedeceriam a Deus se Ele simplesmente lhes mostrasse o que quer que eles façam.

Em meio a uma cultura cristã que pergunta: “Como eu descubro a vontade de Deus para a minha vida?”, eu trago boas notícias. A vontade Dele não está perdida. Com 1,4 milhões de beduínos na Argélia que nunca sequer ouviram o Evangelho, faz pouco sentido ficarmos sentados perguntando: “O que o Senhor quer que eu faça, Deus?” A resposta é clara. A vontade de Deus é que você e eu entreguemos as nossas vidas urgentemente e audaciosamente para tornar o Evangelho e a glória de Deus conhecidos dentre todos os povos, particularmente aqueles que nunca sequer ouviram de Jesus.

A pergunta, portanto, não é “Nós podemos encontrar a vontade de Deus?” A pergunta é “Nós iremos obedecer a vontade de Deus?”

Iremos nos recusar a ficar sentados esperando algum arrepio na nuca antes de levantarmos e fazermos o que já fomos ordenados a fazer?

Iremos arriscar tudo — o nosso conforto, as nossas posses, a nossa segurança, as nossas próprias vidas — para tornar o Evangelho conhecido dentre os povos não-alcançados?

Tal posicionamento e tal risco são os resultados urgentes e inevitáveis de uma vida radicalmente entregue a Jesus.

CAPÍTULO 8

VIVER QUANDO MORRER É UM GANHO

O Risco e a Recompensa de uma Vida Radical

Jesus disse a Seus seguidores, *"Quem acha a sua vida a perderá, e quem perde a sua vida por Minha causa a encontrará"*.[1] Jesus reconheceu claramente que segui-Lo envolve arriscar a segurança, a estabilidade, e a satisfação que temos encontrado neste mundo. Porém, no final das contas, Jesus disse que segui-Lo nos leva a uma recompensa radical que este mundo nunca poderá oferecer. Isso faz cada um de nós responder à seguinte pergunta: Nós cremos que a recompensa encontrada em Jesus vale o risco de segui-Lo?

Vá às Necessidades

O desafio de Jesus de perdermos as nossas vidas foi feito no fim de um discurso chocante que Ele fez a Seus discípulos, como relatado em Mateus 10. Ao enviar os discípulos para o mundo, Jesus descreveu os riscos que eles teriam que aceitar ao segui-Lo.

Ele disse a Seus discípulos que eles seriam cercados por grandes necessidades. Suas instruções? *"Curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios"*.[2] Simplesmente imagine as pessoas que os discípulos iriam encontrar. Pessoas enfermas, à beira da morte, desprezadas, e perigosas. Não exatamente o grupo mais atraente para estar perto.

Alguns membros da nossa família da fé recentemente foram para a África do Sul para oferecer atendimento médico em várias comunidades pobres. Após a chegada deles ao país, um de seus veículos foi sequestrado. O motorista foi espancado com uma pistola e

jogado na mala de outro carro enquanto os assaltantes saíram dirigindo com a maior parte da bagagem da nossa equipe. Pela graça de Deus, ninguém mais ficou ferido, e o motorista se recuperou.

A equipe sabia que a viagem envolvia risco, mas certamente não havia planejado ser assaltada. Ao contrário, o risco que eles haviam considerado envolvia os atendimentos médicos que eles estariam oferecendo. A equipe sabia que estaria trabalhando com inúmeros pacientes infectados com HIV, o vírus que causa AIDS. Eles haviam discutido todas as precauções que precisariam tomar, mas sabiam que não havia nenhuma garantia de poder evitar serem acidentalmente furados com uma agulha.

Após se acomodarem, eles começaram a oferecer os atendimentos médicos. A clínica ficava lotada todos os dias à medida que homens e mulheres com necessidades médicas viajavam quilômetros para receber cuidado médico. Como esperado, muitos dos pacientes estavam infectados com HIV, e apenas em alguns dias de viagem, aconteceu.

Um dos nossos membros da nossa família da fé estava ajudando uma mulher infectada com HIV, e aquele membro da nossa equipe foi acidentalmente furado com a agulha que ela estava usando. Como se isso não fosse o bastante, a mesma coisa aconteceu com um segundo membro da equipe horas depois.

Ambos sabiam da gravidade do que havia ocorrido. Era possível que um deles ou ambos tivessem HIV àquela altura. Era possível que houvessem acabado de ver suas vidas mudarem de forma muito séria. “Estamos felizes que isso tenha acontecido conosco e com ninguém mais”, ambos disseram. “E se essa clínica for usada por Deus para levar alguém a Cristo, então tudo isso valeu a pena.”

Nosso parceiro no território africano nos enviou um e-mail depois que o grupo retornou para casa. Ele relatou: “Depois que vocês foram embora, a comunidade não parava de falar da clínica e o quanto significou para eles que o Senhor tenha visto suas necessidades e enviado vocês. Depois que vocês partiram, a comunidade começou a agradecer ao Senhor, e muitas pessoas aceitaram a Cristo. Deus não é bom?”

Sim, Ele é bom. Ele é bom até mesmo quando chama você e eu para lugares sujos e infestados por doenças. Ele é bom até mesmo quando acabamos possivelmente contraindo as doenças do povo ao qual fomos servir. Ele é bom porque nos encontrou em nossa necessidade mais profunda e agora nos usa para mostrar Sua glória e avançar o Evangelho nos lugares de maior necessidade no mundo.

Vá ao Perigo

Eu posso até imaginar a expressão facial dos discípulos quando as seguintes palavras saíram da boca de Jesus: *"Eu os estou enviando como ovelhas entre lobos. Portanto, sejam astutos como as serpentes e sem malícia como as pombas"*.[3] As ovelhas estão entre os animais domésticos que menos sabem se defender. São também alguns dos mais tolos. Ruídos inofensivos podem levá-las à loucura e, diante do perigo, não possuem nenhum mecanismo de defesa. Tudo que podem fazer é correr, e infelizmente elas são lentas. Como resultado, a coisa mais tola que uma ovelha pode fazer é passear no meio de uma matilha de lobos. Então por que será que Jesus, o "*Bom Pastor*" (João 10:11), o "*Grande Pastor*" (Hebreus 13:20), estava dizendo às Suas ovelhas que fossem para o meio dos lobos?

Jesus estava dizendo a Seus discípulos naquele momento — e, por insinuação, a você e a mim agora — *"Estou enviando vocês a lugares perigosos, onde se encontrarão em meio a pessoas más e perversas. E vocês estarão lá de acordo com o Meu plano". Jesus lhes disse: "Vão ao grande perigo, deixe que seja dito de vocês o que as pessoas diriam de ovelhas passeando no meio de lobos. 'Elas são loucas! Sem noção! Não fazem ideia do tipo de perigo com o qual estão se metendo!' Isso é o que significa ser Meu discípulo."*

Nós não pensamos assim. Dizemos coisas tais como: "O lugar mais seguro de estar é no centro da vontade de Deus". Nós pensamos: *Se for perigoso, Deus não deve estar nisso. Se for arriscado, se não for seguro, se custar muito, não deve ser da vontade de Deus*. Mas e se esses fatores, na verdade, forem os critérios pelos quais determinamos se algo *é* da vontade de Deus? E se começarmos a ver o plano de Deus como a opção mais perigosa diante de nós? E se o centro da vontade de Deus for, na realidade, o lugar menos seguro para estarmos?

Eu conheci um irmão cristão da tribo batak do norte da Sumatra, na Indonésia. Ele contou a história de como sua tribo havia conhecido a Cristo. Anos atrás, um casal missionário havia ido ao seu vilarejo para compartilhar o Evangelho. A tribo era cem por cento muçulmana. Isso sim é ovelhas no meio de lobos! Os líderes da tribo capturaram aquele casal de missionários, depois os assassinaram, e os canibalizaram.

Anos depois, outro missionário foi àquela tribo e novamente começou a compartilhar o Evangelho. Os líderes da tribo reconheceram que a história que ele estava contando era exatamente a que o casal anterior havia contado. Dessa vez, eles decidiram ouvir. Após escutarem, eles creram. Dentro de pouco tempo, a tribo inteira havia se convertido a Cristo. Esse crente me contou que hoje existem mais de três milhões de cristãos na tribo Batak no norte da Sumatra.

Quando eu ouvi essa história pela primeira vez, as perguntas que imediatamente vieram à minha mente foram: *Eu estaria pronto para que eu e minha esposa fôssemos aquele primeiro casal missionário? Eu estaria preparado para ser assassinado e canibalizado para que aqueles que viessem depois de mim pudessem ver pessoas aceitando a Cristo?*

Esses são os tipos de perguntas que Mateus 10 apresenta a cada um de nós. Será que estamos dispostos, assim como os primeiros discípulos, a sermos os primeiros a irem ao perigo e possivelmente até morrer lá a fim de que aqueles que forem depois de nós possam experimentar o fruto do nosso sacrifício? E se tal sacrifício for exatamente o necessário para que as muitas pessoas não-alcançadas no mundo, que são atualmente hostis ao Evangelho, um dia entreguem o coração a Jesus?

Traídos, Odiados, e Perseguidos

Jesus continuou dizendo a Seus discípulos que eles seriam traídos. *"O irmão entregará à morte o seu irmão, e o pai, o seu filho; filhos se rebelarão contra seus pais e os matarão"*.[4]

Essa não foi uma despedida encorajadora para os discípulos. Membros da família poderiam voltar-se contra eles, e amigos poderiam acabar se tornando seus maiores inimigos.

Não vou esquecer o testemunho de Sahil nem tão cedo. Ele e sua esposa cresceram em lares muçulmanos na Índia. Ela aceitou a Cristo e depois levou Sahil a Cristo. Porém, assim que suas famílias descobriram que eles haviam se tornado cristãos, eles foram forçados a deixar sua comunidade, sob risco de vida.

Nos anos seguintes, eles cresceram em Cristo e no desejo de ver sua família conhecer a Cristo. Pouco a pouco, eles começaram a retomar contato com os parentes que amavam. E pouco a pouco os parentes começaram a responder. Com o tempo, eles

receberam Sahil e sua esposa de volta na comunidade deles e, de acordo com todas as aparências, as coisas estavam indo bem.

Então, certo dia, Sahil deixou sua esposa num almoço com a família dela enquanto ele foi se encontrar com a dele. A esposa de Sahil se sentou à mesa com sua família e começou a comer e beber. Dentro de instantes ela estava morta. Seus próprios pais a envenenaram.

Vocês serão traídos.

Vocês serão traídos, e vocês serão odiados. *"Todos odiarão vocês por Minha causa."*[5] Agora, "*todos*" obviamente não significa que toda pessoa na Terra irá odiar você. Porém, a figura é clara. Seja a sua família, o governo, a instituição religiosa, ou outra pessoa, você será odiado.

Mais uma vez, nós não pensamos dessa forma. Nós dizemos: "Se todos nós simplesmente nos tornássemos como Jesus, o mundo nos amaria". A realidade é que se realmente nos tornarmos como Jesus, o mundo nos odiará. Por quê? Porque o mundo O odiava.

Em seguida, Jesus disse: *"Quando forem perseguidos num lugar, fujam para outro"*.[6] Não *se* forem perseguidos, mas *quando* forem perseguidos. Para que não pensemos que isso se refere somente aos discípulos imediatos de Jesus e não a nós, Paulo nos diz depois: *"todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos"*.[7]

A razão pela qual sabemos que seremos traídos, odiados, e perseguidos é porque o próprio Jesus foi traído, odiado, e perseguido. Quanto mais as nossas vidas forem conformadas a Dele, mais receberemos o que Ele recebeu neste mundo. É por isso que Jesus disse: *"O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor... Se o dono da casa foi chamado Belzebu, quanto mais os membros da sua família!"*[8]

Essa é a inevitável conclusão de Mateus 10. Todos que quiserem uma vida segura, sem problemas, confortável, e livre do perigo, fiquem longe de Jesus. O perigo nas nossas vidas sempre irá aumentar proporcionalmente à profundidade do nosso relacionamento com Cristo.

Talvez seja por isso que ficamos sentados e conformados com um relacionamento casual com Cristo e uma rotina religiosa na igreja. É seguro ali, e o mundo gosta de nós ali. O mundo gosta de nós quando estamos buscando tudo que eles estão buscando, mesmo se de fato colocarmos um rótulo cristão nisso. Desde que o cristianismo se pareça com a cultura ao nosso redor, nós teremos poucos problemas neste mundo.

Entretanto, se nos identificarmos com Cristo, perderemos muito neste mundo. Jesus disse o seguinte de Si mesmo: *"Todo aquele que for bem preparado será como o seu mestre"*.[9] Essas palavras deveriam nos apavorar. Elas deveriam nos apavorar porque o nosso Mestre foi zombado, espancado, açoitado, cuspido, e pregado numa Cruz. Nós realmente queremos ser como Ele?

Veja o que Paulo disse à Igreja: *"A vocês foi dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por Ele"*.[10] Isso é impressionante. Paulo praticamente disse: *"Cristo deu a vocês o presente do sofrimento. Venha a Cristo e receba um grande presente — sofrimento"*. Esse não é um convite evangelístico típico. Abaixem a cabeça, fechem os olhos, orem para receber a Cristo, e vocês receberão sofrimento. Parece até que Paulo estava brincando.

Mas não é brincadeira.

É cristianismo.

Navio de Transporte de Tropas ou Cruzeiro de Luxo?

As palavras de Mateus 10 visiona Jesus como um comandante militar enviando soldados a uma missão. Ele convocou Seus discípulos, e em seguida os enviou. À luz das necessidades diante deles e do perigo em volta deles, os discípulos sabiam que estavam entrando numa batalha.

No final da década de 1940, o governo dos Estados Unidos comissionou William Francis Gibbs para trabalhar com a United States Lines a fim de construir um navio de transporte de tropas de oito milhões de dólares para a marinha. O propósito era criar um navio que pudesse transportar velozmente quinze mil tropas durante tempos de guerra. Em 1952, a construção do SS *United States* estava completa. O navio era capaz de viajar a quarenta nós (cerca de 82 km/h), e de seguir a todo vapor por dezesseis mil

quilômetros sem parar para combustível ou suprimentos. Era capaz de ultrapassar qualquer outro navio e viajar sem parar a qualquer lugar do mundo em menos de dez dias. O SS *United States* era o navio de transporte de tropas mais rápido e mais confiável do mundo.

O único porém é que o navio nunca transportou tropas. Pelo menos não em nenhuma capacidade oficial. Ele foi colocado em espera certa vez durante a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962, mas fora isso nunca foi usado em sua capacidade total pela Marinha dos Estados Unidos.

Em vez disso, o SS *United States* se tornou um transatlântico de luxo para presidentes, chefes de estado, e uma variedade de outras celebridades que viajaram nele durante seus dezessete anos de serviço. Como um navio de luxo, não podia transportar quinze mil pessoas. Ao invés, podia abrigar um pouco menos de dois mil passageiros. Esses passageiros podiam desfrutar do luxo de 695 cabines, 4 salões de jantar, 3 bares, 2 teatros, vinte mil metros quadrados de convés aberto com uma piscina aquecida, 19 elevadores, e o conforto do primeiro navio do mundo totalmente equipado com ar condicionado. Ao invés de um navio usado para batalha em época de guerra, o SS *United States* se tornou um meio de indulgência para cidadãos ricos que desejavam cruzar tranquilamente o Atlântico.

As coisas num transatlântico de luxo são radicalmente diferentes do que num navio de tropas. Os rostos dos soldados se preparando para a batalha são completamente diferentes dos rostos dos patrões desfrutando de seus bombons. A conservação de recursos num transporte de tropas contrasta bruscamente com a opulência que caracteriza o navio de luxo. E a velocidade na qual o navio de transporte de tropas navega é por necessidade muito mais rápida do que a do transatlântico de luxo. Afinal de contas, o navio de transporte de tropas tem uma tarefa urgente a cumprir; o navio de luxo, por outro lado, tem liberdade para desfrutar da viagem casualmente.

Quando eu penso na história do SS *United States*, fico imaginando se ele tem algo para nos ensinar sobre a história da Igreja. A Igreja, assim como o SS *United States*, foi criada para batalha. O propósito da Igreja é mobilizar um povo para cumprir uma missão. Porém, parece que transformamos a Igreja de um navio de transporte de tropas para um transatlântico de luxo. Parece que nós nos organizamos, não para participar da batalha pelas almas das pessoas ao redor do mundo, mas para saciarmos a nós mesmos

com os confortos tranquilos do mundo. Isso me faz pensar no que aconteceria se olhássemos diretamente no rosto de um mundo com 4,5 bilhões de pessoas indo para o inferno e vinte e seis mil crianças morrendo todos os dias de fome e de doenças evitáveis, e decidíssemos que é hora de dirigir esse navio para a batalha em vez de ficarmos descansando na beira da piscina esperando os funcionários nos servirem mais petiscos.

Estamos dispostos a obedecer as ordens de Cristo? Estamos dispostos a ser como Ele? Será que estamos dispostos a arriscar as nossas vidas para irmos a grandes necessidades e a grandes perigos — seja nas áreas pobres em cidades ao nosso redor, o vizinho difícil do outro lado da rua, as comunidades infestadas por doenças na África, ou as regiões hostis do Oriente Médio? Estamos dispostos a alterar fundamentalmente o nosso entendimento do cristianismo de uma abordagem de transatlântico de luxo que busca mais confortos do mundo para uma abordagem de navio de transporte de tropas que abre mão dos confortos do mundo a fim de cumprir uma tarefa eternamente significativa e alcançar uma recompensa eternamente satisfatória?

Uma Recompensa Maior

É aqui onde Cristo se afasta dramaticamente dos caminhos do mundo. Sim, Jesus promete uma grande recompensa, mas Sua recompensa parece muito diferente do que podemos esperar. As recompensas do mundo incluem segurança, estabilidade e sucesso encontrados em mais conforto, coisas melhores e maior prosperidade. No entanto, a recompensa de Cristo triunfa sobre todas essas coisas e nos chama a viver por segurança, estabilidade, e satisfação eternas que ultrapassam de longe tudo que este mundo tem a nos oferecer.

Jesus completou Seu chamado aos discípulos de ir a grandes necessidades e grande perigo com incríveis promessas de Seu amor e cuidado por eles. Ele lhes disse três vezes: "*Não tenham medo*".[11]

Como é possível que ovelhas que vão para o meio dos lobos não tenham medo? Como Jesus pôde dizer que Seus discípulos seriam traídos, odiados, e perseguidos, mas não precisavam ter medo?

A Soberania Dele, A Nossa Segurança

Jesus lembrou a Seus discípulos de que a segurança deles não estava nos confortos deste mundo, mas no controle de um Deus soberano sobre este mundo. Jesus perguntou a Seus discípulos: *"Não se vendem dois pardais por uma moedinha? Contudo, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do Pai de vocês"*.[12] Podemos descansar confiantes no fato de que nada irá acontecer conosco neste mundo fora da vontade agradável do Deus soberano. Nada.

É isso que eu amo a respeito de Estevão no livro de Atos. De acordo com a Bíblia, ele foi o primeiro mártir cristão. Como vemos em Atos 7, ele foi apedrejado pelo conselho religioso do Sinédrio — uma ilustração extraordinária do que significa compartilhar dos sofrimentos de Cristo.[13] Porém, o que é ainda mais extraordinário nessa história é o que aconteceu como resultado da morte de Estevão. Lucas escreveu: *"Naquela ocasião desencadeou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém. Todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e de Samaria"*. Três versículos depois, Lucas escreveu: *"Os que haviam sido dispersos pregavam a Palavra por onde quer que fossem"*.[14] Em outras palavras, como resultado do sofrimento e da morte de Estevão, a Igreja se multiplicou por toda Judeia e Samaria.

Você consegue ver o que está acontecendo aqui? A estratégia de satanás de parar o povo de Deus através do apedrejamento de Estevão apenas serviu para cumprir os propósitos de Deus através da disseminação da Igreja.

Esse é o testemunho de toda a Escritura. Desde a história de Jó até a descrição de Paulo sobre o ataque de satanás em sua vida em 2 Coríntios 12, nós vemos como satanás não só age com a permissão soberana de Deus, mas também acaba cumprindo os propósitos soberanos de Deus. De fato, a Cruz tem tudo a ver com isso. A estratégia de satanás para derrotar o Filho de Deus somente serviu para prover salvação para os pecadores.

Nós não temos nada a temer, pois Deus é soberano.

O Amor Dele, A Nossa Estabilidade

A recompensa de Cristo também envolve uma estabilidade maior do que esse mundo jamais pode oferecer. Depois que Jesus falou sobre os pardais em Mateus 10, Ele lembrou Seus discípulos de Seu amor por eles. Em Suas próprias palavras: *"Até os cabelos da cabeça de vocês estão todos contados. Portanto, não tenham medo; vocês*

valem mais do que muitos pardais!"[15] Jesus conhece cada detalhe das nossas vidas, e Ele se importa profundamente conosco. Essa é a segunda razão por que não temos nada a temer.

Algumas semanas atrás, nós enviamos uma família da nossa igreja a um país empobrecido no exterior. Alguns meses antes, Craig e Amy haviam compartilhado comigo o desejo de vender a casa deles em Birmingham e levar seus três filhos para outra parte do mundo onde pudessem glorificar a Deus melhor. Enquanto conversávamos, eu os encorajei a perseverar nas próximas semanas, já antecipando que seriam difíceis. Dois meses após aquela reunião inicial, nós nos reunimos novamente, e Craig compartilhou comigo as adversidades que eles haviam vivenciado. Desde a última vez que havíamos conversado, uma de suas avós havia falecido, um de seus irmãos havia sido levado às pressas para o hospital com um infarto, eles haviam sido roubados, e haviam sofrido um acidente de carro.

Além de tudo isso, eles estavam lidando com os vários problemas de saúde que Amy estava tendo. Aquilo ameaçava limitar a possibilidade de eles irem para o exterior porque a saúde da Amy talvez exigisse que ela vivesse num clima que seria mais favorável à sua saúde. Com lágrimas nos olhos, Craig e Amy compartilharam como Deus havia colocado um país específico no coração deles. Quando eles foram ao médico para perguntar sua opinião sobre como Amy ficaria naquele clima, o médico disse que ela ficaria inclusive melhor naquele clima do que nos Estados Unidos.

De fato, Deus conhece cada detalhe das nossas vidas e, quando damos um passo de fé para segui-Lo, Ele nos mostra que a nossa maior estabilidade não se encontra no conforto que podemos produzir neste mundo, mas na provisão fiel do Único que conhece as nossas necessidades e que é capaz de supri-las de todas as formas.

A Presença Dele, A Nossa Satisfação

De todas as maravilhosas declarações de Jesus em Mateus 10, essa talvez seja a mais impressionante e mais importante: *"Não tenham medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Antes, tenham medo Daquele que pode destruir tanto a alma como o corpo no inferno"*.[16]

Sinceramente, isso parece uma forma estranha de encorajar os discípulos que estavam arriscando a vida em obediência a Ele. Jesus estava dizendo a eles — e a nós

— que precisamos temer a Deus, e não às pessoas. Deus é o Juiz final, e Ele tem a nossa eternidade nas mãos. As pessoas não têm esse poder, então não precisamos temê-las.

Deixe-me parafrasear o que Jesus estava dizendo aqui para nos ajudar a sentir o peso disso. Jesus estava dizendo aos discípulos que enfrentariam certa perseguição e sofrimento: *"Não tenham medo das pessoas. O pior que elas podem fazer é matar vocês"*.

Que tipo de encorajamento é esse?

Nós dizemos: — Bem, se eu for para aquele lugar, eu posso ser assassinado.

Jesus responde: — *Só isso?*

Nós não precisamos ter medo de ir a nenhum lugar deste mundo, pois o pior que pode acontecer é sermos mortos. E isso deve nos consolar!

A única forma como isso pode nos confortar é se já morremos com Cristo. A única forma como isso pode nos encorajar é se estivermos tão focados no Deus eterno que seres humanos temporários não causam nenhum medo em nós. Nas palavras de Paulo: "*O viver é Cristo e morrer é lucro*".[17] Claramente, a única forma de a morte ser uma recompensa é se morrer realmente for um ganho.

Eles Não Amavam Suas Vidas

A história da Igreja é repleta de homens e mulheres que, nas palavras de Apocalipse, *"diante da morte, não amaram a própria vida"*.[18]

John Paton (1824-1907) é relativamente desconhecido entre os cristãos hoje. Ele serviu durante dez anos como pastor de uma igreja escocesa em crescimento, mas Deus começou a fazer seu coração queimar pelas Novas Hébridas, um grupo de ilhas do Pacífico com povos canibais e sem conhecimento do Evangelho.

Em seu coração estava uma ilha em particular. Vinte anos antes, dois missionários haviam ido àquela ilha. Eles foram mortos e canibalizados. Então é de surpreender que muitos tenham dissuadido Paton até mesmo de pensar em seguir os passos daqueles missionários. Paton escreveu: "Dentre os muitos que tentaram me deter, havia um querido senhor cristão, cujo principal argumento sempre era, 'Canibais! Você será comido pelos canibais!"

John Paton respondeu àquele homem: "Sr. Dickson, o senhor já está com a idade

avançada, e a sua expectativa agora é de em breve estar deitado num caixão, e ali ser comido por minhocas; eu confesso para o senhor que, se eu puder viver e morrer servindo e honrando ao Senhor Jesus, não fará nenhuma diferença para mim se eu for comido por canibais ou por minhocas; e, no Grande Dia, o meu corpo ressuscitará assim como o seu à imagem do nosso Redentor ressurreto."

Aquele senhor deixou a sala exclamando: "Depois disso, não tenho mais nada a dizer!"[19]

Aos trinta e três anos de idade, John Paton viajou para as Novas Hébridas com sua esposa. A viagem não foi fácil. Sua esposa e seu bebê recém-nascido morreram poucos meses após sua chegada, e ele se encontrou sozinho, cavando as covas deles com suas próprias mãos. Ele enfrentou ameaça após ameaça sobre sua vida. Porém, nos anos seguintes, inúmeros canibais das Novas Hébridas vieram a conhecer a paz de Cristo, e a Igreja na Austrália, na Escócia, e no mundo Ocidental foi desafiada a se levantar e tornar o Evangelho conhecido dentre os povos que são mais difíceis de alcançar.

Jim Elliot (1927-56) tem uma história similar, mas sua vida terminou de forma muito diferente. Elliot estava convencido de que Deus o estava levando aos índios huaorani, uma tribo conhecida por matar quaisquer desconhecidos que tentassem se aproximar. Eles nunca haviam ouvido o Evangelho, e Elliot encontrava-se com alguns outros homens que acreditavam ser sua responsabilidade levar o Evangelho a eles. Elliot era um pregador talentoso, e muitos da igreja tentaram dissuadi-lo de ir. Era arriscado demais, eles diziam.

Elliot escreveu em seu diário: "Certamente, aqueles que conhecem o grande coração apaixonado de Jeová têm que negar suas paixões para compartilhar a expressão das Dele". Ele continuou:

> Considere o chamado do Trono do Céu: "*Ide*", e o de todos os lados: "Venham e nos ajudem", e inclusive o chamado das almas perdidas de baixo: "*Manda Lázaro aos meus irmãos a fim de que eles não venham para este lugar de tormento"*. Portanto, movido por essas vozes, eu não ouso ficar em casa enquanto os quichuas perecem. Então, e se a Igreja bem-alimentada da nossa pátria precisa despertar? Ela tem as Escrituras, Moisés, e os Profetas, e muito mais. A condenação dela está escrita em suas cadernetas bancárias e na poeira da capa de

suas Bíblias. Crentes americanos têm vendido suas vidas a serviço de Mamom, e Deus tem Sua maneira justa de lidar com aqueles que sucumbem ao espírito de Laodicéia.[20]

Em 8 de janeiro de 1956, Elliot e seus quatro companheiros se encontraram com membros da tribo huaorani num determinado local de batalha. Eles foram recebidos com lanças, e cada um deles morreu naquele dia nas mãos daqueles índios. Será que Elliot deveria ter ouvido às pessoas que lhe disseram para não correr o risco? Seja você o juiz. No futuro, a esposa de Elliot, Elizabeth, fez parte de levar a Cristo os mesmos homens que mataram seu marido com lanças e, desde aquele dia, a paz de Cristo veio a reinar naquela tribo.

Considere outro exemplo. Poucos cristãos sabem sobre C. T. Studd (1860-1931), um inglês rico que vendeu tudo que tinha para levar o Evangelho às nações. A família de Studd e vários trabalhadores cristãos foram trazidos para convencê-lo a não ir para o exterior. No entanto, ele foi mesmo assim. Primeiro foi para a China e depois para a Índia. Aos cinquenta anos de idade, ele decidiu que se aposentar não era uma opção para o cristão, então ele foi para o Sudão, onde passou os anos restantes de sua vida. Seu túmulo se tornaria o trampolim para a Cruzada Mundial de Evangelização, que espalhou sementes do Evangelho por toda a África, a Ásia, e a América do Sul.

Veja a recompensa pela qual Studd vivia, como expressado em algumas das últimas palavras que ele escreveu antes de falecer:

> Há tempo demais, estamos esperando que os outros comecem! O tempo de esperar já passou!... Devem homens como nós ter medo? Diante do mundo todo, sim, diante do mundo cristão sonolento, morno, incrédulo, e piegas, iremos ousar a confiar no nosso Deus… e o faremos com Sua alegria indescritível cantando bem alto em nossos corações. Iremos dez mil vezes mais morrer confiando apenas no nosso Deus do que viver confiando no homem. E, quando chegarmos a essa posição, a batalha já estará vencida, e o fim da campanha gloriosa estará à vista. Nós teremos a Santidade real de Deus, não a coisa doentia de conversas e palavras delicadas, e pensamentos bonitos; teremos uma Santidade Masculina, de fé e obras ousadas para Jesus Cristo.[21]

A Vida é Radical Quando a Morte é a Recompensa

John Paton, Jim Elliot, e C. T. Studd ilustram uma verdade fundamental: a nossa vida é livre para ser radical quando vemos a morte como recompensa. Essa é a essência do que Jesus ensinou em Mateus 10, e eu creio que é *a chave* para seguir a Cristo radicalmente neste mundo.

A chave é entender — e crer — que este mundo não é o nosso lar. Se você e eu esperamos libertar a nossa vida de desejos mundanos, pensamentos mundanos, prazeres mundanos, sonhos mundanos, ideais mundanos, valores mundanos, ambições mundanas, e aplausos mundanos, então temos que focar a nossa vida em outro mundo. Apesar de eu e você vivermos num país mundano, temos que fixar a nossa atenção na "pátria melhor, isto é, a pátria celestial."[22] Apesar de eu e você nos encontrarmos rodeados pela sedução dos prazeres temporários, temos que firmar o nosso afeto Naquele que promete um tesouro eterno que nunca se corrompe nem desaparece. Se a sua ou a minha vida for contar na Terra, temos que começar nos concentrando no Céu. Pois assim, somente assim, você e eu seremos livres para assumir um risco radical, sabendo que o que nos espera é uma recompensa radical.

Genessa Wells era uma jovem que havia acabado de se formar na faculdade com todo o potencial do mundo. Com muitas oportunidades diante de si, ela decidiu ir para o Oriente Médio entre pessoas que nunca haviam ouvido o Evangelho. Antes de ir, Genessa escreveu para seus amigos: "Eu poderia desistir [de ir para o exterior], casar-me, e me tornar professora de música. Tudo isso é muito nobre e, para ser sincera, parece uma boa ideia! Porém, no meu coração, eu quero mudar o meu mundo — mais do que quero um marido e mais do que quero conforto. Eu preciso… falar para os outros de Jesus".

Genessa acabou trabalhando dentre os egípcios, com palestinos nos acampamentos de refugiados no Jordão, com muçulmanos na França, e com beduínos no deserto.

Seguindo tudo isso, ela escreveu: "Sinceramente, eu não gostaria de estar em nenhum outro lugar senão aqui, onde Deus me colocou. Ele me dá mais do que eu posso imaginar". Seis meses depois, em seu último email para casa, ela escreveu: "Parece

que tudo que fazemos se resume a uma coisa: a glória Dele. Eu oro para que todas as nossas vidas reflitam isso".

Duas semanas depois que ela escreveu essas palavras, Genessa Wells faleceu num acidente de ônibus na escuridão da madrugada do deserto do Sinai no Egito.[23]

A maioria das pessoas da nossa cultura vê essa história como uma tragédia. Uma jovem passando os últimos dias de sua vida num remoto deserto egípcio, para simplesmente acabar morrendo num acidente de ônibus. Pense em todo o potencial que ela tinha. Pense em tudo que ela poderia ter conquistado. Pense em tudo que ela poderia ter feito se não tivesse ido para lá.

A perspectiva de Cristo é muito diferente. De acordo com Mateus 10, a história de Genessa Wells não é uma história de tragédia, mas uma história de recompensa.

Recompensa? Como a morte de uma mulher morrendo no deserto do outro lado do mundo pode ser uma recompensa?

Aqui está a resposta. No instante após Genessa Wells dar seu último suspiro no deserto do Sinai no Egito, ela foi levada à presença de Cristo. Ali, ela vislumbrou a glória Dele com uma beleza maravilhosa que eu e você sequer podemos começar a imaginar. E você sabe onde Genessa Wells está hoje? Ela está no mesmo lugar. Sabe onde Genessa Wells estará daqui a dez bilhões de anos? No mesmo lugar, contemplando a grande glória de seu Deus e vivenciando uma recompensa que vem para aqueles que creem que viver é Cristo e morrer é ganho.

Lembremos que essa é a grande recompensa do Evangelho: o próprio Deus. Quando arriscamos as nossas vidas para seguir a Cristo, descobrimos a segurança que é encontrada somente em Sua soberania, a segurança encontrada somente em Seu amor, e a satisfação encontrada somente em Sua presença. Essa é a grande recompensa eterna, e nós seríamos tolos de nos contentarmos com algo menor.

Quando consideramos as promessas de Cristo, arriscar tudo que somos e tudo que temos por amor a Ele deixa de ser uma questão de sacrifício. É apenas senso comum. Seguir a Cristo não é tão sacrificante quanto algo inteligente a se fazer. Jim Elliot certa vez disse: "Ele não é tolo aquele que dar o que não pode manter para ganhar o que não pode perder".

Obediência radical a Cristo não é fácil; é perigoso. Não é uma viagem tranquila num transatlântico de luxo; é uma obrigação sacrificante a bordo de um navio de transporte de tropas. Não é conforto, nem saúde, nem riqueza, nem prosperidade neste mundo, Obediência radical a Cristo arrisca perder todas essas coisas. Porém, no final, esse risco encontra sua recompensa em Cristo. E Ele é mais do que o suficiente para nós.

CAPÍTULO 9



UM EXPERIMENTO RADICAL

Um Ano para uma Vida Virada de Ponta-Cabeça

Ex.pe.ri.men.to *s.*: ação praticada sob condições controladas a fim de testar uma afirmação.

Ao longo deste livro, nós temos explorado diversas afirmações ousadas sobre o nosso propósito de vida que estão contidas no Evangelho, mas que são contraditas pelo mundo. Afirmações como essas: O verdadeiro sucesso é encontrado no sacrifício radical. A satisfação suprema é encontrada não em dar muito valor a si mesmo, mas glorificar a Deus. O propósito das nossas vidas transcende o país e a cultura em que vivemos. Significado é encontrado em comunidade, não no individualismo; alegria é encontrada na generosidade, não no materialismo; e verdade é encontrada em Cristo, não no universalismo. Por fim, Jesus é a recompensa digna de arriscarmos tudo para conhecê-Lo, experimentá-Lo, e desfrutá-Lo.

No entanto, afirmações como essas permanecem sendo teorias até que sejam testadas. Esse é o motivo do experimento. Quando testamos uma afirmação, descobrimos sua futilidade ou sua realidade. E, quando descobrimos a realidade de uma afirmação, então é mais provável que ajustemos a nossa perspectiva, reorganizemos os nossos pensamentos, e mudemos a nossa vida de acordo com essa verdade. Isso irá causar uma virada na sua vida — ou, para ser mais exato, uma virada para cima.

Portanto, eu desafio você a fazer um experimento. Desafio você a testar as afirmações contidas no Evangelho, talvez de uma maneira que você nunca tenha feito antes. Eu lhe convido a ver se a obediência radical aos mandamentos de Cristo é mais significativa, mais satisfatória, e mais gratificante do que aquilo que o mundo oferece.

E eu lhe garanto que, se você completar esse experimento, você terá um desejo insaciável de passar o resto da sua vida em entrega radical a Cristo para Sua glória em todo o mundo.

Nós chamamos isso do Experimento Radical.

Um Ano

O experimento dura um ano. Porém, eu reconheço que um período de tempo tão longo não coincide com a sabedoria convencional. Filósofos contemporâneos especializados em crescimento de igrejas dizem em revistas, artigos, folhetos, e outros artifícios, que para sermos eficazes temos que organizar tudo que fazemos em segmentos de seis ou oito semanas, no máximo. Hoje em dia, membros de igreja querem compromissos de curto prazo com benefícios de longo prazo.

Dou graças a Deus que a história cristã nem sempre operou com essa filosofia. David Brainerd (1718-47) passou anos sofrendo com solidão, depressão, e dor antes de ver Deus levar avivamento dentre os nativos americanos no nordeste dos Estados Unidos. William Carey (1761-1834) permaneceu compromissado a pregar o Evangelho durante sete anos antes de ver uma pessoa salva na Índia. John Hyde (1865-1912) desgastava-se fisicamente durante longas noites de oração e jejum a fim de ver pessoas se entregarem a Cristo em um dos campos missionários mais difíceis do mundo, em Punjab, na Índia. Os exemplos de Brainerd, Carey, e Hyde deveriam nos inspirar a perguntar: "E se os benefícios de longo prazo forem na verdade reservados para compromissos de longo prazo?"

Até o mundo acredita nisso. Por qual outra razão formandos do Ensino Médio se comprometeriam, no mínimo, a gastar quatro anos e milhares de dólares para continuar seus estudos na universidade? Por qual outra razão alunos de Direito e Medicina sofreriam com trabalhos incansáveis e agendas esgotantes? Por qual outra razão músicos ensaiariam com seus instrumentos dia após dia, ou por qual outra razão atletas treinariam ano após ano por um esporte? As pessoas assumem compromissos de longo prazo o tempo todo a partir de um desejo por benefício de longo prazo. Eu aposto que você já assumiu mais de um compromisso de longo prazo do qual se lembra com satisfação.

Então, o meu desafio para você é usar um ano da sua vida para alterar radicalmente o

restante dela. Porém, eu acredito que é importante manter o foco em um ano, pois existem coisas que você pode fazer por um ano que talvez não possa sustentar por muitos anos. Além disso, existem coisas que você pode adiar por um ano que talvez não possa adiar por mais tempo. Dessa forma, o desafio aqui não é para sempre.

O desafio é para um ano, e ele envolve cinco componentes. Eu desafio você ao longo do próximo ano:

orar pelo mundo inteiro;

ler a Bíblia inteira;

sacrificar o seu dinheiro por um propósito específico;

passar o seu tempo em outro contexto;

dedicar a sua vida a uma comunidade multiplicadora.

Eu acredito — não, eu *sei* — que se você cumprir esses desafios durante um ano inteiro, você se encontrará mais vivo do que nunca antes. Você conhecerá a emoção incomparável de fazer parte do que Deus está fazendo onde você vive e ao redor do mundo.

Vamos examinar esses cinco componentes que irão levar você até lá.

Orar pelo Mundo Inteiro

Eu sei que, à primeira vista, isso pode soar geral, vago, ambíguo, e até um pouco fora de alcance. Talvez você esteja pensando: *Será que eu, como um indivíduo, posso realmente orar de forma específica e eficaz pelo mundo inteiro?* Deixe-me mostrar-lhe o que eu quero dizer e por que isso é tão importante.

Num mundo em que mais de 4,5 milhões de pessoas vivem sem Cristo e mais de um bilhão estão à beira da fome, nós temos que começar de algum lugar. Então de onde? Jesus responde essa pergunta para nós. Em Mateus 9, podemos vê-Lo rodeados pelas multidões e agindo com compaixão porque *"estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor"*. Então, Ele se voltou para Seus discípulos e disse: *"A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Peçam, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita"*.[1]

Essas palavras lhe surpreendem? Elas me surpreendem... por duas razões. Primeiramente, considerando todos os enfermos, pobres, e necessitados ao redor de Jesus, eu esperaria que Ele imediatamente começasse a dar ordens a Seus discípulos:

"Pedro, vá até aquela pessoa. João, você cuida daquele rapaz. André, você ajuda aquela moça ali". Porém, não foi isso que Ele disse. Sim, como vemos em Mateus 10, Ele lhes deu as instruções que vimos no último capítulo. Porém, antes de lhes dizer para fazer qualquer outra coisa, Jesus lhes disse para orar.

No entanto, ainda mais surpreendente é pelo que Jesus pediu para eles orarem. Eu esperava que Jesus dissesse: *"Vocês estão vendo a necessidade. A colheita é abundante. Então orem por essas pessoas que estão necessitadas e desamparadas. Orem por elas"*. Porém, não foi o que Ele disse. Jesus não disse para orarem por aqueles que estavam perdidos. Ao invés, Ele disse aos discípulos que orassem pela Igreja.

Por que você acha que Jesus olha para a multidão ao Seu redor, com todas suas necessidades profundas, e depois volta-Se para Seus discípulos e lhes pede para orarem por si mesmos? A resposta é constrangedora. Quando Jesus olhou para a multidão necessitada e desamparada, Sua preocupação aparentemente não era que os perdidos não fossem ao Pai. Ao invés, Sua preocupação era que Seus seguidores não iriam até os perdidos.

Agora pensem sobre isso. O que acontece quando você e eu pegamos essas palavras de Jesus e as colocamos num mundo onde mais de um bilhão de pessoas ainda não ouviu o Evangelho? Uma realidade fundamental fica nítida: nós não estamos orando. Essa é a única explicação possível para como pode haver tão grande necessidade e ainda assim muito poucos trabalhadores. As multidões estão esperando para ouvir, e a nossa necessidade mais urgente é orar para o Senhor da colheita enviar cristãos ao campo de colheita.

Esse é o passo que eu e você somos mais suscetíveis a negligenciar e ainda assim o mais perigoso de ignorar. No Evangelho, nós temos visto a profundidade da nossa imperfeição e a extensão da nossa incapacidade de conquistar qualquer coisa de valor eterno longe do poder de Deus. Nós somos um povo que planeja, cria estratégias, e as implementa, mas a obediência radical a Cristo requer que sejamos um povo que ora.

Pouco tempo atrás, um amigo meu passou duas semanas na Coréia do Sul, um país que tem visto um crescimento explosivo de cristãos nos últimos anos. Alguns estimam que, ao longo do último século, quase a metade da população daquele país veio a

Cristo. Líderes de igrejas ali têm sido intencionais ao apontar o poder de Deus em oração como a razão pela qual eles têm visto tamanho despertamento espiritual por todos os lados.

O meu amigo estava hospedado em um hotel e, certo dia por volta das quatro horas da manhã, ele acordou com um forte barulho vindo do lado de fora. Ele caminhou sonolento até a janela, abriu as cortinas e viu um estádio repleto de pessoas. Ele se perguntou: *Que tipo de esporte os coreanos praticam às quatro da manhã?* Frustrado, ele se arrastou de volta para a cama e tentou dormir com o barulho vindo da multidão no estádio do outro lado da rua.

Mais tarde naquela manhã, ele desceu para o salão do hotel e perguntou ao gerente que tipo de evento esportivo estava acontecendo no estádio. O gerente do hotel respondeu: "Senhor, não era um evento esportivo. Aquilo era a igreja reunida para orar".

O que aconteceria se as igrejas em todas as nações orassem com tamanha paixão? O que aconteceria se Jesus dominasse os nossos sentimentos mais do que as banalidades superficiais que capturam a nossa atenção? O que aconteceria se passássemos horas diante de Deus orando pela Igreja, pelos perdidos, e pelos pobres ao redor do mundo?

É claro, o seu Experimento Radical não tem que começar num estádio. Pode começar na sua sala de estar ou no seu cantinho de oração. Qualquer lugar pode ser o lugar onde você começa a conectar a prática de oração com o propósito de Deus no mundo.

No entanto, voltemos à minha pergunta: Será que você e eu, como indivíduos, podemos realmente orar especificamente pelo mundo inteiro? A resposta é sim.

Anos atrás, eu fui apresentado à *Operação Mundial*, um livro de valor inestimável, escrito por Patrick Johnstone, que revolucionou a minha vida de oração mais do que qualquer outro livro fora da Bíblia. Esse livro contém informação detalhada sobre cada nação do mundo, inclusive estatísticas sobre a composição religiosa de cada país, atualizações sobre a obra do Evangelho em cada país, e pedidos de oração para cada país. Também inclui um guia de oração que você pode seguir e, ao longo de um ano, você pode orar especificamente e intencionalmente por cada nação do mundo. O livro possui uma versão infantil correspondente para uso em família, e toda a informação contida no livro está disponível gratuitamente online (www.operationworld.org).

Permita-me apresentar Ben e Jennifer, dois dos vários pais da nossa igreja que usam esse material para levar suas famílias a orar ousadamente para que os propósitos de Deus sejam cumpridos no mundo. Eles se reúnem toda noite com seus dois filhos, de dois e quatro anos de idade, para orar especificamente por diferentes países. Noite após noite, suas vidas são expostas à atual obra de Deus no mundo, e seus corações estão sendo formados pelo desejo apaixonado de Deus pelas nações. Nas palavras de Jennifer: "Deus está abrindo os nossos olhos para as necessidades específicas dos povos ao redor do mundo. Está mudando a nossa família todos os dias e nos preparando para a nossa parte em Sua missão".

Oração não é algo chamativo e provavelmente sequer parece algo radical, mas considere a história da Igreja. Apenas um século atrás, as orações de um homem, Evan Roberts (1878-1951), precipitaram um avivamento no País de Gales, onde aproximadamente cem mil pessoas vieram a Cristo em questão de meses. Porém, o efeito alcançou muito além do País de Gales. Um movimento global se iniciou dentre o povo de Deus, e cristãos comuns começaram a se dispersar pelas nações. Nos anos seguintes, a população cristã na Indonésia triplicou. Na Índia, a população cristã cresceu dezesseis vezes mais rápido do que a população hindu. Em volta de todo o mundo, as nações testemunharam o derramamento do Espírito de Deus.

A oração pode causar efeitos muito além do que podemos imaginar. O que a sua oração pode fazer, à medida que é capacitada por Deus? Simplesmente imagine.

Então, a primeira faceta do Experimento Radical é orar pelo mundo inteiro em um ano. Eu estou desafiando você a orar intencionalmente, especificamente, e audaciosamente para que o propósito de Deus seja cumprido ao redor do mundo.

Ler a Bíblia Inteira

O segundo desafio do Experimento Radical é ler a Bíblia inteira. E eu quero dizer exatamente isso. Leia sistematicamente a Bíblia inteira — Gênesis 1:1 a Apocalipse 22:21 e todos os 31.101 versículos entre eles — ao longo do período de um ano.

Os nossos irmãos e irmãs ao redor do mundo muitas vezes se reúnem arriscando suas vidas para ouvir e conhecer a Palavra de Deus. Se eu e você iremos nos unir a eles em obediência radical a Cristo, precisamos começar com as nossas Bíblias abertas e as nossas mentes engajadas. Muitos de nós, cristãos e parte da comunidade de fé, há muito

tempo nos conformamos com a "Bíblia light". Adotamos um cristianismo consumido por pequenos pensamentos devocionais cheios de histórias entretidas e opiniões corriqueiras sobre como ser uma pessoa melhor e viver uma vida melhor no século vinte e um.

Enquanto isso, seguramos a incomparável Palavra de Deus nas nossas mãos, e ela exige uma posição superior nas nossas vidas, nas nossas famílias, nos nossos grupos pequenos, e nas nossas igrejas. Nós percebemos a batalha que está sendo travada ao nosso redor? Existe um Deus verdadeiro sobre este mundo que quer que todas as pessoas se inclinem aos pés de um Salvador amoroso, e existe um deus falso neste mundo que quer que todas as pessoas queimem no inferno.[2] A batalha é intensa, e não pode ser lutada com pensamentos insignificantes de um devocional diário nem com ideias triviais de um pregador no domingo. Ela certamente não pode ser lutada com mentes anestesiadas pelas baboseiras do entretenimento da televisão, dos DVDs, dos videogames, e da internet. Se você e eu iremos penetrar na nossa cultura e nas culturas do mundo com o Evangelho, precisamos desesperadamente de mentes transbordantes da Palavra de Deus.

Entretanto, existem muitas opções para fazer isso. Uma breve busca na internet mostra que há uma abundância de planos de leitura bíblica. Alguns exploram a Bíblia diretamente de capa a capa. Outros são organizados de acordo com a cronologia bíblica. Ainda, outros incluem leituras de diferentes partes da Bíblia a cada dia, e alguns deles são organizados tematicamente. Alguns planos envolvem leituras todos os dias, enquanto outros deixam espaço para "retomada", caso você perca um dia aqui ou ali. Um plano que atrai outras pessoas talvez não atraia você. A questão é simplesmente ler a Bíblia. Seja qual for a forma que você escolher fazer — leia a Bíblia.

Eu quero dar uma ênfase especial a essa etapa do Experimento Radical. Deus escolheu pela Sua incomparável graça para nos dar a revelação de Si mesmo em Sua Palavra. É o único Livro que Ele prometeu abençoar através de Seu Espírito a fim de transformar eu e você à imagem de Jesus Cristo. É o único Livro que Ele prometeu usar para alinhar o nosso coração, a nossa mente, e a nossa vida a Ele. Não estou dizendo que Deus não tenha usado ou abençoado outros livros ao longo da história cristã, mas existe apenas um Livro que Ele inspirou perfeitamente através de Seu Espírito para o

cumprimento de Seu propósito. Quando você ou eu abrimos a Bíblia, estamos contemplando as próprias palavras de Deus — palavras que têm poder sobrenatural para redimir, renovar, revigorar, e restaurar a nossa vida ao que Ele a criou para ser.

É por isso que eu acredito que é melhor ler Levítico do que o melhor livro cristão já publicado, pois Levítico tem uma qualidade e produz um efeito com os quais nenhum outro livro no mercado cristão pode competir. Se quisermos conhecer a glória de Deus, se quisermos experimentar a beleza de Deus, se quisermos ser usados pela mão de Deus, então temos que viver na Palavra de Deus.

Eu reconheço que esses dois primeiros passos do Experimento Radical podem soar frustrantes e até decepcionantes para você. O que há de tão radical em orar e ler a Bíblia? O meu primeiro pensamento é que, julgando a partir da falta de fervor espiritual e instrução bíblica nas nossas igrejas hoje, esses passos são extremamente radicais. Porém, num nível mais profundo, pense por um instante no que aconteceria ao longo de um ano enquanto você ora intencionalmente pelo mundo inteiro e simultaneamente lê a Palavra inteira. Após um ano de tamanho estudo e oração, a sua vida não pode evitar de parecer radicalmente diferente. Eu sei disso porque a própria promessa de Deus é de conformar o nosso coração ao Dele através da oração e de transformar a nossa mente para ser como a Dele através de Sua Palavra.[3] Na nossa busca pelo extraordinário, estou propondo que um estilo de vida radical na verdade começa com um compromisso extraordinário com práticas comuns que marcaram os cristãos que impactaram o mundo ao longo da história.

Como isso irá transformar a sua vida, radicalizar você, e deixar a sua mente e o seu espírito transbordarem da Palavra de Deus dia após dia? Esse é o segundo componente do experimento: ler a Bíblia inteira em um ano.

Sacrifique o Seu Dinheiro por um Propósito Específico

Note que eu não disse meramente “dê”; eu disse “sacrifique”. Não será fácil, mas os dividendos que isso irá pagar — não só para os beneficiários do seu sacrifício, mas para você — são incomparáveis.

Veja bem, o nosso coração segue o nosso dinheiro.[4] Como vimos no capítulo 6, essa é uma realidade perigosa para muitos cristãos e um ponto cego em grande parte do cristianismo. Se ganhamos apenas dez mil dólares por ano, somos mais ricos do que 84 por cento do mundo e, se ganhamos cinquenta mil dólares por ano, somos mais ricos do que 99 por cento do mundo. Enquanto isso, mais de um bilhão de pessoas vivem em pobreza extrema, carentes de alimento, água, roupa, e abrigo. Então como podemos começar a lutar a batalha contra o materialismo num esforço de gastar a nossa vida — e o nosso dinheiro — em favor daquilo que é mais importante para o coração de Deus?

No nosso debate sobre o quanto é suficiente, exploramos brevemente como seria definir um limite em nosso estilo de vida. Pensamos sobre como podemos diferenciar entre necessidades e luxos a fim de reduzir os nossos luxos e doar o máximo possível para suprir as necessidades desesperadoras ao nosso redor. Nós vimos John Wesley como um exemplo histórico, um homem que definiu limites ao seu estilo de vida pelo bem dos necessitados à sua volta. Então como seria isso na nossa vida hoje?

E se você pegasse o próximo ano e definisse um limite para o seu estilo de vida? E se você tentasse fazer com que no próximo ano minimizasse os luxos na sua vida? Isso pode envolver vender luxos atuais, conter a compra de luxos futuros, ou sacrificar intencionalmente recursos que você já possui.

Quero enfatizar que esse seria um compromisso de um ano para você. Estou sinalizando isso porque há algumas despesas que você pode adiar por um ano que talvez não sejam possíveis de adiar por dez anos. Existem algumas coisas sem as quais você poderia viver por um ano que talvez não poderia praticamente viver sem por dez anos. Porém, como seria para você (ou para a sua família) fazer sacrifícios intencionais durante o próximo ano para a glória de Cristo à luz das necessidades específicas e urgentes do mundo?

A palavra-chave aqui, novamente, é *sacrifício*. O desafio não é simplesmente doar as coisas em excesso que você de qualquer forma não precisa. Isso não é sacrifício. Sacrifício é doar o que dói doar. Sacrifício não é dar de acordo com a sua capacidade; é dar além da sua capacidade.

Quando você começar a sacrificar, a questão então se torna onde você irá gastar o que tem sacrificado. Certamente, eu não quero sugerir exatamente onde você deve gastar o seu dinheiro, mas irei oferecer alguns fatores que eu acredito serem

importantes ao decidir onde e como doar.

Primeiro, gaste o seu dinheiro com algo que seja centrado no Evangelho. Existem muitas organizações com o objetivo de servir necessidades específicas no mundo, mas a maior necessidade das pessoas no mundo é Cristo. Suprir as necessidades físicas temporárias das pessoas sem servir suas necessidades espirituais eternas perde o sentido holístico da doação bíblica.

Segundo, e relacionado a isso, doe de uma forma que seja focada na Igreja. Iremos considerar isso com mais profundidade em um instante, mas basta dizer aqui que não é sábio ignorar o principal agente de Deus de trazer redenção ao mundo numa tentativa de suprir as necessidades do mundo. Seu agente principal é a Igreja.

Terceiro, doe para uma necessidade específica e tangível. Por exemplo, se tentarmos sacrificar o nosso dinheiro de forma geral "para dar aos pobres", então perderemos o propósito da necessidade que nos faz lembrar de por que devemos dar. Com relação a isso, doe para alguém ou algo ao qual você possa servir pessoalmente ao mesmo tempo. Quanto mais você estiver envolvido tocando a necessidade pessoalmente, mais demonstrará o Evangelho para as pessoas autenticamente. Então, é melhor conectar a sua doação com a sua ida.

Finalmente, doe para alguém ou algo em que você possa confiar. Todos nós sabemos dos abusos da caridade na nossa cultura e, como administradores dos recursos de Deus, somos responsáveis por doar para aqueles que irão usar a nossa doação com integridade. De acordo com isso, eu também encorajo você a doar de formas sustentáveis. Existem muitas formas sábias e tolas de doar aos pobres. Se não tomarmos cuidado, gastaremos os nossos recursos em projetos de curto prazo que não produzem efeitos de longo prazo. É sábio gastar com aquilo que pode promover sustento a longo prazo em meio à necessidade em vez de satisfazer a necessidade a curto prazo.

Esse é o terceiro componente do Experimento Radical. Durante um ano, sacrifique o seu dinheiro — cada real possível — a fim de gastar a sua vida radicalmente com as necessidades específicas, urgentes, e físicas do mundo.

Passe o Seu Tempo em Outro Contexto

Por mais que seja importante sermos radicais nas nossas doações, é ainda mais importante sermos radicais em nossa ida. Isso nos leva à quarta área do Experimento

Radical. É aqui onde isso se torna pessoal. É aqui onde o seu coração será tocado, possivelmente de uma forma como nunca foi antes.

Eu não sei se você já foi para algum lugar longe de casa, seja de carro ou de avião, para pregar o Evangelho ou cuidar dos necessitados em nome de Cristo. Porém, tendo ido ou não, você precisa fazer isso no próximo ano para entrar completamente na agenda que Deus tem para a sua vida. Eu sei que algumas pessoas levantam objeções, mas elas caem diante da realidade.

Eu me lembro de quando estava me preparando para ir ao Sudão, um país empobrecido por anos de guerra civil. A viagem iria me custar cerca de três mil dólares. Não era fácil viajar para o Sudão já que eles ainda estavam em guerra, e nós teríamos que alugar um avião e passar alguns dias a mais para fazer aquilo acontecer. Lembro-me de uma querida senhora da igreja vindo até a mim para perguntar: "Por que você simplesmente não envia os três mil dólares para os pobres no Sudão? Você não faria uso melhor do dinheiro do que passar uma semana e meia com eles? Pense no quanto esse dinheiro poderia comprar".

Eu lutei com essa pergunta. Será que eu estava desperdiçando aqueles fundos na viagem quando eu poderia simplesmente doar o dinheiro ao invés? Será que eu deveria estar indo mesmo? Eu continuei lutando com aquela pergunta até chegar ao Sudão. Lá, eu tive uma conversa com Andrew que trouxe luz à questão.

Andrew compartilhou comigo sobre sua vida no Sudão ao longo dos últimos vinte anos. Ele conhecia a guerra desde que nasceu, e descreveu facetas do sofrimento e da perseguição que seu povo havia passado. Ele me contou sobre os vários grupos, a maior parte deles sendo seculares ou instituições governamentais, que haviam trazido suprimentos para eles durante aquela época, e expressou gratidão pela generosidade de tantas pessoas.

No entanto, depois olhou para mim e perguntou:

— Mesmo à luz de todas essas coisas que as pessoas nos têm dado, você quer saber como podemos dizer quem é um verdadeiro irmão?

Eu me aproximei dele e perguntei: — Como?

Ele respondeu: — Um verdadeiro irmão vem estar com você na sua época de necessidade.

Em seguida, ele olhou nos meus olhos e disse: — David, você é um verdadeiro irmão. Obrigado por vir para estar conosco.

Lágrimas escorreram dos meus olhos à medida que a realidade do Evangelho se tornou clara para mim de uma forma totalmente nova. Fui imediatamente lembrado de que quando Deus escolheu trazer salvação para mim e para você, Ele não enviou ouro nem prata, dinheiro nem cheque. Ele enviou a Si mesmo — o Filho. Eu fiquei arrependido de até mesmo considerar que deveria dar dinheiro ao invés de ir fisicamente ao Sudão. Como eu irei mostrar o Evangelho ao mundo se tudo que eu envio é o meu dinheiro? Será que eu era tão superficial a ponto de pensar que o meu dinheiro é a resposta para as necessidades do mundo?

Se formos cumprir o propósito de Deus, não será principalmente através de doar o nosso dinheiro, por mais que isso seja importante. Acontecerá principalmente através de doarmos a nós mesmos. É isso o que o Evangelho representa, e é o que o Evangelho requer.

Então como iremos? Para cada um de nós, isso começa obviamente em casa. Onde quer que seja que eu e você vivamos, somos ordenados a ir e fazer discípulos ali. À luz do exemplo de Jesus, o nosso principal impacto nas nações ocorrerá no discipulado que fazemos bem ao nosso redor. Lembre-se de que Jesus não viajou para todos os lugares do mundo enquanto estava na Terra, e Ele não foi a todas as multidões. Ele derramou Sua vida em alguns homens pelo bem das multidões nos lugares que Ele nunca iria. Portanto, os nossos lares, as nossas comunidades e cidades são os lugares principais e contêm as principais pessoas com quem impactaremos as nações para a glória de Cristo.

Ao longo dos últimos anos, a nossa igreja tem experimentado uma mudança sutil porém significativa em como compreendemos o "ir". Por um tempo, estávamos tentando organizar e centralizar todos os vários tipos de ministérios da comunidade com os quais éramos envolvidos. No entanto, o problema era que quanto mais encorajávamos e equipávamos as pessoas a ir e fazer discípulos de todas as nações, mais difícil era tentar controlar tudo que eles estavam fazendo. Foi aí que nos sentamos e percebemos que a última coisa que precisávamos era controlar tudo que todos estavam fazendo! Então, nós descentralizamos todos esses ministérios e, ao invés, focamos em capacitar homens e mulheres a iniciar, gerenciar, e liderar ministérios por toda nossa cidade.

O efeito foi sutilmente incrível. Todos os nossos pequenos grupos começaram a olhar para os dons, as habilidades, e as paixões representados em seu grupo e então oravam sobre como Deus queria usá-los para multiplicar o Evangelho ao fazer discípulos na comunidade ao redor deles. Em vez de organizarem uma Escola Bíblica de Férias na nossa sede, os pequenos grupos por toda nossa cidade começaram a liderar clubes bíblicos semanais em seus lares. Eles descobriram que podiam compartilhar o Evangelho com seus vizinhos muito mais efetivamente ao simplesmente convidá-los para suas casas. Isso tomou tal proporção que acabou acendendo o fogo em outros tipos de ministérios. Agora, toda semana a nossa família da fé lidera estudos bíblicos em locais de trabalho e vizinhanças, ajudando viciados em centros de reabilitação, servindo comida em abrigos para desabrigados, dando aula para órfãos em centros de aprendizagem, cuidando de viúvas em asilos, oferecendo cuidados paliativos para idosos, treinando homens e mulheres em habilidades profissionais, oferecendo monitoria em leitura para homens e mulheres, dando carinho para bebês doentes em hospitais, ajudando pacientes em clínicas de AIDS, ensinando inglês para estrangeiros, e fazendo uma variedade de outras coisas, tudo numa tentativa de multiplicar o Evangelho — e não tivemos que organizar nada disso! As possibilidades são ilimitadas quando o povo de Deus está equipado e capacitado para cumprir o propósito de Deus no contexto de onde vivem dia após dia.

Ir começa onde nós vivemos, mas não para por aí, e é aqui que chegamos ao quarto componente do Experimento Radical. Se existe um bilhão de pessoas que nunca ouviram o Evangelho e bilhões de outras que ainda não receberam o Evangelho, então nós temos a obrigação de ir até elas. Não é uma opção. É um mandamento, não um chamado. O que diz respeito ao nosso chamado é aonde iremos e quanto tempo ficaremos. Nós não iremos todos para os mesmos lugares, e não iremos ficar o mesmo período de tempo. Porém, é claramente da vontade de Deus que levemos o Evangelho às nações.

Portanto, o quarto desafio do Experimento Radical é dar parte do seu tempo no próximo ano para tornar o Evangelho conhecido num contexto fora da sua própria cidade. Eu sugiro que você planeje dedicar pelo menos dois por cento do seu tempo a

essa tarefa. Esses dois por cento equivalem a cerca de uma semana do próximo ano em que você viaje e leve o Evangelho a outro contexto no mundo, seja dentro do seu país ou internacionalmente.

No final de cada ano, homens e mulheres em toda a nossa igreja abraçam esse desafio específico, e o resultado é literalmente histórias semanais de onde foram e o que viram Deus fazer. Nós descobrimos que dois por cento do nosso tempo vivendo o Evangelho em outros contextos têm um efeito radical nos outros 98 por cento do nosso tempo vivendo o Evangelho no nosso próprio contexto.

Quase todo domingo alguém ou algum grupo vem até mim para me contar o que vivenciaram ao compartilhar o Evangelho em outro contexto naquela semana. Num domingo em particular, um grupo inteiro de pessoas se aproximou de mim com um sorriso no rosto. Eles haviam acabado de voltar da América Latina. A maioria deles sequer se conhecia na semana anterior, mas agora eles estavam de braços dados, transbordando de alegria por tudo que viram Deus fazer.

Esse grupo decidiu que se podiam ir até outro país juntos compartilhar o Evangelho, podiam fazer o mesmo na nossa comunidade. Então, eles começaram uma reunião toda semana e depois passaram a ir a um conjunto habitacional numa área pobre do centro da cidade, onde ofereciam comida e organizavam festas. Entretanto, não demorou muito para que percebessem que, se realmente quisessem fazer discípulos nas áreas pobres do centro da cidade, precisariam fazer mais do que simplesmente ir até lá de vez em quando. Como resultado, eles decidiram mudar a reunião de seu grupo pequeno para o conjunto habitacional, onde começaram a se reunir com pessoas para estudar a Bíblia juntos toda semana. Nos dias seguintes, eles iniciaram vários ministérios para crianças naquela área e viram vários homens e mulheres aceitarem a Cristo vindo de históricos repletos de drogas e violência. A multiplicação do Evangelho na América Latina levou à multiplicação do Evangelho nas áreas pobres do centro da cidade de Birmingham, no Alabama. Não um ou outro, mas ambos e além!

No entanto, a história não acaba aqui. O fruto do ministério daquele pequeno grupo agora se estende a uma organização que alguns dos homens criaram para oferecer a adolescentes necessitados a oportunidade de ir para a faculdade e crescer em Cristo a

fim de serem preparados, como eles mesmo disseram: “para ir por todo o mundo multiplicando o Evangelho e fazendo discípulos”. Outra família levou um homem desabrigado para casa a fim de ajudá-lo a se restabelecer.

Falando de forma simples, o efeito multiplicador de fazer discípulos em todas as nações não acaba. Quando um grupo de pessoas decidiram dar dois por cento de suas vidas para tornar o Evangelho conhecido em outro contexto ao redor do mundo, não tinham ideia como isso transformaria radicalmente os outros 98 por cento de suas vidas em seu próprio contexto.

Estou convencido de que quando abrirmos as nossas vidas para o propósito global de Deus, Ele nos mostrará coisas que nunca vimos e nos levará a lugares aonde nunca fomos antes. Iremos perceber que Deus nos deu dons, habilidades, e paixões que Ele deseja usar de formas únicas ao redor do mundo. Eu penso no Adão, que se destaca em seu trabalho com uma empresa de cadeira de rodas no Alabama, mas também vai para a Romênia para ajudar a distribuir cadeiras de rodas para homens e mulheres pobres com deficiência física. Eu penso no Darryl, que trabalha com construção aqui e depois vai para o Equador ajudar a construir casas para famílias que não têm nada. Eu penso no Will, que é veterinário aqui, mas também viaja para uma reserva necessitada no Arizona para ajudá-los com seu gado.

Eu penso na Andrea. Ela é uma universitária e, como ela mesma diz, não gosta de faculdade. Após se formar no Ensino Médio, ela imediatamente quis ir para outro país. Em suas próprias palavras: “Eu não quis ir para a faculdade porque eu achei que seria perda de tempo. Afinal, as pessoas estavam morrendo sem Cristo, e eu não tinha tempo de investir na minha educação”. Com sabedoria, seus pais a persuadiram a ir para a faculdade no Alabama, longe da Ásia ou da África, onde ela realmente queria estar.

Andrea tinha dificuldade de entender a relevância da faculdade até que, certo dia, durante a nossa reunião de adoração, nós estávamos conversando sobre as necessidades dentre o povo beduíno, cuja maioria nunca ouviu o Evangelho, e então caiu a ficha. Andrea estava na faculdade por causa dos beduínos. Assim que teve a chance, ela se matriculou nas aulas de árabe. Logo após o início dessas aulas, ela me enviou um e-mail dizendo que iria passar um semestre estudando árabe no Oriente Médio, onde ela

teria a oportunidade de estar dentre o povo beduíno. Ela escreveu: "Eu queria que você soubesse que Brook Hills irá para o meio do povo beduíno esse semestre, e eu terei a oportunidade de falar de Jesus para eles".

Pense no que acontece quando todos nós começamos a enxergar as nossas profissões e áreas de especialização não meramente como um meio para uma renda ou carreira no nosso próprio contexto, mas como plataformas para proclamar o Evangelho em contextos ao redor do mundo. Pense no que acontece quando a Igreja não apenas envia missionários ao redor do mundo, mas também homens e mulheres de negócio, professores e alunos, médicos e políticos, engenheiros e técnicos que vivem o Evangelho em contextos onde um missionário tradicional nunca poderia ir.

Se não tivermos cuidado, um dia esse compromisso de dois por cento pode nos levar a doar 98 por cento do nosso tempo em outro contexto para que voltemos ao nosso próprio contexto para uma visita de dois por cento a cada ano. A questão não é aonde ir, como chegar lá, nem quanto tempo ficar. A questão é simplesmente irmos.

Então aonde você irá? Como você deixará Deus esticar você? O desafio é, como indivíduo ou família, gastar dois por centro do seu tempo ao longo do próximo ano indo para outro contexto no mundo com o Evangelho.

Dedique a Sua Vida a uma Comunidade Multiplicadora

O componente final do Experimento Radical é dedicar a sua vida a uma comunidade multiplicadora. Eu deixei esse desafio por último porque é onde os outros quatro desafios convergem. Como exploramos no capítulo 5, o mandamento de Cristo de fazer discípulos é um convite para doar as nossas vidas pelo bem dos outros. Deus nos criou para viver em comunidade uns com os outros, e a comunidade para qual fomos criados é chamada a igreja. Como parte de uma comunidade de fé vibrante, você terá apoio e encorajamento para viver o seu objetivo de ser radicalmente rendido a Jesus.

É um privilégio glorioso fazer parte do corpo de Cristo universal, unidos com irmãos e irmãs ao redor do mundo e por toda a História numa comunidade celestial. Porém, também é um padrão do Novo Testamento para nós fazermos parte de um corpo de

Cristo local, uma reunião de irmãos e irmãs num local específico onde o nosso cristianismo é vivificado em compromisso uns com os outros. O plano de Deus é que a igreja local afete cada faceta da nossa vida cristã.

Nós oramos pelo mundo inteiro, mas não oramos sozinhos. Nós oramos: "*Pai nosso que estás nos Céus…*". A nossa oração é integralmente conectada com a comunidade de fé mais ampla da qual somos parte. Nós lemos a Bíblia inteira, mas precisamos uns dos outros para entendê-la, aprendê-la, e aplicá-la. Nós sacrificamos o nosso dinheiro por um propósito específico, e passamos o nosso tempo em outro contexto, mas nós não somos cavaleiros solitários tentando cumprir o propósito de Deus. Nosso doar e ir devem estar ligados à multiplicação do Evangelho através da Igreja.

Portanto, se você não é membro ativo e devoto de uma igreja local, então o Experimento Radical fundamentalmente envolve comprometer a sua vida a uma comunidade de fé. Ao longo do livro, nós temos visto como a obediência radical a Cristo afeta a maneira como operamos como igrejas locais. Isso não é para ser simplesmente um papo de pastor. O objetivo não é somente seguirmos a Cristo como indivíduos, mas nos reunirmos em comunidades de fé, negando a si mesmo, levando a nossa cruz, e seguindo a Ele.

Depois que o jovem rico de Marcos 10 foi embora com suas posses, Jesus olhou para Seus discípulos e lhes disse que algum deles perderiam suas famílias porque O estavam seguindo. Porém, depois Ele lhes disse que eles receberiam mais do que tinham antes com irmãos, irmãs, e mães, tudo sob o Pai celestial. Isso é um retrato incrível e um lembrete extraordinário da beleza da comunidade do Novo Testamento.

A realidade é que precisamos de comunidade a fim de seguirmos a Cristo radicalmente. Por exemplo, estou convencido de que uma razão pela qual muitos de nós não têm tomado passos radicais em dar não seja tanto porque amamos os nossos bens, mas porque temos medo da solidão. Se a vida radical e simples da qual Jesus fala fosse mais comum na Igreja, seria mais fácil para nós vivermos de modo mais simples também. No entanto, aqueles de nós que vivem em áreas afluentes olham em volta, e todos os outros têm carros bacanas, belas casas, e estilos de vida luxuosos, então aceitamos que essa deve ser a norma para os cristãos. Talvez nos sintamos culpados às vezes com o nosso estilo de vida quando lemos a Bíblia, mas então quando olhamos uns para os outros, presumimos que está tudo bem porque todos vivem dessa forma.

Se formos viver em obediência a Cristo, precisaremos da Igreja para fazer isso. Precisaremos mostrar uns aos outros como dar liberalmente, ir urgentemente, e viver perigosamente. Quando sacrificarmos os nossos recursos pelos pobres e depois enfrentamos necessidades inesperadas e imprevistas em nossas vidas, precisaremos de irmãos e irmãs para nos ajudar a permanecer firmes. Enquanto isso, aprenderemos a depender uns dos outros de acordo com o plano de Deus. O objetivo nunca foi que o propósito global de Cristo fosse cumprido por indivíduos. Nós somos um povo global cuja família se extende às nações. Então, acima de tudo, eu encorajo você a parar de pular de igreja em igreja e de fazer compras num meio social egocêntrico, e começar a dedicar a sua vida a um povo que precisa de você e do qual você precisa.

Então, uma vez que você dedicar a sua vida a uma igreja local, ou se você já se dedica a uma, procure a melhor forma dentro daquela comunidade de fé para fazer discípulos. Na igreja que eu pastoreio, isso acontece principalmente através de grupos pequenos — homens e mulheres comprometidos a compartilhar a Palavra com os perdidos, demonstrando e ensinando a Palavra uns aos outros, e servindo ao mundo juntos. Jesus colocou uma prioridade fundamental em relacionamentos de discipulado, e tais relacionamentos não podem ter um papel meramente suplementar na nossa vida cristã.

Então, qual é o grupo de discípulos com o qual você irá se unir no próximo ano nesse Experimento Radical? Ao lado de quem você irá entrar na comunidade e em outros contextos? Com quem você irá compartilhar a vida de Cristo enquanto demonstra o que significa seguir a Ele? A quem você irá ensinar a Palavra à medida que Deus lhe ensina ao longo do próximo ano? Como você irá fazer discípulos intencionalmente?

Nós não podemos superestimar o efeito alcançado pelos crentes que começam a viver juntos as afirmações do Evangelho em suas igrejas. Recentemente, eu recebi a seguinte carta "crítica" de um homem da nossa igreja. Eu a incluí aqui inteiramente para ilustrar o que acontece quando as pessoas que não conhecem a Cristo veem o Evangelho em ação na Igreja. Aquele homem escreveu:

Querido Dr. Platt e a Igreja em Brook Hills,

Eu presumo, baseado no que os outros têm dito sobre você e a família da fé em Brook Hills, que você está acostumado a receber cartas de elogios. Espero que você me permita lhe escrever a partir de uma perspectiva diferente. A minha carta poderia ser considerada mais como uma reclamação ou um aviso. O objetivo dela é informar você de como as suas ações e ensinamentos "radicais" relacionados à Palavra têm destruído a minha vida e provavelmente as vidas de outros como eu.

Deixe-me explicar… Eu fui criado, fora da igreja, por pais amorosos que eram perfeitamente felizes com suas vidas. A perspectiva secular com a qual eu cresci me permitiu ver a hipocrisia nas vidas das poucas famílias que eu conhecia e que iam à igreja. Portanto, eu cresci e me tornei um homem secular, e eu me encontrava no caminho do sonho americano. Esse caminho, até onde eu conseguia enxergar, não passava nem de perto por uma igreja. Eu fui para a faculdade e depois para a pós-graduação, casei-me com uma mulher linda e gentil, consegui um emprego decente e respeitável, que por fim me permitiu comprar uma casa ou pelo menos pagar as prestações e as contribuições máximas para meu plano de previdência. Com o tempo, minha esposa e eu tivemos uma família com duas lindas filhas e dois cachorros. Eu vivia a versão classe média do sonho americano.

Eu era um homem de família decente e gentil que estava fundamentado nas realidades do mundo. Eu estava perfeitamente contente em dedicar-me a trabalhar duro para prover os recursos financeiros que a minha família precisaria: um plano de previdência para a minha aposentadoria, uma poupança para a universidade, uma conta poupança, e uma poupança para férias. Eu também trabalhava para prover as necessidades da vida, como uma TV de tela plana. As minhas doações para caridades, quando houve, poderiam ser descritas como mínimas. Eu amava a minha família, e amava passar tempo com ela, mas era constantemente distraído pelas realidades financeiras e as necessidades das nossas vidas. Eu buscava por um senso de segurança nos meus extratos bancários.

Como muitos bons homens mundanos dedicados a avançar neste mundo, eu encontrava momentos de alegria quando o meu extrato do fundo de previdência mostrava um lucro. Eu também vivenciava períodos de estresse, desapontamento,

e raiva quando o fundo de previdência caía ou quando eu tinha que tirar dinheiro da poupança para pagar as contas. No entanto, eu aceitava esses altos e baixos como realidades da vida e, de modo geral, estávamos indo bem.

Então, certo dia, a minha esposa, quem eu pensava que me amava, disse que gostaria de criar as nossas filhas numa igreja, e pediu que começássemos a visitar igrejas locais. Até aquele momento da minha vida, eu fazia de tudo para evitar igrejas e os cristãos hipócritas que as frequentavam. Eu sempre me sentia desconfortável ao redor de cristãos que professavam sua fé porque eu não tinha conhecimento bíblico suficiente e achava que eles me menosprezariam. Agora, a fim de fazer a minha esposa feliz, eu teria que frequentar uma igreja e interagir com aquelas pessoas no território delas. Relutante, eu concordei e adicionei a igreja à minha lista de tarefas temidas do final de semana. Inicialmente, nossa visita experimental a igrejas se provou relativamente fácil. As pessoas eram gentis, mas a versão água com açúcar da Palavra que elas estavam servindo tinha pouco impacto e não provocou desejo por mais em mim. A minha esposa, que também não ficou nem um pouco impressionada com aquelas experiências, sugeriu que tentássemos a Brook Hills porque havia escutado coisas boas a respeito dessa igreja. Bem, se ir a uma igreja normal tinha sido ruim, eu tinha certeza de que ir a uma mega igreja seria pior. No entanto, como sempre, a minha esposa me convenceu, e nós visitamos a sua igreja pela primeira vez no último outono. Aquele dia foi o início de um processo em que você e a sua família da fé têm destruído progressivamente a minha vida neste mundo.

A Palavra que você serviu naquele dia foi forte e pura, não como as versões água com açúcar que eu havia recebido no passado. Ela causou um impacto imediato em mim e, como a maioria das drogas viciantes, deixou-me querendo mais. Nós começamos a frequentar bem regularmente aos domingos, mas logo aquilo já não era o suficiente para satisfazer a minha necessidade crescente de mais da Palavra. Eu comecei a comprar CDs de sermões anteriores para que eu pudesse tomar a minha dose no caminho de ida e de volta do trabalho todos os dias. Eu comecei a interagir mais com os membros dessa família da fé que não só consumiam a Palavra, mas pareciam vivê-la também. Isso apenas reabastecia o meu desejo de

mais. Em pouco tempo, passamos a frequentar um grupo pequeno aos domingos além de ir ao culto, e ocasionalmente participávamos de um estudo bíblico às quartas-feiras à noite.

Você e a sua família da fé não viam nada de errado em encorajar e apoiar o meu hábito. À medida que eu mergulhava mais e mais profundo nesse vício, um efeito colateral conhecido como fé começou a crescer dentro de mim. À medida que a minha fé crescia, eu sentia uma necessidade maior de ter comunhão com os outros que sofriam com essa mesma fé. Paralelo a tudo isso, eu estava gradualmente perdendo o meu controle das realidades deste mundo, que haviam sido a minha base, e me entreguei a Cristo.

Eu não consigo acreditar no que a Palavra e essa fé crescente têm feito na minha vida ao longo do último ano. Eu costumava evitar a igreja completamente. Agora nós participamos dos cultos de adoração aos domingos e nos reunimos com um grupo pequeno que se encontra de três a cinco horas por semana na casa de um vizinho. Eu frequento uma aula sobre como estudar a Bíblia. Eu costumava evitar cristãos que professavam sua fé, e agora estou me tornando um. Eu me deparo procurando oportunidades de compartilhar a Palavra e conversar com os outros sobre a minha fé em crescimento.

Eu parei de juntar dinheiro para a TV de tela plana, o que não importa já que não tenho mais muito tempo de assistir televisão. Reduzi as minhas contribuições para o plano de previdência e parei de olhar os extratos trimestrais. Eu deixei de tentar guardar o máximo de dinheiro possível e passei a tentar encontrar maneiras de dar parte das nossas economias, além das contribuições regulares à igreja e a várias caridades evangélicas dedicadas aos pobres e a outros ministérios. O mais estranho é que isso me traz mais alegria do que jamais experimentei com um extrato trimestral do plano de previdência que mostrasse lucro.

O que há errado comigo? Isso é loucura!!! O que você fez comigo?

O homem mundano que eu era um ano atrás não reconheceria o homem que eu estou me tornando. Eu era um homem que acreditava nas realidades deste mundo, que vivia o sonho americano, guardando riquezas para um futuro confortável, e buscando segurança num balanço financeiro positivo. Agora, eu creio, oro, e busco um relacionamento com um Deus que não consigo ver. Eu encontrei

salvação em Cristo, Quem eu não consigo ver. Anseio pela eternidade numa criação futura jamais vista. Agora busco segurança na minha fé. Tudo isso soaria uma tolice para o homem que eu era há um ano. Porém, o homem que eu era um ano atrás e a vida mundana que eu conhecia estão sendo destruídas. Obviamente, isso tem causado um impacto em mim, mas também tem impactado a minha família, com quem eu oro diariamente.

Eu queria que você e família da fé da Brook Hills tivessem consciência do papel que têm exercido em destruir a minha vida mundana. Eu também sinto uma necessidade de lhe avisar que, se você persistir em ensinar e viver a Palavra como está fazendo atualmente, é provável que cause um impacto similar na vida mundana de outros como eu. Espero que você perceba que terá que viver com o conhecimento das suas ações e seus efeitos na vida de outros por toda a eternidade. Eu estarei lá na eternidade para lhe lembrar do que você fez.

Atenciosamente,

Seu irmão em Cristo.

Eu louvo a Deus pelo que acontece quando a Igreja se reúne para demonstrar um Evangelho radical. De fato, a Igreja é o plano de Deus para multiplicar o Evangelho a todas as nações, e onde cristãos unem forças em comunidades de fé buscando a um Salvador radical. Os próprios portões do inferno não podem parar de propagar a glória de Deus. Então, esse é o passo final do Experimento Radical: comprometer a sua vida à uma comunidade de crentes que está intencionalmente multiplicando o Evangelho ao fazer discípulos.

Um Sonho

Esse é o Experimento Radical. Ao longo do próximo ano, orar pelo mundo inteiro, ler a Bíblia toda, sacrificar o seu dinheiro para um propósito específico, passar tempo em outro contexto, e dedicar a sua vida à uma comunidade multiplicadora. Você aceitará o desafio? Baseado em tudo que vimos, você irá tomar esses passos práticos para romper com a cultura egoísta e começar a render a sua vida a um Evangelho radical?

Pense no que você poderá sentir após um ano sendo intimamente exposto ao coração de Deus para cada nação do mundo. Contemple o que você poderá conhecer sobre a glória de Deus após um ano ouvindo Sua voz de perto. Pense em todas os bens que você tem agora e dos quais você perceberia que não precisa, e pense em todas as necessidades urgentes que seriam supridas como consequência do seu sacrifício. Pense aonde Deus pode levá-lo — perto ou longe, a um povo alcançado ou talvez a um povo não-alcançado que nunca ouviu o Evangelho até conhecer você. Reflita sobre a comunidade de fé que o rodearia enquanto você se encontra em relacionamentos que são o principal caminho através do qual a sua vida irá impactar o mundo.

O que acontece quando homens e mulheres começam a seguir a Cristo com todo seu coração em todo o mundo? Neste livro, eu tenho buscado abrir uma fenda da porta e oferecer um vislumbre de como isso pode ser. Porém, este livro é apenas isso: um vislumbre.

Eu quero ajudá-lo nisso. E quero conectá-lo com recursos e pessoas que, como você, estão numa jornada de seguir a Jesus radicalmente. Acesse o site que acompanha este livro (www.radicalthebook.com) para mais histórias, links, e suportes que podem tornar o seu experimento de um ano um sucesso. E, por favor, se Deus estiver fazendo algo especial na sua vida como resultado do seu Experimento Radical, conte a sua história no site para que outros possam ser encorajados.

Eu tenho muito mais para revelar sobre discipulado radical com Jesus, e a igreja da qual eu faço parte tem muito mais a explorar. Eu temo que, ao compartilhar algumas de suas histórias, eu tenha comunicado que tudo na nossa igreja está alinhado com a pessoa e o propósito de Cristo. Infelizmente não está. Nós temos um longo caminho pela frente. Eu também temo ter causado a impressão de que tudo flui tranquilamente e maravilhosamente quando tentamos recuperar a essência do Evangelho na Igreja. Deixe-me afirmar que o contrário é verdade. Eu tenho pensado que talvez seja bom incluir um capítulo extra cheio dos e-mails não tão positivos que recebo à medida que tenho tentado exercer as verdades centrais do Evangelho na nossa família da fé! Eu tenho falhas, e já cometi muitos erros. Eu tenho muito a aprender sobre o que significa ser pastor, e a grande evidência da graça de Deus é que a igreja que eu pastoreio tem ficado ao meu lado por tanto tempo. Eu a amo mais do que jamais poderia ter

imaginado quando comecei a liderá-la, e uma das alegrias mais profundas e imerecidas da minha vida é pastorear uma igreja que eu creio que, sob o poder do Espírito Santo de Deus, pode chacoalhar as nações para a glória Dele.

Nós temos visto o custo de seguir a Jesus. Desista de tudo que você tem. Venda os seus bens e dê aos pobres. Vá a lugares de grande necessidade e grande perigo, onde você talvez perca a sua vida. Dê a sua vida pela a glória de Cristo dentre as nações. O custo de tomar a sua cruz e seguir a Jesus é muito alto. Custa tudo que você tem. Porém, no final, a recompensa é doce. Você ganha mais do que jamais teve.

Nas palavras de Jesus: *"Ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, ou campos, por causa de Mim e do Evangelho, deixará de receber cem vezes mais, já no tempo presente... e, na era futura, a vida eterna"*.[5] Quando você faz as contas, na verdade isso não é nenhum sacrifício. Na introdução da biografia de Jim Elliot, sua esposa, Elisabeth, escreveu um resumo da vida e da morte dele que parece apropriado mencionar neste momento. Ela disse:

> O objetivo de Jim era conhecer a Deus. Seu caminho, a obediência — o único caminho que poderia levar ao cumprimento de seu objetivo. Seu fim foi o que alguns chamariam de morte extraordinária apesar de, ao enfrentar a morte, ele ter observado calmamente que muitos morreram por obediência a Deus.
>
> Ele e os outros homens com quem morreu foram saudados como heróis, "mártires". Eu não aprovo isso. Eles também não aprovariam.
>
> Afinal, a distinção entre viver por Cristo e morrer por Ele é tão grande? O segundo não é uma conclusão lógica do primeiro? Além disso, viver por Deus é morrer "*diariamente*" como disse o apóstolo Paulo. É perder tudo para que possamos ganhar Cristo. É, portanto, entregando a nossa vida que a encontramos.[6]

Como Elisabeth Elliot aponta, nem mesmo morrer como um mártir é classificado como obediência extraordinária quando seguimos a um Salvador que morreu numa cruz. De repente, a morte de um mártir parece uma obediência normal.

Então, o que acontece quando a obediência radical a Cristo se torna o novo normal? Você está disposto a ver? Você tem uma escolha. Você pode se apegar a tesouros de curto prazo que não pode manter, ou pode viver por tesouros de longo prazo que não pode perder: pessoas se entregando a Cristo; homens, mulheres, e crianças vivendo

porque agora têm comida; tribos não-alcançadas recebendo o Evangelho. E a satisfação total e absoluta de conhecer e experimentar a Cristo como o Tesouro acima de todos os outros.

Você e eu temos uma média de uns setenta ou oitenta anos nesta Terra. Durante esses anos, somos bombardeados com o temporário. Ganhar dinheiro. Comprar coisas. Ficar confortável. Viver bem. Divertir-se. E, no meio de tudo isso, ficamos cegos para o que é eterno. Porém, está logo ali. Você e eu estamos de pé no átrio da eternidade. Em breve iremos estar diante de Deus para prestar contas da administração do nosso tempo, dos nossos recursos, dos dons e, por fim, do Evangelho, que Ele nos confiou. Quando esse dia vier, estou convencido de que não desejaremos ter dado mais de si para viver pelas coisas deste mundo. Não desejaremos ter ganhado mais dinheiro, adquirido mais coisas, vivido de modo mais confortável, tirado mais férias, assistido mais televisão, buscado uma aposentadoria mais longa, ou ter sido mais bem-sucedido aos olhos deste mundo. Ao contrário, desejaremos ter dado mais de si para viver pelo dia em que toda nação, tribo, povos, e línguas se curvarão em volta do trono e cantarão louvores ao Salvador que tem prazer na obediência radical e ao Deus digno de adoração eternal.

Você está pronto para viver este sonho? Que não hesitemos por mais tempo.

Meu Experimento Radical

Eu concordo com a afirmação *RADICAL* de que posso encontrar satisfação e serviço real a Deus apenas na entrega total a Jesus. Então, por meio deste, eu me comprometo a um experimento de um ano vivendo radicalmente de acordo com o Evangelho… e a me tornar aberto para as mudanças permanentes que Deus quer efetuar na minha vida como resultado deste experimento.

Ao longo do próximo ano…

1. Eu irei orar pelo mundo inteiro.
Para tornar esse compromisso real na minha vida, aqui e agora, eu escolho especificamente

_____

_____

2. Eu irei ler a Bíblia toda.
Para tornar esse compromisso real na minha vida, aqui e agora, eu escolho especificamente

_____

_____

4. Eu irei sacrificar o meu dinheiro por um propósito específico.
Para tornar esse compromisso real na minha vida, aqui e agora, eu escolho especificamente

_____

_____

5. Eu irei passar tempo em outro contexto.
Para tornar esse compromisso real na minha vida, aqui e agora, eu escolho especificamente

_____

_____

6. Eu irei dedicar a minha vida a uma comunidade multiplicadora.
Para tornar esse compromisso real na minha vida, aqui e agora, eu escolho especificamente

_____

_____

Assinatura:
Data:

agradecimentos

Este trabalho é fruto da graça de Deus expressada a mim de inúmeras formas.

Eu estou muito agradecido a Randy, Sealy, e Jeana por acreditarem neste livro; ao Ken e ao pessoal da Multnomah por aceitá-lo; ao Dave por materializá-lo; ao Mark por mantê-lo real. Eu não mereço a gentileza que todos vocês me mostraram.

Estou muito agradecido ao meu pai, ao Eddie, ao Gregg, ao Franklin, e ao Jim por investirem suas vidas na minha. Eu oro para que na eternidade a minha vida se prove digna de tudo que você tem derramado sobre mim.

Estou muito agradecido aos líderes, funcionários, e membros da Igreja em Brook Hills por me darem o privilégio de ser o pastor de vocês. Nas palavras de Paulo: *"Meus irmãos, a quem amo e de quem tenho saudade, vocês que são a minha alegria e a minha coroa"*. (Fp 4:1).

Estou muito agradecido à minha família por me amar constantemente e me apoiar pacientemente. Mãe, obrigado por todos os sacrifícios que você faz pelos seus filhos e netos. Heather, Caleb, e Joshua, por favor saibam que a grande honra da minha vida é ser esposo e pai de vocês.

Que a graça de Deus em mim seja de grande efeito para Ele (João 3:30).

notas

Capítulo 1: Alguém por Quem Vale a Pena Perder Tudo

1. João 6:53
2. João 6:66-67
3. Lucas 9:57-58
4. Lucas 9:60
5. Lucas 9:62
6. Lucas 14:26
7. Lucas 14:27
8. Lucas 14:33
9. Marcos 10:17
10. Marcos 10:21
11. Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship* (O Custo do Discipulado) (New York: Simon and Schuster, 1995), 89.
12. Marcos 10:21
13. Mateus 13:44

Capítulo 2: Sedentos Demais pela Palavra

1. Criador Soberano: Neemias 9:6; Salmos 24:1-2. Conhece todas as coisas: Jó 37:16; 1 João 3:20. Sustenta todas as coisas: Salmos 36:6; 104:24-30. É Dono de todas as coisas: Deuteronômio 10:14. Santo: 1 Samuel 2:2. Justo: Deuteronômio 32:4. Justo em ira: Romanos 3:5-6. Amoroso: 1 John 4:16.
2. Habacuque 1:13
3. Salmos 5:5
4. João 3:16, 36
5. João 8:34; 2 Timóteo 2:26
6. Romanos 5:10-12; 6:23; 8:10; Efésios 2:1, 3; 5:14; Tiago 4:4
7. Mateus 26:39; ver também Salmos 75:8; Isaías 51:22; Jeremias 25:15; Apocalipse 14:10

8. Até mesmo as palavras de João a respeito de receber Jesus (João 1:12-13) são mal interpretadas hoje em dia a fim de comunicar uma aprovação mais casual de Cristo em vez de uma confiança Nele com todo o coração.
9. Mateus 7:21-23
10. Efésios 2:8-9

Capítulo 3: Começando no Fim de Nós Mesmos

1. João 15:5
2. 2 Coríntios 12:7-9
3. Josué 6:3-5
4. Atos 1:14
5. Atos 4:13
6. Atos 5:12
7. George Muller, *Answers to Prayer*, (Respostas de Oração) comp. A. E. C. Brooks (Chicago: Moody, n.d.), 9-10, ênfase do autor.
8. Luke 11:11-13
9. Matthew 7:11
10. João 14:15-19, KJV
11. João 16:13
12. Espírito de Sabedoria: Efésios 1:17. Espírito de Poder: Atos 1:8; 2. Timóteo 1:7. Fruto do Espírito: Gálatas 5:22-23.
13. João 14:12-14

Capítulo 4: O Grande Porquê de Deus

1. Gênesis 1:26-27
2. Gênesis 1:28
3. Gênesis 12:2-3
4. Êxodo 14:4
5. Daniel 3:28-29
6. Salmos 23:3; 67; Isaías 43:1-13
7. Ezequiel 36:22-23
8. Mateus 28:18-20; Marcos 16:15; Lucas 24:47-49; também Atos 1:8

9. Apocalipse 7:9-10

Capítulo 5: A Comunidade Multiplicadora

1. João 17:4
2. João 17:6, 10, 12, 13, 19
3. Mateus 28:18-20
4. Romanos 6:1-4
5. 1 Coríntios 12:12-13; Efésios 4:4-6

Capítulo 6: O Quanto é Suficiente?

1. Provérbios 28:27; Isaías 3:13-26; Jeremias 5:26-29; Amós 2:6-7; 4:1-3; 8:3-10; Lucas 6:24-26; Tiago 5:1-6
2. Mateus 25:41
3. Isso se aplica especialmente aos nossos irmãos em Cristo necessitados. Essa é a ênfase de Cristo em Mateus 25:31-36; o retrato da Igreja em Atos 2:42-47 e 4:32-37; e o objetivo de Paulo, Tiago, e e João em 2 Coríntios 8-9, Tiago 2, e 1 João 3, respectivamente.
4. Ver principalmente Tiago 2:14-26; 1 João 3:11-24.
5. Claramente, há muitas diferenças entre pecado sexual e pecado material. A questão aqui é simplesmente que somos tentados ao pecado tanto na nossa vida sexual quanto na nossa vida material, e em ambos os casos precisamos nos arrepender. A respeito da negligência como pecado, leia especialmente Tiago 4:17.
6. 1 Timóteo 6:17
7. 2 Coríntios 8:9
8. Lucas 16:25-26
9. Ouve: Jó 34:28. Alimenta: Salmos 68:10. Satisfaz: Salmos 22:26. Resgata: Salmos 35:10. Defende: Salmos 82:3. Levanta: 1 Samuel 2:8; Salmos 113:7. Garante Justiça: Salmos 140:12.
10. A falta de fé do homem rico é ainda mais evidenciada no final dessa história, onde Jesus afirma que os fariseus rejeitaram tanto o Filho de Deus como a Palavra de Deus.

11. Mais uma vez, eu quero ser muito cauteloso aqui para não dar a entender que ajudar aos pobres é a razão ou a base da nossa salvação. Como vimos no segundo capítulo, a obra de Cristo na Cruz é a base da nossa salvação, e a fé Nele é o meio pelo qual Deus nos salva. Um fruto da nossa fé é a preocupação com os pobres (ver Tiago 2:14 -19 e João 3:16-18). Então, o povo de Deus, quando estudar a verdade da Palavra de Deus e vir a necessidade ao seu redor no mundo, reagirá subsequentemente com a compaixão de Cristo.
12. Marcos 10:23-24
13. Gênesis 20:14-16; 26:12-15; 30:43; 47:27; Levítico 26:3-5, 9-13; Deuteronômio 28:1-14
14. 1 Reis 8:56-66
15. Marcos 10:21-26
16. Para uma discussão detalhada sobre essa afirmação, leia Craig L. Blomberg, *Neither Poverty nor Riches: A Biblical Theology of Material Possessions*, (Nem Pobreza nem Riquezas: Uma Teologia Bíblica de Bens Materiais) ed. D. A. Carson (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1999). Blomberg escreve: "O Novo Testamento levou adiante os principais princípios do Antigo Testamento e do judaísmo intertestamental com uma omissão notável: a riqueza material nunca foi prometida como recompensa garantida da obediência espiritual ou do simples trabalho duro". Ele continua: "A recompensa material da piedade nunca reaparece nos ensinamentos de Jesus e é explicitamente contrariada ao longo deles" (páginas 242, 145).
17. 1 Coríntios 6:19
18. Marcos 10:17, 21
19. Jesus nos ensina que esse tipo de fé somente é possível pela graça de Deus (Marcos 10:27).
20. Em Lucas 12:33, Jesus reitera o mesmo mandamento: *"Vendam o que têm e deem esmolas"*.
21. Robert H. Gundry, *Matthew: A Commentary on His Handbook for a Mixed Church under Persecution*, (Mateus: Um comentário sobre Seu Manual para uma Igreja Mista em Perseguição), 2nd ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 388.

22. Lucas 14:33
23. Marcos 10:17
24. Lucas 12:32-33
25. 1 Timóteo 6:9
26. Charles Edward White, *"Four Lessons on Money from One of the World's Richest Preachers"*, (Quatro Lições sobre Dinheiro de Um dos Pregadores Mais Ricos do Mundo), *Christian History* 7, no. 19 (1998): 24.
27. 2 Coríntios 8:14; 9:11
28. 2 Coríntios 8:14
29. John Calvin, *Commentary on the Epistles of Paul the Apostle to the Corinthians* (Comentário sobre as Epístolas do Apóstolo Paulo aos Coríntios), trans. John Pringle (Grand Rapids: Baker Books, 2003), 1:297.
30. John Calvin, *Calvin: Institutes of the Christian Religion* (Calvin: Institutos da Religião Cristã), ed., John T.McNeill, trans. Ford Lewis Battles (Philadelphia: Westminster, 1960), 2:1098.
31. Calvin, *Commentary on the Epistles*, 1:297. (Comentário sobre as Epístolas)
32. 1 Timóteo 6:18
33. 2 Coríntios 8:2
34. Marcos 10:28
35. Tiago 1:27
36. Provérbios 6:6-8; 21:20; Lucas 12:16-21; Tiago 5:1-6
37. Marcos 10:22
38. Mateus 6:21

Capítulo 7: Não Há Nenhum Plano B

1. É interessante que Paulo tenha escrito o livro de Romanos para convencer os cristãos daquela cidade a ajudá-lo a levar o Evangelho às pessoas que nunca haviam ouvido. Especificamente, ele queria ir à Espanha (Romanos 15:24). Sua ambição era *"pregar o Evangelho onde Cristo ainda não era conhecido"* (versículo 20), e o povo da Espanha nunca havia ouvido de Cristo. Além disso, estou agradecido a R. C. Sproul por seu breve resumo sobre o destino dos não evangelizados em *Reason to Believe: A Response to Common Objections to*

Christianity (Razão para Crer: Uma Resposta às Objeções Comuns ao Cristianismo) Grand Rapids: Zondervan, 1982, 58—59. Os pensamentos que eu compartilho aqui são o desenvolvimento de várias verdades propostas por ele.

2. Romanos 1:19-20
3. Romanos 1:21
4. Romanos 1:21
5. Romanos 1:21-25
6. Romanos 1:25
7. Romanos 1:24, 26, 29-31
8. Romanos 3:10-12
9. Romanos 3:19
10. Romanos 3:20
11. Esse é o caso que Paulo constrói quando compara judeus e gentios em Romanos 2:12-16.
12. Romanos 3:21-22
13. Romanos 5:1
14. Romanos 10:9-10
15. Romanos 10:13-15
16. Atos 10

Capítulo 8: Viver Quando Morrer é Ganho

1. Mateus 10:39
2. Mateus 10:8
3. Mateus 10:16
4. Mateus 10:21
5. Mateus 10:22
6. Mateus 10:23
7. 2 Timóteo 3:12
8. Mateus 10:24-25
9. Lucas 6:40
10. Filipenses 1:29

11. Mateus 10:26, 28, 31
12. Mateus 10:29
13. Colossenses 1:24
14. Atos 8:1, 4
15. Mateus 10:30-31
16. Mateus 10:28
17. Filipenses 1:21
18. Apocalipse 12:11
19. John G. Paton, *John G. Paton, D.D., Missionary to the New Hebrides: An Autobiography* (John G. Paton, D.D., Missionário às Novas Hébridas: Uma Autobiografia), London: Hodder and Stoughton, 1891, 56.
20. Elisabeth Elliot, *Shadow of the Almighty: The Life and Testament of Jim Elliot* (A Sombra do Altíssimo: Vida e Testamento de Jim Elliot), San Francisco: Harper Collins, 1979), 132.
21. Norman Grubb, *C. T. Studd: Cricketer and Pioneer* (C. T. Studd: Jogador de Cricket e Explorador), Fort Washington, PA: CLC Publications, 2001), 120-21.
22. Hebreus 11:16
23. Erich Bridges, *Worldview: Remembering a Young Woman Who Followed God to the Desert*, (Visão de Mundo: Lembrando de uma Jovem que Seguiu Deus ao Deserto), Baptist Press, 1 de agosto, 2002, www.bpnews.net/printerfriendly.asp?ID=13951.

Capítulo 9: Experimento Radical

1. Mateus 9:36-38
2. 2 Coríntios 4:4-6
3. Mateus 6:9-15; 2 Timóteo 3:16-17
4. Mateus 6:19-21
5. Marcos 10:29-30
6. Elisabeth Elliot, *Shadow of the Almighty: The Life and Testament of Jim Elliot* (A Sombra do Altíssimo: Vida e Testamento de Jim Elliot), San Francisco: HarperCollins, 1979, 9—10.

Sobre o Autor

O Dr. David Platt é autor do livro *Radical*, best-seller do *New York Times*, e sua continuação, *Radical Together: Unleashing the People of God for the Purpose of God* (Radicais Juntos: Liberando o Povo de Deus para o Propósito de Deus). Ele também é o pastor presidente da Igreja em Brook Hills em Birmingham, no Alabama.

O primeiro amor de David no ministério é fazer discípulos — ensinar a Palavra de Deus, discipular pessoas, e multiplicar o Evangelho. "Eu creio que Deus criou cada um de Seu povo de forma única para impactar o mundo", diz ele. "Deus está no ramo de abençoar Seu povo para que Seu caminho e Sua salvação sejam conhecidos dentre todos os povos." Para isso, David tem viajado pelos Estados Unidos e por todo o mundo, ensinando a Bíblia e treinando líderes de igrejas.

David possui duas graduações pela Universidade da Geórgia e três pós-graduações, incluindo um doutorado em Filosofia pelo Seminário Teológico Batista de Nova Orleans. Antes de ir para Brook Hills, ele serviu ao seminário como reitor da capela e professor adjunto de pregação expositiva e apologética, e fazia parte da equipe de funcionários da Igreja Batista Edgewater em Nova Orleans.

David e sua esposa, Heather, são naturais de Atlanta que viveram em Nova Orleans até serem deslocados pelo Furacão Katrina. Eles vivem com sua família em Birmingham.

Para saber mais sobre David Platt, acesse:
www.disciplemakingintl.org.